



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
CURSO DE DOUTORADO**

Mary Katherine Araujo de Souza

**A LINGUAGEM MÍTICA COMO PODER CRIADOR DA FÉ:
uma análise da Confissão Positiva como dispositivo de construção identitária
sociorreligiosa**

**Recife,
2025**

FICHA CATALOGRÁFICA

S729I Souza, Mary Katherine Araujo de.

A linguagem mítica como poder criador da fé :
uma análise da Confissão Positiva como dispositivo
de construção identitária sociorreligiosa / Mary
Katherine Araujo de Souza, 2025.

160 f. : il.

Orientador: Luiz Carlos Luz Marques.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências
da Religião. Doutorado em Ciências da Religião, 2025.

1. Pentecostalismo. 2. Dissonância cognitiva.
3. Hermenêutica. 4. Barthes, Roland, 1915-1980.
5. Barthes, Roland, 1915-1980. I. Título.

CDU 284.57

Luciana Vidal - CRB 4/1338

Recife, 2025

Mary Katherine Araujo de Souza

**A LINGUAGEM MÍTICA COMO PODER CRIADOR DA FÉ:
uma análise da Confissão Positiva como dispositivo de construção identitária
sociorreligiosa**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – Doutorado, da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, Área de Concentração: Religião, Cultura e Sociedade; Linha de Pesquisa: Tradições e experiências religiosas: Cultura e Sociedade, como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Luiz Carlos Luz Marques,
Doutor em História Religiosa

Recife, 2025

Pesquisa intitulada “A Linguagem Mítica como poder criador da fé: uma análise da Confissão Positiva como dispositivo de construção identitária sociorreligiosa”, de autoria de Mary Katherine Araujo de Souza, submetida ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião – Doutorado, da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de doutora, aprovada pela banca examinadora composta pelas e pelos docentes:

MEMBROS:

Documento assinado digitalmente
 **LUIZ CARLOS LUZ MARQUES**
Data: 01/03/2026 15:45:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques (UNICAP)
Presidente da banca examinadora (orientador)

Documento assinado digitalmente
 **LUIS CARLOS DE LIMA PACHECO**
Data: 02/03/2026 10:42:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luis Carlos de Lima Pacheco, UNICAP
1º examinador interno

Documento assinado digitalmente
 **JOSE FABRICIO RODRIGUES DOS SANTOS CABI**
Data: 02/03/2026 10:49:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Fabrício Rodrigues dos Santos Cabral, UNICAP
2º examinador interno

Documento assinado digitalmente
 **CARLOS ANDRE SILVA DE MOURA**
Data: 02/03/2026 10:31:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura, UPE
1º examinador externo

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANA MARIA FERREIRA COUTINHO BARBOS/**
Data: 02/03/2026 09:22:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Adriana Maria Ferreira Barbosa Coutinho Chaves, FUNDAJ
2ª examinadora externa

Data a aprovação: Recife, 18 de dezembro de 2025.

Dedicatória

A Deus, autor da Vida e fonte primeira de todo sentido,
cujas presença silenciosa sustenta cada passo desta caminhada

À minha querida filha Allana Katherine de Souza Campos, razão do meu amor mais
profundo, inspiração diária e expressão viva da esperança que me move

e à minha mãe Marajoara Araujo de Souza, por sua força, coragem e amor
incondicional

AGRADECIMENTOS

NESSA TRAJETÓRIA DA MINHA VIDA, HÁ MUITO A AGRADECER....

A DEUS, O MESTRE DA VIDA, DOADOR DA FÉ, ESPERANÇA E CAPACITAÇÃO.

AOS MEUS PAIS, JOSÉ ALVES DE SOUZA E MARAJOARA ARAUJO DE SOUZA QUE SONHARAM COM UMA FILHA PORTADORA DE UM DIPLOMA DE NÍVEL SUPERIOR E, HOJE, NESSE SONHO, CONSEGUIMOS MUITO MAIS.

A MINHA FILHA ALLANA KATHERINE DE SOUZA CAMPOS QUE AO VIR FAZER PARTE DESSE MUNDO, TORNOU-ME UM SER HUMANO MELHOR A CADA DIA. A DÁDIVA DE SER MÃE TORNA UMA MULHER MAIS FORTE A CADA SUSPIRO DE VIDA.

AOS MEMBROS DA IGREJA EVANGÉLICA VERBO DA VIDA VILA POPULAR, EM OLINDA/PE, POR FAZEREM PARTE DESTA TRAJETÓRIA, ONDE SE DISPUSERAM A DOAR PARTE DO SEU TEMPO PARA A REALIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL.

AO PASTOR ALDEMIR CAETANO PELA PERMISSÃO DA EXECUÇÃO DA PESQUISA NA REFERIDA IGREJA E PELO GRANDE APOIO.

AO MEU ORIENTADOR, PROF. DR. LUIZ CARLOS LUZ MARQUES, PELA OPORTUNIDADE E ESTÍMULO À AUTONOMIA, PELO ACOLHIMENTO QUE TANTO NECESSITEI DURANTE ESSA CAMINHADA; SEM A SUA EMPATIA NÃO SERIA POSSÍVEL MINHA REALIZAÇÃO PESSOAL.

AOS PROFESSORES DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO PELA COMPETÊNCIA, SÉRIE E ESTÍMULO À PESQUISA.

À DANIELLE MENDES DE OLIVEIRA FRANÇA, COMPONENTE DA SECRETARIA DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU, QUE, EM MUITAS OCASIÕES, AJUDOU-ME NA MELHOR FORMA DE PROCEDER EM LINHA COM O REGIMENTO INTERNO DO PROGRAMA. SEMPRE ATENCIOSA, CUIDADOSA E COM SORRISO NOS LÁBIOS.

À CAPES, PELO INCENTIVO IMPORTANTE PARA A CONCRETIZAÇÃO DESSE PROJETO PESSOAL.

EPÍGRAFE

*“Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste.
Ele é a Cabeça da igreja, que é o seu Corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito dos
mortos, (tendo em tudo a primazia), pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a
Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus,
realizando a paz pelo sangue da sua cruz.”*

Apóstolo Paulo (Cl. 1: 17-20)

RESUMO

Este estudo investiga a doutrina da Confissão Positiva em igrejas neopentecostais, com foco na Igreja Evangélica Verbo da Vida, analisando sua manifestação, o modo como os fiéis lidam com promessas não realizadas, os motivos que os levam a permanecer e sua compreensão como um mito. A pesquisa contextualiza as raízes da Confissão Positiva no Movimento do Novo Pensamento do século XIX, sistematizadas e expandidas por Essek William Kenyon e Kenneth Erwin Hagin, no século XX, enfatizando a "fé do coração" e o poder criador da palavra proferida, fundamentada em uma hermenêutica bíblica literal e utilitarista. A metodologia empregou uma abordagem qualitativa, combinando uma extensa revisão bibliográfica e documental com observação participante em eventos e cultos da Igreja Evangélica Verbo da Vida, complementada por entrevistas em grupo focal com membros. Para a análise, utilizou-se a teoria do mito de Roland Barthes, interpretando a Confissão Positiva como um sistema semiótico secundário, e a teoria da dissonância cognitiva de Leon Festinger, para elucidar a gestão das expectativas dos fiéis. Os resultados demonstram que a Confissão Positiva funciona como um "mito vivo" no sentido barthesiano, reconfigurando significados bíblicos para construir uma nova realidade para os aderentes e fortalecer sua identidade coletiva e sociorreligiosa. Constatou-se que a não concretização de bênçãos é gerenciada pelos membros por meio de mecanismos de redução da dissonância cognitiva, atribuindo-a à insuficiência de fé pessoal, a impedimentos espirituais ou à soberania divina, o que, paradoxalmente, reforça seu compromisso. O estudo aponta para uma potencial lacuna no suporte psicológico para membros que enfrentam frustrações por expectativas não atendidas. Este trabalho oferece uma análise crítica e interdisciplinar, integrando fenomenologia, sociologia e teologia, e realça o papel da fé na construção identitária, evidenciando como a linguagem religiosa se adapta e se renova no neopentecostalismo brasileiro contemporâneo através de narrativas míticas.

Palavras-chave: Dissonância Cognitiva; Neopentecostalismo; Hermenêutica; Roland Barthes; Kenneth Hagin.

ABSTRACT

This study investigates the doctrine of Positive Confession within Neo-Pentecostal churches, focusing on the Igreja Evangélica Verbo da Vida, analysing its manifestation, how adherents cope with unfulfilled promises, their reasons for remaining, and its understanding as a myth. The research contextualises the roots of Positive Confession in the 19th-century New Thought Movement, systematised and expanded by William Kenyon and Kenneth Erwin Hagin, in the 20th-century, emphasising "heart faith" and the creative power of spoken words, founded upon a literal and utilitarian biblical hermeneutics. The methodology employed a qualitative approach, combining extensive bibliographic and documentary review with participant observation in events and services of the Igreja Evangélica Verbo da Vida, complemented by focus group interviews with members. For the analysis, Roland Barthes' theory of myth was used, interpreting Positive Confession as a secondary semiotic system, alongside Leon Festinger's theory of cognitive dissonance to elucidate how adherents manage their expectations. The findings demonstrate that Positive Confession functions as a "living myth" in the Barthesian sense, reconfiguring biblical meanings to construct a new reality for its followers and to strengthen their collective and socio-religious identity. It was observed that the non-materialisation of blessings is managed by members through cognitive dissonance reduction mechanisms, attributing it to insufficient personal faith, spiritual impediments, or divine sovereignty, which paradoxically reinforces their commitment. The study highlights a potential gap in psychological support for members experiencing frustration due to unfulfilled expectations. This work offers a critical and interdisciplinary analysis, integrating phenomenology, sociology, and theology, and underscores the role of faith in identity construction, demonstrating how religious language adapts and renews itself in contemporary Brazilian Neo-Pentecostalism through mythical narratives.

Keywords: Cognitive Dissonance; Neo-Pentecostalism; Hermeneutics; Roland Barthes; Kenneth Hagin.

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Comparativo das traduções bíblicas	14
Quadro 2: Comparação das definições sobre o significado “confissão positiva”	19
Quadro 3: Comparativo entre dicotomia e tricotomia.....	31
Quadro 4: Categorias temática e autores	50
Quadro 5: Visão Cronológica das Raízes da Confissão Positiva.....	52
Quadro 6: Comparativo das visões doutrinárias de Kenyon e Hagin.....	55
Quadro 7: Accomplishing the Vision – Realizando a Visão	58
Quadro 8: Elementos do significante mítico.....	64
Quadro 9: Elementos do signo (1) / significante (2).....	65
Quadro 10: Semiologias do Movimento Novo Pensamento e semiologias do Mito .	67
Quadro 11: Sistemas Primário e Secundário	68
Quadro 12: Fluxograma da magnitude da dissonância cognitiva	72
Quadro 13: Romanos 10:10 parte 1	81
Quadro 14: Romanos 10:10 parte 2	82
Quadro 15: Os dois pilares fundamentais da confissão positiva.....	83
Quadro 16: A ênfases bíblicas da relevância da fé ativa e confiante.....	85
Quadro 17: Romanos 10:17 - ἄρα πίστις ἐκ ἀκοῇ δέ ἀκοή διὰ ῥήμα θεός.	87
Quadro 18: Evolução do Ministério Verbo da Vida	96
Quadro 19: Seleção das obras publicadas utilizadas	109

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2. A CONFISSÃO POSITIVA: ORIGENS, DEFINIÇÕES E SEU PRINCIPAL EXPOENTE	27
2.1 A base mística da confissão positiva	30
2.2 As supostas raízes da Confissão Positiva.....	33
2.2.1 Emanuel Swedenborg, o espiritualista	34
2.2.2 Phinéias Parkhust Quimby, o mentalista	36
2.2.3 Essek William Kenyon, o fundador do Movimento da Fé.....	45
2.2.4 Kenneth Erwin Hagin, o expoente da confissão positiva	53
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DA PESQUISA	60
3.1 A pesquisa bibliográfica.....	60
3.2 A estratégia metodológica.....	61
3.3 Aplicação e análise da pesquisa.....	62
3.3.1 Leitura e reflexão do pensamento de Roland Barthes	63
3.3.2 Dissonância cognitiva, o estado mental do desconforto psicológico.	69
3.3.3 Os Entrevistados.....	76
4. OS PILARES DA CONFISSÃO POSITIVA E A IGREJA DA FÉ	78
4.1 Os pilares e o funcionamento da Confissão Positiva	80
4.2 A instituição religiosa Igreja Evangélica Verbo da Vida.....	90
4.2.1 O surgimento da Igreja Evangélica Verbo da Vida no Brasil.....	90
4.2.2 O nascimento da Igreja Verbo da Vida no Nordeste	93
4.2.3 O Ministério Verbo da Vida.....	95
4.2.4 A legitimação da Doutrina.....	96
5. AS INFLUÊNCIAS DA CONFISSÃO POSITIVA NA VIDA SOCIAL DOS FIÉIS A PARTIR DA HOMILIA DOS LÍDERES E DOS DISCURSOS DOS PARTICIPANTES	100

5.1 O poder simbólico do discurso não secular.....	101
5.2 A descontextualização do símbolo sagrado.....	105
5.3 Revisão da literatura de Kenneth Hagin.....	108
5.3.1 A unção da Cura.....	110
5.3.2 O nome de Jesus	115
5.4 A fé que move montanhas.....	118
5.5 As possibilidades da influência dos discursos na vida dos fiéis.....	126
6 RESULTADOS DA PESQUISA	129
7 CONCLUSÃO	146
REFERÊNCIAS	153

1 INTRODUÇÃO

No livro intitulado *Sapiens: uma breve história da humanidade*, Yuval Harari escreve: “As verdades são estabelecidas e grupos sociais são formados em torno dessas verdades, por acreditarem na existência delas” (Harari, 2015, p. 30). É exatamente nesse ponto que encontramos a base para o estabelecimento da doutrina da Confissão Positiva. Neste trabalho, a Confissão Positiva será abordada como um “preceito”, termo que enfatiza seu caráter de regra e ensinamento prático. Essa escolha terminológica, justificada no Capítulo 2, visa diferenciá-la de uma “doutrina” no sentido de um sistema teológico abrangente. Da crença nessas “verdades” - “verdades” para um grupo, não necessariamente para outro -, emerge um postulado axiomático, sustentado por pilares “sólidos” no tocante a conceitos, usos e costumes de uma identidade sóciorreligiosa, que se estrutura a partir dessas verdades estabelecidas e, por isso, não questionadas. É neste momento que se estabelece a necessidade de distinguir – e não dissociar – o conhecimento do pensamento. É preciso estabelecer as condições de possibilidade do pensamento, evitando pensar apenas nas coisas em si, como se o ser humano estivesse aquém do espaço e do tempo, para não se perder em devaneios, ilusões ou afirmações arbitrárias, conforme Villas Boas (2020, p. 24).

No que tange às “verdades” relacionadas à Confissão Positiva – instrumento amplamente utilizado na Teologia da Prosperidade – cujo questionamento crítico constitui o tema central desta tese, é imprescindível destacar as práticas assumidas por meio de símbolos, personagens e ritos, cujo sentido só é plenamente compreensível por quem interpreta a religião que os sustenta. Assim, empreendemos uma releitura crítica da ἀλήθεια¹ referente à Confissão Positiva, expondo textos que a fundamentam e que estão presentes em narrativas basilares do judaísmo e do cristianismo – textos que, para as Ciências da Religião, são chamados de Bíblia, e para os fiéis, de Sagradas Escrituras. Essa releitura constituiu um dos caminhos metodológicos adotados por esta pesquisa.

¹ *Alétheia* (em grego clássico: ἀλήθεια; romaniz.: *Alétheia*, lit. verdade, no sentido de desvelamento: de *a-*, negação; e *lethe*, “esquecimento”), para os antigos gregos, designava a verdade e a realidade, simultaneamente.

Dentro da religião cristã evangélica de matriz neopentecostal, há uma certeza inquestionável: a fé² é a força que move os fiéis. Trata-se de uma fé ancorada nas Escrituras Sagradas – a Bíblia – que ocupa um lugar de símbolo sagrado e normativo para esse grupo social. Dela, os representantes religiosos e fiéis extraem suas crenças, doutrinas, rituais e discursos.

Nesta perspectiva, é imperioso destacar o texto bíblico áureo de Hebreus 11.1-2, que impulsionou o chamado Movimento da Fé, conforme os moldes de seu maior propagador – Kenneth Erwin Hagin – e que foi trazido para o Brasil por um casal de norte-americanos, tendo sido institucionalizado com a fundação da Igreja Evangélica Verbo da Vida. Torna-se relevante comparar traduções diferentes do texto bíblico citado, com o objetivo de perceber nuances na exatidão das versões utilizadas por cristãos protestantes históricos e evangélicos. Além disso, em contextos religiosos como o neopentecostalismo, onde a leitura bíblica frequentemente é marcada por uma hermenêutica literal e utilitarista, a escolha de uma determinada tradução pode reforçar ou enfraquecer princípios teológicos como a Confissão Positiva, a Teologia da Prosperidade ou a cura pela fé.

Constatam-se variações significativas nas diferentes vertentes tradutórias das Escrituras, especialmente nas versões selecionadas: Bíblia Almeida Revista e Atualizada (ARA), Bíblia Nova Versão Internacional (NVI), Nova Bíblia de Jerusalém (NBJ) e a Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB), conforme se apresenta a seguir.

Quadro 1: Comparativo das traduções bíblicas

BÍBLIA ARA	BÍBLIA NVI	BÍBLIA JERUSALÉM	BÍBLIA TEB
Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem. Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho.	Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos. Pois foi por meio dela que os antigos receberam bom testemunho.	A fé é a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se veem. Foi ela que valeu aos antigos seu belo testemunho.	A fé é um modo de possuir desde agora o que se espera, um meio de conhecer realidades que não se veem. Foi ela que valeu aos ancestrais um bom testemunho.

² O termo grego πίστις (pístis), conforme William D. Mounce (2013, p. 491), significa fé, crença ou persuasão sólida.

Fonte: a autora

A leitura comparativa das traduções selecionadas permite depreender que a noção de fé é articulada de, ao menos, três formas distintas: “fé é a certeza das coisas”, “fé é a garantia dos bens” e “fé é um modo de possuir”. Essas variações não indicam inconsistência por parte dos copistas, conforme mostram as pesquisas. No livro *Variantes Textuais do Novo Testamento*, Roger L. Omanson (2010, p. 481) comenta:

O copista escreveu, de forma irrefletida, *πραγμάτων ανάστασις* (*pragmatōn anástasis* = de fatos [a] ressurreição) em lugar de *υπόστασις, πραγμάτων* (*hypóstasis pragmatōn*). Há muita discussão em torno do significado da palavra *υπόστασις*. Entre as principais possibilidades de tradução estão as seguintes: “Ora, a fé é a certeza (*υπόστασις*) de coisas que se esperam” (ARA, NTLH, NRSV); “A fé dá substância (*υπόστασις*) às nossas esperanças” (REB); e “A fé é garantia antecipada (*υπόστασις*) do que se espera” (NBJ). Nenhuma tradução adota a variante textual, que poderia ser traduzida por “Ora, **a fé é a ressurreição de coisas** que se esperam” (Omanson, 2010, p. 481, grifo nosso).

Nesta citação, Omanson enfatiza que o termo grego *υπόστασις* (*hypostasis*) pode oscilar entre “firme fundamento”, “certeza” ou “garantia”, cada uma projetando sentidos teológicos específicos. O autor entende que tais variações textuais e tradutórias não devem ser vistas como falhas, mas como reflexos da complexidade do processo de transmissão textual e da riqueza interpretativa inerente ao texto bíblico (Omanson, 2010, p. 16-17).

O termo grego *πίστις* (*pístis*) comumente transliterado como “fé”, no âmbito da Confissão Positiva, ultrapassa a noção de uma certeza meramente projetada no porvir. Nesse horizonte teológico, trata-se de um tipo de fé que, ao ser professada, traz à existência o que é objetivado; construindo um axioma religioso, no qual a palavra proferida (a confissão) atua como um **veículo** da realização espiritual e material da promessa.

Dentre as quatro traduções examinadas, destaca-se a Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB) que, embora não esteja entre as versões tradicionalmente utilizadas por Kenneth Hagin, apresenta uma equivalência conceitual que converge com sua compreensão teológica expressa na sua obra *O que é a fé?*: “Ora, a fé é. Se não é agora, não é fé” (Hagin, 2023, p. 4).

Embasado nesse princípio de fé cristã, citava em suas homilias a convicção de que todo o cristão deve esperar uma vida plena, isenta de doenças e males. Em defesa dessa compreensão, Hagin (1917, p. 162), recorreu ao Dicionário Vine para aprofundar o uso do termo confessar. Segundo a obra:

Do verbo grego *homologeō* (ὁμολογέω), literalmente. "falar a mesma coisa" (formado de *homos*. "mesmo". e *legō*, "falar"), "consentir, corresponder, concordar com", denota: (a) "confessar, declarar, admitir" (Jo 1.20; por exemplo. At 24.14 e Hb 11.13); (b) "confessar à guisa de admitir-se culpado do que se é acusado, o resultado de convicção interior" (1 Jo 1.9); (c) "declarar abertamente a modo de falar livremente, sendo tal confissão o efeito de profunda convicção dos fatos"; "declarar abertamente ao pronunciar-se livremente, sendo que tal confissão é o efeito da profunda convicção dos fatos (Vine, 2002, p. 491).

É possível observar que nas comunidades neopentecostais, a fé se manifesta como "autoridade espiritual" – capaz de moldar a realidade do cristão – podendo gerar conflitos com outros segmentos evangélicos e protestantes históricos, pois a confissão positiva não possui, segundo alguns estudiosos, uma historicidade bíblica consolidada. Sua fundamentação repousa sobre duas premissas: o espiritualismo (como dimensão profunda do ser, conforme Boff, 2000, p. 99) e o experiencialismo (como elaboração interior da espiritualidade).

A íntima relação de comunhão com o Deus bíblico é exaltada nas obras de Hagin e exterioriza-se, por exemplo, na seguinte confissão criada pelo autor:

Confissões (Diga em voz alta): Sou crente. Não sou dos que duvidam. Realmente tenho fé. A minha fé funciona. A minha fé está em Deus Pai. A minha fé está na Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus. Creio na Palavra de Deus. Logo, creio em Deus. A Palavra de Deus funcional! (Hagin, 1987, p. 31).

Nesta passagem, identificamos que, entre os membros de comunidades cristãs que seguem a linha da confissão positiva, existe um laço religioso e uma influência que podemos inferir (possibilidade) como um modo de poder. Convém destacar a contribuição da sociologia de Max Weber (1864-1920), cuja abordagem, conforme apresentada por Villas Boas (2020, p. 112), ressalta a importância do poder religioso na configuração das dinâmicas sociais:

Weber precisamente acentua duas principais características da dimensão da sociologia da religião: (i) a geração de um **laço social** e

ao mesmo tempo (2) um **modo de poder**. Consequentemente, como apontam Hervieu-Léger e Willaime (2001), a sociologia weberiana das religiões se dedica a definir dois tipos de comunalização religiosa (*religiöse Vergemeinschaftung*) e tipos de autoridade religiosa, pois o próprio Weber desenvolve sua sociologia da religião como parte da sociologia da dominação, dando ênfase, portanto, aos “modos de exercício do poder religioso”, sendo próprio da atividade religiosa “regular as relações das potências ‘sobrenaturais’ com os homens” (Hervieu-Léger; Willaime, 2001, p. 38, tradução nossa).

No que concerne ao recorte exposto, torna-se necessário destacar que se afirma um forte laço religioso e se infere um modo de poder. Esse laço religioso também pode ser visto como uma aceitação coletiva, mediante a sua estrutura de plausibilidade, da ideia da confissão positiva como crença. A religião é uma coisa eminentemente social e as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas (Durkheim, 1996, p. XVI). Essas realidades exteriorizadas através da religião e de suas crenças não fogem do processo de socialização do indivíduo.

Peter Berger, no clássico “O Dossel Sagrado”, traz a teoria de que a construção e manutenção de mundo pode acontecer sim, através da religião. O significado atribuído à realidade não é estático, mas se desenvolve em um processo dialético no qual a perda ou o enfraquecimento de determinados sentidos coexistem com a criação ou o fortalecimento de novos significados. Os autores destacam que tal dinâmica se manifesta de forma particularmente evidente no campo religioso, onde transformações históricas e culturais frequentemente levam ao abandono de determinadas crenças e à emergência de novas formas de interpretação e prática (Berger; Luckmann, 2012, p. 43). Nada é fixo. O sentido que damos às coisas na vida passa por um processo dinâmico. Dessa forma, a socialização do indivíduo, em seu processo peculiar, infere que ele apreenda os sentidos objetivados, identifique-se com eles e seja modelado por eles.

Outro ponto essencial quanto ao instrumento da confissão positiva está no âmbito da alma e do espírito humano. Houve, de nossa parte, a necessidade de transitar pela teoria da Natureza Constitucional do Homem, em uma perspectiva teológica, contida na temática da Antropologia Teológica. A escolha por essa vertente do conhecimento foi idealizada para expor com precisão duas situações: a alma como um elemento psicológico, a base da razão, da emoção e das relações sociais, e o

espírito – um elemento religioso – que permite aos homens perceber questões espirituais (Erickson, 1997, p. 228). Com base nessa estrutura antropológica, a distinção entre alma e espírito no nosso entendimento quanto à Confissão Positiva é o de que esta é um preceito veiculador que move o sistema de crenças da teologia da prosperidade, não se confundindo, contudo, com a doutrina da prosperidade em si. D.R. McConnell intitulou-a como “o empurrão espiritual” (1988, p. 139, tradução nossa).

Este estudo também irá abordar o recorrente conflito conceitual entre Confissão Positiva e Teologia da Prosperidade, frequentemente associadas. Demonstrará que eles não são sinônimos. A sobreposição conceitual entre ambos os termos é fruto, em grande medida, da apropriação midiática e da retórica pastoral que, ao enfatizar os resultados práticos da fé, obscurece suas distinções.

Ao analisar criticamente a interligação entre prosperidade e mercado, o antropólogo Simon Coleman (2000, pp. 28–30) enfatizou que a Confissão Positiva funciona como um dispositivo simbólico que legitima as expectativas de resultados tangíveis. Nesse sentido, o equívoco reside não apenas no campo teórico, mas também na forma como essas categorias são operacionalizadas na práxis religiosa cotidiana.

Ante o exposto, antes de adentrarmos nas definições relacionadas a confissão positiva, abriremos um parêntese relativo ao conceito de neopentecostalismo. Este pode ser compreendido como uma configuração religiosa contemporânea situada no interior do campo pentecostal, frequentemente identificada pela literatura especializada como a terceira onda do pentecostalismo, emergente a partir da segunda metade do século XX. Trata-se de um movimento marcado por uma reelaboração teológica e simbólica da experiência cristã, cuja centralidade desloca-se da ética ascética e escatológica do pentecostalismo clássico para uma teologia pragmática da eficácia, orientada à obtenção de resultados imediatos no âmbito material, emocional e espiritual. Nesse contexto, elementos como a teologia da prosperidade, a guerra espiritual, a confissão positiva e a legitimação religiosa do sucesso econômico assumem papel estruturante na construção do discurso e da prática religiosa (MARIANO, 2012, p.34).

Sob a perspectiva fenomenológica e sociológica, o neopentecostalismo opera uma reconfiguração do sentido do sagrado, na qual a experiência religiosa assume caráter instrumental, funcional e operacional. Como aponta Oro (1996, p. 71), trata-se de uma forma de cristianismo profundamente pragmática, na qual a fé é mobilizada como meio eficaz para a transformação das condições concretas de vida. Mariz (1994, p. 92), por sua vez, destaca que essa reinterpretação do sofrimento e da ação divina contribui para a forte adesão do neopentecostalismo em contextos urbanos marcados por vulnerabilidade social, uma vez que oferece uma narrativa religiosa capaz de coproduzir sentido e expectativa de ascensão, articulando linguagem teológica, práticas, rituais e promessas de eficácia simbólica.

Tal reconfiguração pragmática da experiência religiosa encontra sua expressão mais característica no **uso da linguagem como meio privilegiado de mediação com o sagrado**. No interior do neopentecostalismo, a fé não se manifesta apenas por meio de crenças ou disposições interiores, mas é operacionalizada discursivamente, sobretudo pela **verbalização intencional daquilo que se espera alcançar**. É nesse horizonte que se inscrevem as formulações acerca da confissão positiva. Os autores Mariano (2012), Romeiro (2005) e Simões (2000), apresentam definições próximas, nas quais a “palavra proferida” tem poder criador; conforme o quadro abaixo.

Quadro 2: Comparação das definições sobre o significado “confissão positiva”

RICARDO MARIANO	PAULO ROMEIRO	ULISSES H. SIMÕES
O termo Confissão Positiva refere-se literalmente à crença de que os cristãos detêm o poder – prometido nas Escrituras e adquirido através do sacrifício vicário de Jesus – de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca em voz alta (2012, p. 152).	Confissão positiva é um título alternativo para a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade promulgada por vários televangelistas contemporâneos, sob a liderança e inspiração de Essek William Kenyon. A expressão “confissão positiva” pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão “confissão positiva”	A “Confissão Positiva” [...] é a crença que a palavra proferida tem um ‘poder criador’, ou seja, o trazer à existência aquilo que nós declaramos com a nossa boca, uma vez que fé é confissão [...] é a prática de materializar bênçãos almeçadas e aspirações através da declaração (Simões, 2000, p. 40).

	se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão (2005, p. 89).	
--	---	--

Fonte: a autora

Ao demonstramos as possíveis definições do preceito da confissão positiva, no que concerne ao seu enquadramento na esfera da Teologia da Prosperidade, observamos que estas não são sinônimos ou títulos alternativos expressando o mesmo sentido. A realidade que vivenciamos como observadora participante nos trouxe a oportunidade de entender que a Teologia da Prosperidade é um sistema doutrinário religioso que contém em seu arcabouço fé, obediência às Escrituras Sagradas, confissão positiva, cura sobrenatural, contribuições financeiras e prosperidades material e pessoal (bem-estar). Diante disto, nossa inquietação emergiu ao constatararmos que, embora inseridos no mesmo ambiente de fé, alguns fiéis afirmaram alcançar as bênçãos prometidas, enquanto outros permaneciam à margem dessa experiência; ou seja, sem recebê-las.

É de notório saber que, para a Ciência da Religião, não se entra em discussão a autenticidade ou a inautenticidade de uma doutrina. Dada a realidade de que nem todos os fiéis recebem a “bênção” esperada, esta pesquisa não se propõe a avaliar a veracidade da doutrina, mas a compreender os impactos sociais e psíquicos dessa crença. Quando a bênção não se concretiza, como o fiel reage? Adoece? Passa a duvidar? Permanece? É nesse campo que se insere nossa análise do discurso da confissão positiva e seus efeitos sobre a psique. No tocante à temática, Jung Mo Sung (2005, p. 32) é categórico: “Palavras não bastam quando a experiência marcante da sua vida é a de impotência diante do mundo”. Daí a importância de compreender o fenômeno da fé em sua complexidade – corpo, alma e espírito.

Como resultado da evidência do fato, nossa pesquisa estudou o homem e sua religião na autodefinição de grupo, apreendeu as identidades coletivas e a dinâmica da religião, como propriedade dessas identidades. Em nosso caso, a identidade coletiva e a dinâmica do Ministério Verbo da Vida, numa perspectiva teológica em contribuição à Ciência da Religião.

De acordo com o que afirmamos acima, não há como negar o posicionamento diferenciado dos teóricos quanto à relação da Ciência da Religião com a Teologia. Quanto a esta situação, não podemos esquecer que há um grupo de teólogos que buscou reconstruir a teologia seguindo os paradigmas das demais ciências modernas, entre eles: Faustino Teixeira (2013) que evidenciou a “*Ciência da Religião e Teologia*”. David Tracy (2006) discorreu sobre “*A imaginação analógica; a teologia cristã e a cultura do pluralismo*”. Wolfhart Pannenberg (2008) versou sobre “*Filosofia e teologia*” abordando as tensões e convergências de uma busca comum. Afonso Ligorio (2007) abordou “*A teologia em diálogo com a Ciência da Religião*”.

No campo das produções científicas, no que concerne à Teologia da Prosperidade com uso do instrumento da confissão positiva, encontramos como primeiras publicações, em formato de livros, no Brasil, os escritores: Paulo Romeiro, *Super Crentes: O Evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade* (1993), Ricardo Gondim, *O Evangelho da Nova Era* (1993), Alan Pieratt, *O Evangelho da Prosperidade: análise e respostas* (1993), que se tornaram referências quanto ao assunto. Ainda, no enquadramento de pesquisas acadêmicas, os nomes relevantes nos programas de pós-graduações em Sociologia e Ciência das Religiões, foram: Paul Freston (1994) abordou sobre a “*Breve história do pentecostalismo brasileiro*” (1994), Ricardo Mariano que dissertou sobre “*Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*” (1995), Leonildo Silveira Campos que versou a respeito do “*Teatro, templo e mercado*” (1997).

Nesta tese, a partir de uma reflexão crítica sobre as afirmações de alguns destes autores, analisar-se-á os impactos do preceito da Confissão Positiva na vida dos fiéis, com ênfase no Ministério Verbo da Vida. Para tanto, realizou-se um recorte específico do objeto considerado sagrado, a Bíblia, focando primariamente no Novo Testamento. Essa delimitação metodológica justifica-se pela centralidade das narrativas neotestamentárias na fundamentação das práticas da Confissão Positiva, que as utiliza intensamente para construir suas argumentações sobre fé, cura e prosperidade. O foco nos textos do Novo Testamento permite uma análise mais aprofundada dos efeitos fenomênicos que esse preceito provoca no grupo social elencado, dada a íntima relação que os ensinamentos de Hagin e Kenyon estabelecem com estas passagens.

Tomou-se como desafio, para este trabalho, estabelecer os principais pressupostos de como, nas igrejas neopentecostais, quaisquer que elas sejam, os fiéis precisam ser percebidos em sua integralidade. Tanto seu corpo, como as suas emoções, sua espiritualidade e seus relacionamentos. Nessa perspectiva, investigou-se como o uso da linguagem sistematizada nas narrativas bíblicas, em livros com conteúdo específico sobre o fato religioso e em pesquisas atuais da área, subsidia a análise crítica dos processos de elaboração e disseminação do fenômeno da Confissão Positiva.

Para esse feito, levamos em consideração que o recurso acrítico às narrativas bíblicas do Novo Testamento constitui uma importante mediação para o trabalho de sedimentação da função de dominação, através dos discursos dos agentes religiosos, como uma das funções de crença.

A pesquisa apresenta em sua **problemática central** como o preceito da confissão positiva se manifesta nas IEVV³? Como os fiéis lidam com a não realização das bênçãos? Que suporte é oferecido a quem não alcança o que esperava? Por que permanecem?

Neste sentido, o trabalho tem como **objeto de investigação** a evidência da confissão positiva nas Igrejas Evangélicas Verbo da Vida (IEVV), a operacionalização dos discursos de seus agentes religiosos e qual a influência/impacto daquela na vida dos fiéis, enquanto grupo social e parte de uma sociedade; pois é importante perceber que a disseminação dessa “doutrina” ocorre porque existem grupos de indivíduos com essa necessidade.

Considerando o narrado no parágrafo anterior, examinamos os conteúdos discursivos presentes nas liturgias proferidas pelos pastores das Igrejas Evangélicas Verbo da Vida e suas influências para a construção de um grupo social firmes na crença de que “nada” na vida do cristão que é fiel às sagradas escritura pode dar errado; uma fé que deve ser aumentada a cada dia através do alimento espiritual – a Bíblia –, e a confissão de palavras efetuadas corretamente.

³ A sigla IEVV significa Igreja Evangélica Verbo da Vida.

Nessa conjuntura de ideias, minha tese é: as igrejas neopentecostais, enquanto expressão de cuidado com as pessoas em sua integralidade, necessitam de uma visão secular que contribua para a promoção da saúde e do bem-estar bio-psico-sócio-espiritual de seus membros. E, diante dessa afirmativa, investigaremos como se posicionam as Igrejas Evangélicas Verbo da Vida na condução do bem-estar dos seus membros.

Dessa feita, a concepção deste trabalho, no campo transdisciplinar das Ciências da Religião e da Teologia, residiu no desejo de propor um estudo acerca de como o Ministério Verbo da Vida (as Igrejas Evangélicas Verbo da Vida), localizadas em bairros periféricos da cidade de Olinda, em Pernambuco, defende, em suas homilias, a chamada “confissão positiva”, também denominada Palavra da Fé. E para corroborar tal afirmação, buscamos investigar os impactos dessa “teologia” na vida social dos membros dessas comunidades cristãs, no contexto social e religioso do século XXI.

É necessário deixar assentado que a comunidade eclesial supra acredita e prega que, na proclamação com fé das palavras encontradas nas narrativas bíblicas, o fiel necessariamente alcançará as bênçãos prometidas nos textos sagrados. Em síntese, acredita que, ao declarar o que está escrito, o poder que existe nas palavras de Deus passa a ter existência no mundo material. São confiantes na revelação de que “Os sinais não seguem o indivíduo; seguem a Palavra. Anuncie a Palavra, e os sinais cuidarão de si mesmos. Não vamos atrás dos sinais. Os sinais seguem a Palavra” (Hagin, s.d., p. 51). *In loco*, merece constar que nem sempre isso acontece. Não com todos os fiéis dessa denominação evangélica. Contudo, nas ministrações dos pastores (líderes de ministérios), esse fato pode ser devido a “falta de fé” daquele que não obtém o que deseja/precisa, ou ainda, existe a fé; porém, ele não é merecedor por se encontrar com algum impedimento em sua vida cristã, pecado, por exemplo.

Dentro deste ponto em específico, nosso trabalho teve a preocupação de mostrar o comportamento dos fiéis que não obtém a bênção. Tornar-se imprescindível destacar a condução da vida cristã no âmbito social; enquanto comunidade religiosa não isolada da sociedade. Entendemos que as IEVV devem oferecer, além da fé mística, caso seja necessário, o apoio social, psicológico e emocional aos fiéis que necessitarem.

Destarte, acreditamos que o preceito da confissão positiva nas IEVV assume papel relevante na consolidação da fé dos fiéis, repercutindo em impactos positivos e/ou negativos na vida social destes. E, diante do exposto, indagamos: como o preceito da confissão positiva é configurado nas narrativas bíblicas, nos livros do expoente da confissão positiva – Kenneth Erwin Hagin, nas homilias proferidas, nos símbolos e ritos religiosos seguidos pelas igrejas evangélicas Verbo da Vida? Qual o comportamento dos fiéis diante dessa crença? Qual o comportamento dos fiéis quanto a concretização ou a não concretização da benção através da confissão positiva? Qual o cuidado que a igreja tem com o fiel que não alcança a benção e se questiona? Por que o fiel que não alcançou a benção continua fazendo parte dessa comunidade evangélica?

O **objetivo geral** desta pesquisa foi investigar como a confissão positiva atua na consolidação da fé nas IEVV e se essa linguagem religiosa pode ser considerada uma linguagem mítica com efeitos significativos.

Os **objetivos específicos** percorridos foram:

1. Compreender as raízes da confissão positiva e sua inserção no cristianismo evangélico;
2. Explicitar seus pilares e o *modus operandi* no Brasil;
3. Analisar seus impactos sociais na vida dos fiéis a partir dos discursos dos líderes e das falas dos participantes.

Nessa linha, a presente tese está estruturada em quatro capítulos, além dessa introdução e do capítulo de conclusões. A parte introdutória apresenta, além da problematização e da questão que norteia toda a reflexão, o objeto do estudo, o seu objetivo geral e os objetivos específicos.

Quanto à metodologia, esclarecemos que o trabalho está inserido na **abordagem metodológica qualitativa** da pesquisa, utilizando-se para obtenção de dados a realidade que se pretende conhecer. E, especificamente, no primeiro capítulo, tratamos das origens (um histórico investigativo do possível surgimento do preceito da confissão positiva) e as possíveis definições daquela. Abordamos os percussores dessa ideia/doutrina e assentamos o Kenneth Hagin como referência central, nos

Estados Unidos da América. Com efeito, neste capítulo, nossa opção preferencial de pesquisa foi a bibliográfica e documental que nos trouxe informações histórico-culturais e forneceu a construção da base teórica para o preceito.

No capítulo segundo a abordagem teve foco no estudo do preceito da confissão positiva em si. Definimos quais são os pilares desse preceito, a visão do que é fé para Kenneth Erwin Hagin com base em uma revisão bibliográfica num estudo comparado: narrativas bíblicas versus comentários de autores contemporâneos. Transitamos pelas definições que encontramos sobre símbolo sagrado e sua conexão com a confissão positiva e, ainda, como ela pode ser utilizada como símbolo de poder. O *modus operandi* da confissão positiva e a história da instituição religiosa, nascida no Brasil, que abraçou o arcabouço de “teorias” relacionadas ao advento das conquistas “bênçãos/milagres” através da fé e a forma como ocorre a legitimação da doutrina da fé.

As influências da confissão positiva na vida social dos fiéis a partir da homilia de seus líderes e as falas de seus participantes foram o alvo do nosso terceiro capítulo. O funcionamento do poder simbólico dos discursos da doutrina da fé, em lide, nessa tese, foi exposto com a revisitação das concepções do teórico Pierre Bourdieu junto com uma apresentação relativa a descontextualização de passagens específicas (selecionadas) da bíblia cristã. A observação participante foi empregada de forma aprofundada, nesse capítulo, e, nesta questão, efetuamos um estudo da nossa participação em um evento promovido pela Igreja Evangélica Verbo da Vida, em Campo Grande/Recife-Pernambuco, intitulado *Seminário de Cura*, realizado em outubro de 2022, que utilizamos como uma peça importante para o entendimento de uma das maneiras de operacionalização da doutrina. Com efeito, a metodologia do observador participante foi selecionada por entendermos a necessidade de não nos afastarmos da verdade ao ponto de perdê-la. Não abandonar a observação, *in loco*, foi a maneira que encontramos de não incorrer na substituição da verdade pelo achismo, ignorância ou ainda superstições.

No último capítulo da pesquisa, foram tratados os resultados obtidos com os evangélicos neopentecostais do Ministério Verbo da Vida. Averiguou-se a presença e as implicações das literaturas de Kenneth Erwin Hagin. Foi realizada, além da observação participante, uma pesquisa de grupo focal com membros deste ministério,

selecionada como campo de estudo cujo objetivo foi obter uma fonte oral dos acontecimentos relacionados ao uso da Confissão Positiva e obter, ainda, uma melhor compreensão do fato religioso na visão dos respondentes, conforme orienta (Mehy; Holanda, 2015, p. 19). Apresentamos ainda uma análise da linguagem da confissão positiva sob a perspectiva do discurso mítico, com base na teoria de Roland Barthes e as tensões ocasionadas pela dissonância cognitiva consonante a concepção de Leon Festinger.

Nas considerações finais, retomam-se os principais achados, reforçando a contribuição desta tese para os estudos do fenômeno religioso na contemporaneidade.

2. A CONFISSÃO POSITIVA: ORIGENS, DEFINIÇÕES E SEU PRINCIPAL EXPOENTE

O segundo capítulo da presente tese tem como objetivo expor e compreender os pilares da Confissão Positiva, a qual denominamos “preceito”. A escolha por este termo justifica-se pela sua amplitude semântica e adequação à natureza do fenômeno estudado. Conforme o Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010, p. 604), “preceito” abrange “Regras de proceder, norma, ensinamentos, doutrina, prescrição e determinação”. Em contraste, “conceito” é definido como a “formulação de uma ideia por palavras” ou uma “representação mental de uma coisa concreta ou abstrata” (2010, p. 183). Considerando que a Confissão Positiva não se configura meramente como um conceito abstrato, mas como um conjunto de diretrizes práticas e ensinamentos aplicados na vida dos fiéis, o termo “preceito” se mostra mais adequado para capturar sua essência operacional e normativa. Embora frequentemente associada a uma “doutrina”, optamos por “preceito” para sublinhar o caráter de conduta e aplicação direta que a Confissão Positiva assume para seus aderentes, em vez de uma sistematização teológica estritamente formal. Essa precisão terminológica é crucial para a proposta desta investigação.

Para alcançar o objetivo em questão, torna-se extremamente necessária a compreensão e exposição do preceito da Confissão Positiva, identificando sua origem, seus precursores, a figura central e as influências, desde o Movimento do Novo Pensamento até a Confissão Positiva, consolidada como prática religiosa.

Existe um conceito solidificado para definir o que é a confissão positiva? No âmbito das Ciências da Religião, atualmente, não encontramos um teórico que o tenha formulado de forma sistemática. A esse respeito, realizamos uma abordagem preliminar, na introdução deste trabalho, no qual foram apresentadas as possíveis definições oferecidas por Mariano, Romeiro e Simões, que, em linhas gerais, convergem em determinadas matrizes interpretativas. Neste ponto da investigação, contudo, julgamos didático acrescentar duas outras definições, distintas das anteriores, porém com certas proximidades, a fim de evidenciar nuances e ampliar a compreensão do fenômeno. A concepção tricotômica do homem

Na concepção do teólogo e Ph.D. em Ciências da Religião, Alan B. Pieratt, ao abordar criticamente a teologia da prosperidade, destaca que: “a confissão positiva atua em ambas as direções: é a dádiva **por meio da qual** a saúde e a prosperidade são recebidas...” (1993, p. 62, grifo nosso). Nessa mesma direção, Renata A. Brito, doutora em antropologia social pela UFSC, estabelece a importância de não se confundir, confissão positiva, esperança e pensamento positivo. Ela é assertiva na sua visão teórica, pois quando se participa de uma igreja que prega tal preceito, aprende-se que fé é agora, esperança é algo futuro e pensamento positivo é fixar seu pensamento em entendimentos positivos para suas realizações fluírem corretamente e não negativamente. Brito define:

A confissão positiva implica na crença de que os pedidos já foram atendidos. Feitos os clamores a Deus, não é preciso ver os resultados para crer que as preces já foram atendidas por Ele. A fé deve estar acima da necessidade de evidências empíricas, sendo o questionamento, a dúvida e o medo, inimigos da fé (Brito, 1999, p. 32).

Ao se considerar a definição supra, recordamos o texto bíblico “Porque, se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Rm 10.9, BÍBLIA, 2022, p. 1983). Está passagem é bastante utilizada nas homilias dos representantes religiosos da instituição que escolhemos estudar. A interpretação utilizada, por estes, evidencia a teoria de que se confessamos para alcançar a salvação, devemos confessar para obter os favores de Deus. Entretanto, em nosso entendimento, a fé não é uma confissão, e sim, o ato de crer. A confissão seria um ato solene público de professar a crença. Russell Norman Champlin assenta que: “[...] a confissão pública é uma das condições da salvação, paralelamente a crença de todo o coração”. Defende ainda o autor: “Interpretar tão rígida e **linguisticamente** essas palavras não levando em conta a totalidade dessa epístola aos Romanos, é fazer do cristianismo outra forma de legalismo” (2002, p. 776, grifo nosso).

De fato, a Confissão Positiva advém de um processo do uso da linguagem das passagens bíblicas concomitante a fé. A dúvida não pode existir porque, dentro dessa doutrina, ela é considerada uma ladra que rouba aquilo que você orou e confessou. Não existe poder da mente (pensamento positivo), existe o poder da oração e da confissão, segundo pregam seus adeptos. Destarte, a palavra proferida, de acordo

com Essek William Kenyon e difundida por Kenneth Erwin Hagin, tem Poder Criador, o qual veremos adiante.

Neste ponto, percebemos o alcance e a importância da função simbólica. Ao se realizar uma exegese aprofundada de algumas passagens utilizadas, é perceptível o uso de textos fora do contexto e a falha no simbolismo pelo surgimento de “erros e heresias” ou “uma lógica fora do absurdo”, mas apenas se o simbolismo for confundido com a lógica (Cassirer, 1954, p. 97).

Dentro desse contexto, a Bíblia é um dos símbolos mais significantes da religião Cristã Evangélica Neopentecostal. As palavras contidas nas “Escrituras Sagradas” trazem o sentido do símbolo, se aceitarmos o conceito dele como “qualquer objeto, ato, evento, qualidade ou relação que serve como veículo para um conceito – o conceito é o ‘sentido’ do símbolo” (Geertz, 1973, p. 91). Victor Turner registrou que “objetos, atividades, relações, eventos, gestos e unidades espaciais” estão inclusos na construção dos símbolos (Turner, 1967, p. 19). Paul Tillich (2011, p. 98) entende que “símbolos são semelhantes aos sinais de modo decisivo: ambos indicam alguma coisa fora deles, ou seja, tanto o símbolo quanto o sinal apontam ou indicam para algo em determinada medida além deles próprios”. Ele trabalha a linguagem simbólica entendendo que existem duas expressões típicas da linguagem. A positivista e matemática expressada na forma de sinal e a metafórica e fantasiosa expressada por símbolo (2005, p. 108). Esse símbolo, de acordo com Tillich, **participa da realidade que ele simboliza**; quem conhece participa do conhecido. Ele participa do conteúdo que indica, não possuindo uma separação entre aquilo que se mostra e aquilo que se quer representar (2009, p. 186, grifo nosso).

E por que enfatizamos os conceitos de símbolo? A palavra da fé, conforme já mencionado, está contida na Bíblia que, de acordo com os conceitos apresentados, constitui-se como símbolo. Com efeito, no que concerne a confissão positiva, as palavras da Bíblia significam algo e são algo. E ainda, tornam-se, para alguns representantes religiosos, símbolos de poder, ou seja, passam a ter um Poder Simbólico.

2.1 A base mística da confissão positiva

O conhecimento espiritual e contemplativo do divino, com seus devidos espiritualismos e experiencialismos, necessitam de um viés plausível, aceitável. Nesta tese, a teoria da natureza constitucional do homem nos concede um dos pilares que necessitamos para uma melhor explanação do campo de atuação da confissão positiva.

A concepção tricotômica do homem, segundo a qual o ser humano é composto por um corpo físico (a dimensão material da natureza humana), a alma (do grego *psyché*) como princípio da vida animal (o sopro sagrado) e o espírito (do grego *pneuma*) como um elemento humano racional que se conecta com o transcendente – o Espírito Santo de Deus –; tornou-se a escolha teórica deste trabalho devido ao instrumento em evidência, conforme citado na introdução. Diante desse panorama inicial, optou-se por recorrer a quatro importantes referências no campo da teologia, cujas contribuições conceituais se mostram fundamentais para o aprofundamento da temática em questão.

Procederemos, neste momento, à exposição de alguns conceitos concernentes a referida concepção teológica. O teórico Wayne Grudem (1999, p. 717) define a tricotomia como a concepção de que o ser humano é composto por corpo, alma e espírito. Louis Berkhof (2012, p. 180) corrobora essa perspectiva ao descrever o corpo como a parte material, a alma como o princípio da vida animal e o espírito como o elemento racional e relacional com Deus. Augustus Strong posiciona-se de forma crítica, não deixando de registrar sua objeção teológica e doutrinária. Para ele, o elemento de verdade na tricotomia é simplesmente que o homem tem uma triplicidade de dons, em virtude dos quais a alma se relaciona com a matéria, consigo e com Deus (2003, p. 45).

O pressuposto da tricotomia humana foi o viés utilizado por Hagin. Em seu livreto *O Homem em Três Dimensões*⁴ (Man on Three Dimensions) aborda a natureza tríplice de homem. Nele, o autor defende que o espírito do homem é a parte da dimensão humana que conhece a Deus. Tal dimensão é nomeada como “homem

⁴ Nas pesquisas realizadas, há um pressuposto de que a “Obra” é considerada um plágio do livro *O Homem Oculto* (The Hidden Man), de Essek William Kenyon.

interior do coração” (Hagin, 1990, p. 3). Este conceito é de suma importância para o entendimento do Movimento da Fé.

A segunda situação, que não se pode negligenciar, nesse contexto, é a existência da teoria dicotômica. O dicotomismo, enquanto concepção antropológica, evidencia a formação do homem por dois tomos, ou seja, por duas partes: corpo e alma/espírito. Esta perspectiva foi defendida por Grudem (1999, p. 717) ao afirmar que se tratar da “visão de que o homem é composto de duas partes (corpo e alma/espírito)”, destacando sua clareza ontológica. Berkhof (2012, p. 180), Erickson (1997, p. 228) e Strong (2003, p. 43) por sua vez, corroboram essa definição delineando a existência de duas partes distintas; dois elementos ou ainda, dupla natureza. Erickson acrescenta, ainda, que essa visão representou a concepção predominante ao longo da história do pensamento cristão.

Nesse sentido, apresenta-se, a seguir, um quadro comparativo com passagens selecionadas das narrativas neotestamentárias, com o propósito de explicitar e fundamentar as proposições anteriormente discutidas.

Quadro 3: Comparativo entre dicotomia e tricotomia

DICOTOMIA HUMANA	TRICOTOMIA HUMANA
Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Tomei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena. (Mateus 10:28)	Ele respondeu: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento”. (Mateus 22:37)
Minha alma está agora conturbada. Que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas foi precisamente para esta hora que eu vim. (João 12:27)	O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus. É loucura para ele, não pode compreender, pois isso deve ser julgado espiritualmente. O homem espiritual, ao contrário, julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado. (1 Coríntios 2:14-15)
Minha alma engrandece o Senhor; e meu espírito exulta em Deus em meu Salvador. (Lucas 1:46-47)	O Deus da paz vos conceda santidade perfeita; e que o vosso ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo sejam guardados de modo irrepreensível para o dia da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. (1 Tessalonicenses 5:23)

Quanto a mim, ausente do corpo, mas presente em espírito, já julguei, como se estivesse presente, aquele que assim procedeu. (1 Coríntios 5:3)	Pois a palavra de Deus é viva, eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e espírito, juntas e medidas. Ela julga as disposições e as intenções do coração. (Hebreus 4:12)
--	--

Fonte: Bíblia de Jerusalém: Antigo e Novo Testamento. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. École Biblique de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2022.

Importa destacar, em relação ao quadro apresentado, que, embora ambas as teorias – dicotômica e tricotômica – fundamentem-se em bases bíblicas, o ponto de maior complexidade reside em Gênesis 2.7 que afirma: “Então lahweh Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um **ser vivente**”. (2022, p. 35, BÍBLIA, grifo nosso). São essas duas palavras que causam dúvidas quanto a natureza constitucional do homem até hoje. De que maneira? A parte matéria é incontestável, uma vez que o evento da criação narra a argila ou barro; porém, a imaterialidade na transcrição “hálito de vida” remete-nos ao questionamento: alma e espírito sendo um único elemento ou dois distintos.

Ainda que se reconheça a diversidade de construções antropológicas presente na tradição cristã – como o monismo e a unidade condicional –, este trabalho adota, por razões metodológicas e doutrinárias, a estrutura tricotômica como referencial interpretativo. Tal escolha se justifica pela ênfase que a doutrina da confissão positiva confere à distinção entre espírito, alma e corpo, conforme a máxima: “**O homem é um espírito** que possui alma e habita em um corpo” (Hagin, 1973, p. 6, grifo nosso). Para Hagin, essa formulação constitui um alicerce inegociável da prática da fé e da eficácia da confissão. E por quê? O autor defende que não há como se conectar com Deus através da mente humana. Não há como entrar em contato com Ele através da matéria. Entra-se em contato com Deus através do espírito, porque Ele é um espírito (Hagin, 1973, p. 29).

Sob esse prisma, o pastor neopentecostal resgata a teoria intitulada de espírito recriado a qual se refere à transformação sobrenatural que ocorre no espírito humano no momento do novo nascimento, ou seja, quando a pessoa aceita Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Não é apenas uma renovação moral ou simbólica: trata-se, segundo ele, de uma nova criação real, distinta da alma (mente, emoções) e do corpo; é o renascimento do espírito humano.

Os sustentáculos bíblicos utilizados para o conceito referenciado, encontra-se especialmente em passagens como: 2 Coríntios 5.17 “Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez realidade nova” (BÍBLIA, 2022, p. 2022) e João 3.3-6 “[...] O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do espírito é espírito. Não te admires de eu te haver dito: vós deveis nascer de novo” (BÍBLIA, 2022, p. 1847). Ele interpreta essas passagens de forma literal e ontológica: o espírito humano, outrora morto em pecado, é recriado pela ação direta do Espírito Santo, tornando-se a habitação de Deus nele e o centro da autoridade espiritual do crente.

Nessa conjuntura, quantos aos aspectos da redenção concernentes a realidade da nova criação, observamos dois ensinamentos:

1. O aspecto legal -> a posição do cristão em relação ao que Jesus conquistou em favor dele na cruz do calvário e na ressurreição. Trata-se do que pertence ao cristão por direito;
2. O aspecto vital -> é a identificação pessoal e a apropriação da redenção pela fé no presente. Trata-se do que o cristão recebe ou vive pela fé (experencialismo).

Dessa forma, conclui-se que a eficácia da confissão positiva está no espírito recriado. Ele é o agente da fé – é ele que confessa, crê e recebe. Por isso, ela é realizada a partir da convicção no espírito recriado, não da mente apenas.

2.2 As supostas raízes da Confissão Positiva

A teoria da tricotomia humana, conforme apresentada por Berkhof (2012, p. 180) oferece um panorama focal sobre o surgimento da confissão positiva. Seus precursores formaram-se em campos diversos como a filosofia, a medicina e a teologia. Cabe aqui destacar a evolução de um pensamento “metafísico” advindo do século XIX e seu desenvolvimento que se inicia com o Movimento do Novo Pensamento até o que é chamado hoje de Confissão Positiva – termo frequentemente utilizado como sinônimo da Teologia da Prosperidade, associação com a qual esta tese não concorda. Com o fito de orientar o leitor nessa trajetória, buscamos delinear a natureza dessa doutrina.

2.2.1 Emanuel Swedenborg, o espiritualista

A gênese desse pensamento, em termos históricos, revela influências orientais marcantes, dada sua afinidade com as ideias do hinduísmo e do budismo. Tal base filosófico-religiosa está relacionada à origem do Movimento do Novo Pensamento e às concepções do filósofo, teólogo e cientista sueco, Emanuel Swedenborg (1688-1722). Nascido em Estocolmo, Suécia, em 29 de janeiro de 1688; Swedenborg era o segundo filho de Jesper Swedberg, pastor da igreja estatal luterana da Suécia. Estudou na Universidade de Uppsala, onde seu pai era professor e concluiu seus estudos em 1709. Faleceu em 29 de março de 1772, aos oitenta e quatro anos⁵. Swedenborg entendia que fé, ação e poder da mente caminhavam juntos – premissas que influenciaram de forma significativa o desenvolvimento do pensamento que sustentaria o Novo Pensamento (Bessa, 2008, p. 42).

Swedenborg estudou as técnicas de observação do astrônomo real John Flamsteed (1646–1719) e circulou nos mesmos meios intelectuais de luminares como Isaac Newton (1643–1727) e Edmund Halley (1656–1742). Demonstrava domínio em áreas como geologia, botânica, zoologia e ciências mecânicas e manteve contato com estudiosos, inventores e mecânicos de sua época. Posteriormente, continuou seus estudos em Amsterdã e Paris. Publicou sua primeira obra em 1734. Intitulada “*Opera Philosophica et Mineralia*” (Obras Filosóficas e Metalúrgicas), trata-se esta de um conjunto de três volumes. O primeiro volume com o título *Principia Rerum Naturalium* (Princípios Básicos da Natureza) foi a base filosófica que estabeleceu as investigações de Swedenborg sobre a natureza alma (SWEDENBORG FOUNDATION, 2023, tradução nossa).

A leitura de sua biografia nos permite inferir que Swedenborg demonstrava inquietação com o tema da alma. Seus escritos filosóficos e metalúrgicos foram sucedidos por uma série de obras na área da anatomia. A primeira delas “*Oeconomia Regni Animalis*” (Dynamics of the Soul’s Domain), em português (Dinâmica do Domínio da Alma), publicada em dois volumes, nos anos de 1740 e 1741, propunha justamente essa conexão. O primeiro volume aborda o coração e o sangue; o

⁵ Disponível em: <https://swedenborg.com/emanuel-swedenborg/about-life/>. Acesso em: 06 de janeiro de 2025. Trata-se de uma *site* oficial sobre a vida e obra de Swedenborg administrado pela *Swedenborg Foundation*.

segundo, o cérebro, o sistema nervoso e a alma. Identificamos, assim, mais uma tentativa de Swedenborg em estabelecer vínculos entre o mundo espiritual e o mundo físico. Baseando-se nas obras de cientistas e filósofos contemporâneos a sua época, ele descreve um fluido espiritual sutil que permeia e sustenta todas as criaturas vivas, existindo em uma interação complicada com o sangue e o fluido cerebrospinal. A origem da vida é uma energia sustentadora que permeia toda a criação e cuja fonte é Deus. Desse modo, na visão de Swedenborg, da natureza deriva a vida em todas as suas formas dessa energia criativa, e estaria morta sem a influência divina (SWEDENBORG FOUNDATION, 2023, tradução nossa).

Nessa perspectiva, é importante frisar que a sua vida foi definida por tentar entender como o universo funciona. Intitulava-se porta voz do mundo espiritual e, como teólogo, valorizava os escritos bíblicos observando neles ensinamentos ocultos e, ainda, negava o pecado original (Bessa, 2008, p. 42). Na teoria de Swedenborg, o homem exterior é o corpo com todos os seus impulsos e desejos. O homem interior contém a nossa mente (a parte de nós que pensa) e é também a nossa natureza espiritual, a parte de nós que se conecta com o divino – nossa alma. Ele, por causa desta última ligação, tem a capacidade especial de participar, já nesta vida, do mundo dos espíritos (SWEDENBORG FOUNDATION, 2023, tradução nossa). No que tange ao assunto, vê-se, no estudo realizado, a doutrina da dicotomia humana, onde alma/espírito se conecta com o Espírito Santo, segunda pessoa da trindade, de acordo com as doutrinas do cristianismo. Insta considerar a grande influência do cristianismo dentro das teorias de Swedenborg.

Não podemos desconsiderar a importância dada ao cristianismo, dentro das suas mesclas filosóficas, pois Swedenborg publicou vários trabalhos teológicos, entre eles, *Secrets of Heaven* – uma discussão versículo por versículo do significado interno da Bíblia, começando com o livro de Gênesis e depois passando pelo Êxodo e *Revelation Unveiled* – um retorno ao seu discurso inicial sobre o significado interno da Bíblia, desta vez examinando o livro do Apocalipse no mesmo formato versículo por versículo de *Secrets of Heaven*. Na obra *Heavenly Secrets*, o místico e teólogo argumenta que as doenças do corpo tinham causas espirituais, procediam de desordens da mente, e estas de uma vida contrária à ordem divina (SWEDENBORG FOUNDATION, 2023, tradução nossa).

Bessa afirma que ele se destacou na teologia por defender o sentido espiritual oculto na Bíblia. “Ele se dizia capaz de dialogar com anjos, espíritos e seres humanos e postulava não apenas a existência de um mundo espiritual, como se considerava porta-voz dessa revelação, através de uma aparição do próprio Deus em 1744” (2008, p. 42). Torna-se plausível, à luz do exposto, que a relação entre Swedenborg e o Movimento do Novo Pensamento é profunda e estrutural, embora não se configure por uma filiação direta.

As ideias do Movimento do Novo Pensamento têm suas raízes advindas de pensamentos e crenças de várias religiões e seitas. Bessa, citando movimento filosófico-religioso tem raízes orientais e ocidentais, conforme se explana a seguir:

As referências orientais se referem principalmente ao hinduísmo e sua visão de ser humano, de unidade de si e da divindade, e as referências ocidentais se referem à concepção norte-americana e européia, de que a realidade é subjetiva. Glenn Mosley, pastor e presidente da Associação Internacional de Igrejas Unitaristas, amplia as referências do movimento, apontando a contribuição de oito religiões [sic]: Islamismo, Confucionismo, Hinduísmo, Judaísmo, Cristianismo, Budismo, Taoísmo e religiões indígenas (2008, p. 43).

À luz do exposto, observa-se que o Movimento do Novo Pensamento se constitui como uma síntese complexa e plural, entrelaçando concepções religiosas oriundas de distintas tradições culturais.

2.2.2 Phinéias Parkhust Quimby, o mentalista

Dentro do contexto histórico e filosófico do Novo Pensamento, destaca-se a figura considerada “pai” do Movimento do Novo Pensamento e seu principal expoente, Phinéias Parkhust Quimby (1802-1866). Nascido em New Hampshire, em uma família de origem modesta, e posteriormente radicado no estado do Maine, Quimby teve acesso limitado à educação formal. Relojoeiro por tradição familiar, acabou abandonando a profissão para tornar-se um dos principais referentes e divulgadores de uma nova forma de terapia, cura mental, definindo-a como uma técnica de cura através do poder da mente (Álvarez; Díaz; Narciandi, 2015, p. 4). Autodidata, relojoeiro e inventor, Quimby passou a se interessar por assuntos científicos (Bessa, 2008, p. 21).

A proposta de Quimby consistia em ajustar o conceito de ciência metafísica (além do físico) do poder da mente aos princípios da tradição cristã. Nesse esforço de síntese entre ciência e religião, a filosofia do Novo Pensamento, surgida no século XIX, nos Estados Unidos, foi criada pelo hipnotizador: homem versado em espiritismo, ocultismo e parapsicologia que trouxe à baila a crença de que a enfermidade e o sofrimento, em última análise, têm suas origens nos pensamentos incorretos, incoerentes, negativos (Mariano, 2012, p. 151). Torna-se importante frisar, neste ponto, que ele não era espírita, apesar de a ascensão do espiritismo, nos Estados Unidos, ter sido contemporânea à sua obra e apesar da semelhança entre algumas de suas visões e os ensinamentos dos espiritualistas (Dresser, 1920, p. 17, tradução nossa).

Esse entendimento encontra eco nas reflexões de Hank Hanegraaff (1993, p. 32), que identifica uma transposição semântica importante no movimento: o deslocamento do conceito de “poder da mente” para a noção de “força da fé”. O autor destaca um proeminente escritor do Novo Pensamento, Warren Felt Evans, evidenciando as palavras deste sobre a fé: “a fé é a forma mais intensa de ação mental”.

Quimby embarcou em um método de cura – denominado por ele de **psicoterapia** – na cidade de Portland, estado de Maine, nos EUA. Entre seus pacientes destacam-se figuras como Emma e Sarah Ware, Julius e Annetta Dresser, Mary Baker Patterson e o já citado Warren Felt Evans⁶ (Haller, 2017, p.175). Seu método único de cura pela mente, o qual chamou de Ciência da Saúde, conectava a natureza espiritual interna do indivíduo aos ensinamentos de Jesus Cristo em um sistema que refletia tanto o conhecimento das ciências quanto o lado revelatório da religião. Seus manuscritos contêm notavelmente poucas citações ou referências, exceto que, em seus últimos anos, ele frequentemente introduzia passagens do Novo Testamento para dar a elas sua própria interpretação (Dresser, 1920, p.17, tradução nossa).

⁶ Na relação de seus pacientes mais notáveis, que posteriormente estabeleceram suas próprias práticas de cura da mente estão o reverendo metodista Warren Felt Evans, que se tornou o primeiro escritor do movimento do Novo Pensamento. Dentre suas obras publicadas merece destaque *The mental cure*, seu primeiro livro que foi publicado em 1869, chegando a ser traduzido para vários idiomas e Mary Baker Patterson (mais tarde conhecida como Mary Baker Eddy) que foi a fundadora da *Christian Science*.

Alegava que existe um princípio ou homem interior que governa o homem exterior ou corpo e quando estes estão em desacordo ou desafinados; a doença é o efeito, ao mesmo tempo em que, ao harmonizá-los, a saúde do corpo é o resultado (Quimby, 1921, p. 75, tradução nossa). Ele ressignificou a mensagem cristã à luz de uma psicologia espiritual da cura, fundindo ciência mental e religiosidade cristã. Considerava Jesus Cristo como um cientista da mente “Jesus curava as pessoas pela verdade que estava em sua sabedoria, expondo os erros de seus pensamentos e, assim, libertando-as de suas doenças” (Dresser, 1921, p. 471, tradução nossa).

Para Quimby, os milagres de cura realizados por Jesus não eram sobrenaturais, mas demonstrações de leis espirituais universais que governam a mente e a matéria. Sob essa ótica, implica um passo além da reinterpretação: a cosmovisão dos milagres de Jesus recebeu um novo sentido dentro de um outro horizonte da psicologia, transformando a função simbólica da fé na força do pensamento.

No uso da técnica que chamou de “método silencioso”, Quimby criava cópias, em sua mente, das doenças dos pacientes e depois fornecia instruções orais para convencer os pacientes a usar seus próprios poderes inatos para superar suas doenças (Haller, 2017, p. 175). Segundo Dresser, o mentalista⁷ conferia ênfase particular à noção da verdade que liberta a alma, sua experiência prática com os enfermos o conduziu à convicção de que, ao se depararem com a verdadeira causa de seus problemas, a doença poderia ser banida do seu corpo – “A explicação era a cura” (1920, p. 34, tradução nossa). Conforme observa Bessa (2008, p. 43): “Quimby, enquanto praticava o mesmerismo⁸, defendia a premissa de que a mente, por ser espiritual, poderia ser transformada. A mudança no padrão mental levaria a mudanças orgânicas e à cura”. Dentro desta concepção, a doença era considerada um erro mental, sem uma base explicativa, que precisava ser resolvida pela fé.

⁷ O mentalista é aquele que “atribui à mente humana, em alinhamento com as leis divinas, a capacidade de moldar a própria realidade por meio da verdade espiritual e da negação do erro” (Dresser, 1920, p. 87).

⁸ No tema “Espiritualismo e Mesmerismo”, encontramos Quimby admitir que praticava o mesmerismo; conforme segue: “Citarei alguns fatos que vieram à minha própria observação. Quando comecei a mesmerizar, há cerca de dezesseis anos, a maioria dos meus experimentos era do seguinte tipo: depois de colocar meu sujeito em um estado de mesmerização, eu tentava algum experimento simples, por exemplo, imaginar alguma pessoa ou animal que ele descrevesse” (Quimby, 1921, p. 77).

De acordo com Hanegraaff (1993, p. 24), os seguidores de Quimby defendiam que o ser humano tem o poder de construir a própria realidade por meio de afirmações positivas. Essa concepção está refletida em uma de suas afirmações mais conhecidas: “Se acredito que estou doente, então estou doente, porquanto meus sentimentos são minha enfermidade, e minha enfermidade é minha crença, e minha crença é minha mente. Por conseguinte, toda enfermidade está na mente ou na crença” (Hanegraaff, 1993, p. 264).

No contexto desta investigação, propõe-se uma leitura hermenêutica da "confissão positiva" – conceito que associa a transformação da mente à renovação espiritual conforme os escritos bíblicos. Essa perspectiva encontra respaldo, por exemplo, na epístola aos Romanos: “E não vós conformeis com este mundo; mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito” (Rm 12.2 - BÍBLIA, 2022, p. 1987). Tal concepção foi utilizada pelo Movimento do Novo Pensamento, conforme cita Donald Meyer (1965, p. 31) – e a cura deve vir de dentro, da mudança de mente, tendo como foco a busca pela felicidade, o que se entende ser também a vontade de Deus.

Álvarez, Díaz e Narciandi apud Stefan Zweig (2015, p. 143, tradução nossa) explicam que a metafísica quimbiana fundamenta a responsabilidade do ser humano sobre a sua própria felicidade – com evidentes ressonâncias platônicas – apoia-se na existência de dois mundos distintos. O primeiro é o mundo das opiniões, material, correspondente ao mundo do corpo físico, do homem natural dominado pelas leis da dor e da morte. O segundo é o mundo imutável da verdade, da sabedoria, de Deus, governado pelas leis da felicidade, da vida e da autorrealização.

Enquanto permanece identificado com o corpo físico, o ser humano habita o domínio da materialidade, o qual Quimby descreve como uma "sombra condensada" – realidade que se encontra fora de Deus, imersa na escuridão. Para acessar a luz, isto é, a mente orientada por Deus, é necessário dar um passo em direção à verdade. No entanto, ele sustenta que o “homem natural” não pode viver e ver a verdade simultaneamente. Ele terá que morrer (simbolicamente) para renascer para a sabedoria.

Nosso entendimento infere que a teoria referenciada se trata da cosmovisão cristã morte e renascimento. A base bíblica para essa ideia pode ser identificada na célebre passagem do diálogo entre Jesus e Nicodemus, na qual o Mestre o ensina a “nascer de novo” – o nascer da água e do espírito – experiência paradigmática das conversões religiosas. A seguir, apresenta-se a passagem bíblica:

Disse-lhe Nicodemus: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Poderá entrar segunda vez no seio de sua mãe e nascer?". Respondeu-lhe Jesus: "Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne; o que nasceu do Espírito é espírito" (João 3.4-6 - BÍBLIA, 2022, p. 1847).

Com efeito, ainda de acordo com ALVARÉZ et al *apud* Zweing (2015, p. 140, tradução nossa), Quimby não oferece uma fórmula ou um ritual coletivo para que o passo em direção à luz possa ser dado, diferentemente das antigas comunidades religiosas que praticavam ritos de passagem específicos. Não há rito de passagem. Ele apenas aponta a necessidade de dá-lo e, também, democratiza-o ao afirmar que já não é um caminho exclusivo para poucos, mas sim, o destino comum do próprio ser humano.

O que possivelmente se entende? Embora o mentalista não cite versos com referências nominais (como “João 8:32” ou “Mateus 7:16”) com número de capítulo e versículo, ele faz uso explícito de passagens evangélicas e paulinas para ressignificar tematicamente os ensinamentos de Jesus de forma metafísica, como por exemplos:

1. “E conhecereis a verdade, e a verdade vós libertará” (João 8.32 - BÍBLIA, 2017, p. 1031, ARA); ele utilizava esta passagem para afirmar que **a libertação do sofrimento e da doença vinha pelo conhecimento da Verdade**, entendida como a compreensão correta da realidade mental e espiritual (Quimby, 1921, p. 297, tradução nossa). Teologicamente, o conhecimento da verdade trata dos ensinamentos de Cristo, e a obediência a essa verdade, na prática, é o único caminho para conhecê-lo e ser liberto das opressões do mundo (Davidson, 1997, p. 1837).

2. “[...] Os sãos não precisam de médicos, e sim os doentes (Mateus 9.12 - BÍBLIA, 2017, p. 923, ARA). Nesta situação, ele via Jesus como alguém que curava **não com milagres**, mas por meio da compreensão da mente do paciente e da substituição do erro pela verdade. Para Quimby, Jesus diagnosticava e corrigia

crenças falsas que produziam doença. No entender de D.A Carson (2009, p. 1164) Jesus demonstra aos fariseus que além expulsar demônios e curar doentes; os que não conheciam a verdade sobre a boa nova do reino precisavam ser ensinados.

3. “[...] O reino de Deus está dentro vós” (Lucas 17.21, 2017, p. 1006, ARA); nessa outra passagem, ele interpreta o “Reino de Deus” como um estado de mente saudável, em conformidade com a Verdade espiritual. A cura viria **de dentro para fora**, não de práticas externas ou instituições religiosas (Quimby, 1921, pp. 193-194, tradução nossa). Dentro da teologia, destaca que o texto pode ser entendido como uma realidade já presente no ministério de Jesus. Que ele se referia a Si e a vida que estava vivendo entre eles como sendo o reino (Davidson, 1997, p. 1777). Nosso entendimento sugere que a acepção mais adequada essa fala de Jesus, proferida no contexto de um diálogo com os fariseus, reside na universalidade do acesso ao Reino de Deus; afinal, Jesus era o rei deste reino, que, naquele momento, encontrava-se entre eles.

Quanto ao assunto, Bessa (2008, p. 43) corrobora essa perspectiva quando destaca, em sua pesquisa, que Quimby valorizava o ministério de Cristo como curador, o que sugere uma reaproximação com a fé cristã, embora não frequentasse igreja ou cultos. E James Lawrence *apud* Bessa (2008, p. 43) menciona que “Embora a cura fora da medicina estivesse presente na religião cristã desde seus primórdios, o desenvolvimento da ciência no século XIX se encarregou de dissociar fé e cura ou oração e cura física, o que o novo pensamento aproxima”.

É importante salientar que, devido às suas práticas de cura mental e, mesmo sem formação acadêmica, o fundador do Movimento do Novo Pensamento passou a ser chamado de doutor. Dentre as suas formas de atuação, ressalve-se o relato presente na obra de Horatio Dresser (1920, p.17, tradução nossa) que narra: “Assim o Sr. Quimby disse que os doentes eram seus amigos. Aqueles que haviam sido restaurados para a saúde por meios espirituais estavam convencidos de que houve uma grande verdade no novo método de cura”. Ele não hesitava em deixar de lado a medicina tradicional vigente em sua época. Imperioso destacar mais uma observação de Laurence *apud* Bessa (2008, p. 43), acerca das controvérsias relativas à patologia da qual Quimby teria sido curado – entre tuberculose e invalidez decorrente de

neurastenia. Salientamos esse recorte devido **a experiência pessoal de cura** pelo hipnotismo vivida pelo próprio; a relação da cura do corpo e o poder mental.

No que tange a esse contexto, Alvaréz et al (2015, p. 137, tradução nossa) apontam que o intitulado doutor desenvolveu seu método de cura mental com base em sua própria experiência e no mesmerismo importado da Europa por Charles Poyen. Possuía um entendimento específico acerca de suas práticas de cura mental, conforme a seguir:

Quimby baseia a natureza científica de seu discurso em razões práticas, na natureza útil e aplicável do que ele propõe. Ele considera sua doutrina verdadeira porque conseguiu resolver problemas que a medicina não conseguiu resolver ou sequer criou. Suas ideias são úteis para alcançar os principais objetivos da vida: felicidade e saúde (que às vezes é identificada com felicidade). Ele também demonstra, em sua opinião, que o corpo é uma extensão da mente. Uma mente desordenada afeta negativamente o corpo, então saúde não implicaria tanto em curar o corpo, mas em equilibrar a mente (Alvaréz et al, 2015, p. 138).

Convém salientar *in loco* a colocação de Strauss (1970, p. 182) segundo a qual a eficácia da magia implica na crença. Em um paradoxo inicial, evidenciamos dois dos primeiros aspectos dessa eficácia que são: a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas e a crença do doente ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro. É fato que o fenômeno aqui analisado não se trate de magia propriamente dita; mas sim de um fenômeno religioso, em que se torna evidente um ponto crucial: a crença coletiva que se manifesta e se consolida como um fenômeno social a partir do século XIX.

É importante perceber que as vertentes do Novo Pensamento não emergiram de forma aleatória; como já citado, Quimby teve acesso às teorias do magnetismo animal, formuladas pelo médico alemão Franz Anton Mesmer, que exerceram significativa influência na construção dessa filosofia. Segue um trecho da teoria de mentalista que corrobora essa afirmação:

Todos os efeitos produzidos no corpo humano são o resultado de **uma mudança química dos fluidos**, com ou sem o nosso conhecimento, e todas as variedades e mudanças são acompanhadas por um estado mental peculiar. Se a mente for direcionada para qualquer órgão específico, esse órgão pode ficar perturbado ou não. Em ambos os casos, o problema está na mente, pois o corpo é apenas a casa para

a mente habitar, e nós atribuímos um valor a ele de acordo com seu valor (Quimby, 1921, p. 194, tradução nossa, grifo nosso).

Franz Anton Mesmer (1734-1815), nasceu em Iznang, na costa alemã do Lago Constance. Sua educação secundária foi em escolas jesuítas, prosseguindo em universidades jesuíticas localizadas em *Dilligen* e *Ingolstadt*. Cristiano Ramos Moraes, em sua Dissertação intitulada *Franz Anton Mesmer (1734-1815): O mesmerismo e sua avaliação pelas comissões reais na França do século XVIII* (PUC - SP, 2022, p. 13), ofereceu um amplo panorama de informações sobre a construção do Magnetismo Animal. Moraes informa, a priori, que Mesmer ingressou na Universidade de Viena, Áustria, em 1759, como estudante de direito, migrando posteriormente para o curso de Medicina, tornando-se médico. Concluiu seu doutorado em 1766, publicando a tese “*Dissertatio physico-medica de planetarum influxu*” (Dissertação Físico-Médica Sobre a Influência dos Planetas) que delineava as ações dos corpos celestes, incluindo Sol e Lua, sobre os corpos terrestres.

De acordo com Haller (2012; p. 18-19), os elementos metafísicos do Novo Pensamento derivaram de duas fontes principais: uma era a “ciência” emergente do magnetismo animal ou mesmerismo e, a outra, os escritos cosmográficos do cientista sueco, Emanuel Swedenborg. Mesmer foi o criador do mesmerismo “O uso do hipnotismo e do magnetismo para cura de doenças” (Mayer, 1965, p. 68). Ele “curava” usando imãs e depois as mãos para “magnetizar” seus pacientes. Em seu cerne, o hipnotizador acreditava na existência de um fluido cósmico universal, algo invisível, mas capaz de conectar forças do espaço, da terra e dos homens. Para ele, eram desequilíbrios dessas supostas forças que causavam as doenças nos seres humanos. As enfermidades sumiriam dos corpos dos pacientes quando a harmonia magnética fosse reestabelecida. Vale salientar que a teoria de cura com a magnetização do corpo humano com base nos princípios da matéria dos corpos organizados, como: a gravidade, a elasticidade, a eletricidade, a coesão e a instabilidade, foi consolidada por Mesmer, em 1799, com o título de Magnetismo Animal⁹.

Os registros das teorias e práticas de cura de Quimby permaneceram inéditos por longo período. Em 1882, Julius Dresser, um de seus pacientes, começou a tornar

⁹ Para maiores informações sobre a construção da teoria do Magnetismo Animal, indicamos a obra citada no corpo da tese. MORAIS, Cristiano Ramos. *Franz Anton Mesmer (1734-1815): o mesmerismo e sua avaliação pelas comissões reais na França do século XVIII*. São Paulo, 2022.

público em Boston a existência dos escritos e relatava que, quando publicados, revelariam a história real da descoberta da cura espiritual (Dresser, 1921, p.19, tradução nossa). Aqueles foram publicados em 1921, com o título *The Quimby Manuscripts*, editado por Horatio Willis Dresser. Nesse contexto, a morosidade contribui para que alguns teóricos do Movimento do Novo Pensamento publicassem sobre suas teorias, destacando-se dois de seus importantes pacientes: Warren Felt Evans e Mary Baker Eddy. Evans, pastor metodista e discípulo do cientista-teólogo sueco Emanuel Swedenborg, escreveu em 1869 a primeira obra do novo pensamento intitulada *The Mental Cure* (Mosley, 2006, P. 46). Eddy, por sua vez, não foi uma discípula convencional de Quimby. Ela teve o benefício da cura de sua invalidez por meio do método da cura silenciosa em 1862. (Dresser, 1921, p. 152). A seguir, apresenta-se uma transcrição da narrativa referente à cura de Eddy:

Para nossos propósitos atuais, é uma questão do desenvolvimento gradual das próprias visões do Dr. Quimby, que atingiram um certo estágio de clareza apenas no caso de "Perguntas e Respostas". O Dr. Quimby não estava no seu melhor quando respondia a perguntas, mas sim quando dava o tratamento silencioso e conversava com seus pacientes. Embora a Sra. Eddy estivesse limitada a alguns manuscritos, na medida em que os copiava ou reescrevia para seu próprio propósito como professora, ela também teve o benefício daquela cura silenciosa decisiva e do toque com uma personalidade vivificante que lhe deu o ímpeto diretivo para seu próprio trabalho. Esta é a principal consideração. E isso não deve ser perdido de vista em nosso interesse em traçar as vicissitudes de um manuscrito como "Perguntas e Respostas" (Dresser, 1921, p. 163, tradução nossa).

Como uma proeminente divulgadora da cura através mente, Eddy criou, em 1879, na cidade de Boston, Massachusetts, a igreja Ciência Cristã, instituição na qual foi ordenada como pastora. Dois anos após, fundou o *Metaphysical College*, em 1881; sendo considerada a criadora da Ciência Cristã após a publicação do seu livro *Science and Health*, em 1875 (Meyer, 1965, p. 22).

Em síntese, o Novo Pensamento constituía um sistema de crenças de natureza sectária, segundo o qual a verdadeira realidade é de ordem espiritual. Acreditava-se que o plano espiritual era a causa de todos os efeitos físicos e que a mente humana, por meio de uma atitude mental positiva tem o poder de criar sua própria realidade: saúde e riqueza, ou doença e pobreza (McConnell, 1988, p. 54, tradução nossa).

Dando continuidade ao panorama anteriormente delineado, destaca-se a figura de Essek William Kenyon, notório por sua adesão às teorias de Phineas Quimby, assim como pelos vínculos conceituais com os pressupostos metafísicos desenvolvidos por Emanuel Swedenborg e Franz Anton Mesmer.

2.2.3 Essek William Kenyon, o fundador do Movimento da Fé

O evangelista, escritor e pastor norte-americano de várias igrejas, Essek William Kenyon (1867-1948), foi o fundador da Teologia da Prosperidade – também conhecida como Confissão Positiva ou Movimento da Fé –, nos E.U.A, em 1930.

Nascido no condado de Saratoga, no Estado Nova York, Kenyon converteu-se ao cristianismo durante a adolescência, entre os 15 e 19 anos. Aos dezenove anos de idade, pregou seu primeiro sermão numa igreja metodista. Em 1892, mudou-se para Boston, onde frequentou várias escolas, destacando-se, dentre elas, a Faculdade Emerson de Oratória – fundada por Charles Wesley Emerson – sua principal influência (Romeiro, 1998, p. 9).

Ainda que não tenha concluído formalmente nenhum curso superior, Kenyon foi um autodidata notável, ávido leitor e defensor vitalício da educação superior. Todos os títulos que recebeu, inclusive seu doutorado, foram honoríficos, o que não comprometeu a solidez de seu engajamento acadêmico e espiritual (McConnell, 1988, p. 27, tradução nossa). Sua vida e ministério sofreram tremendo impacto de seitas como Ciência da Mente, Escola da Unidade do Cristianismo, Ciência Cristã e, sobretudo, a Metafísica do Novo Pensamento de Finéias Quimby.

A trajetória teológica de Kenyon evidencia a assimilação de ideias oriundas do Novo Pensamento, as quais passaram por um processo de ressignificação ao serem reinterpretadas à luz do evangelho de Jesus Cristo e disseminadas em suas campanhas evangelísticas. Enquanto Quimby defendeu que a mente tem poder criativo alinhado com a verdade ou sabedoria; Kenyon adotou a mesma teoria entendendo a fé bíblica como força criativa, transformando-o em uma versão cristã; ou seja, a transformação de categorias metafísicas em linguagem religiosa cristã deslocando o sentido e construindo novos símbolos.

Dale Simmons argumenta que Kenyon foi influenciado por ambientes permeados pelas ideias do Novo Pensamento. Segundo o autor “Kenyon adotou termos como ‘realidade espiritual’, ‘declaração da fé’ e ‘poder da palavra’, que não eram comuns na teologia ortodoxa protestante de sua época” (Simmons, 1995, p. 203). McConnell é extremamente contundente ao afirmar que a teologia de Kenyon é uma fusão entre o evangelicalismo pentecostal e o misticismo metafísico de Quimby, conforme relata “Kenyon não foi um mero inovador cristão, mas um sistematizador das doutrinas metafísicas do Novo Pensamento sob um verniz bíblico” (McConnell, 1988, p. 33, tradução nossa). Hanegraaff é mais ousado ao afirmar que Kenyon “É Quimby com uma capa de versículos bíblicos” (Hanegraaff, 1993, p. 46).

Um dos mistérios de Kenyon é como explicar as discrepâncias entre sua teologia e seu ministério. No início de seu ministério, ele frequentou círculos metodistas e, mais tarde, pentecostais, mas sua teologia não reflete nenhum dos dois. De fato, sua teologia contradiz tanto o Metodismo quanto o Pentecostalismo. Mesmo aqueles que conheciam os laços de Kenyon com seitas ainda têm dificuldade em categorizar sua teologia. Entretanto, a teologia eclética dele só adquire plena inteligibilidade quando se examina detidamente sua formação (McConnell, 1988, p. 48, tradução nossa).

A principal fonte de assimilação dessas ideias ocorreu na chamada “Conexão Kenyon” como foi denominado por D. R. McConnell em referência à matriz ideológica que influenciou sua formação intelectual durante o período em que esteve matriculado no *Emerson College of Oratory*, no ano de 1982.

Ainda, de acordo com autor (1998, p. 30), nessa instituição, o pastor estava fortemente sobre as influências das ideias e práticas metafísicas e de culto. Sua matrícula em Emerson revela, portanto, não apenas um episódio pontual, mas um envolvimento contínuo com os pressupostos do Novo Pensamento e da metafísica da Ciência Cristã. Assim, a teologia que viria a se consolidar como Confissão Positiva apresenta, desde sua gênese, marcas indeléveis da metafísica religiosa e do ideal de autotransformação espiritual presentes nessas correntes.

O *Emerson College of Oratory* surgiu, em 1980, por iniciativa de Charles Wesley Emerson, como reabertura da extinta *Escola Monroe de Oratória*, um anexo

da Universidade de Boston. A referida escola fora originalmente instituída em 1872 por Lewis B. Monroe; mas foi fechada em virtude de seu falecimento, ocorrido em 1879. Emerson, ex-aluno e ex-professor da instituição, inconformado com a situação, promoveu a reativação da escola com o nome de *Conservatório de Boston de Elocução e Arte Dramática*. A posteriori, o nome da escola foi alterado para *Conservatório Monroe de Oratória* e, por fim, *Colégio Emerson de Oratória* (McConnell, 1988, p. 30-36).

No tocante ao assunto, torna-se imprescindível apresentar uma análise biográfica resumida de Charles Wesley Emerson, o influenciador de Kenyon, uma vez que este era um pastor protestante norte-americano e dificilmente adotaria os pressupostos do Novo Pensamento sem alguma mediação doutrinária ou filosófica. Emerson, conforme descreve McConnell (1988, p. 36, tradução nossa), começou sua carreira religiosa como ministro de uma igreja congregacionalista em West Halifax, Vermont, em 1860. Posteriormente, entre os anos de 1866 e 187, atuou como pastor de uma igreja universalista em Northfield, Vermont, entre 1866 e 1871.

Em 1871, foi empossado como ministro de uma igreja unitária em Fitchburg, Massachusetts, ministério que exerceu até 1875, quando optou por estudar direito na Universidade de Boston, porém completou seus estudos na Monroe School of Oratory da Universidade de Boston. Ele transitou por várias outras igrejas, vindo, por fim, a se aproximar da Ciência Cristã de Mary Baker Eddy¹⁰, onde permaneceu até sua morte em 1908.

Emerson desenvolveu uma trajetória diversificada, não apenas como pastor de diferentes igrejas, mas também estudou Direito, oratória e obteve um diploma de médico pela Faculdade Eclética de Medicina da Pensilvânia. Ele era um colecionador de religião, um eclético no sentido estrito do termo. Um admirador de longa data do transcendentalismo de Ralph Waldo Emerson, de quem não possuía vínculo parentesco. Apegou-se aos princípios básicos do darwinismo social de Herbert Spencer. Sua religião era uma verdadeira miscelânea das fontes subjacentes à metafísica do Novo Pensamento: platonismo, swedenborgianismo, unitarismo da Nova Inglaterra e transcendentalismo emersoniano. Estes elementos, em uma síntese

¹⁰ Mary Baker Eddy foi discípula de Quimby, fundadora da Ciência e Cristã e autora da obra “Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras”.

heterogênea, foram coadunados com textos da Bíblia e articulados com uma visão quase darwiniana da evolução religiosa da humanidade, que terminou com o homem se tornando um deus (McConnell, 1988, p.50, tradução nossa).

A escola por ele fundada, o Emerson College of Oratory, não se limitava à formação técnica em oratória. Era, na verdade, um veículo para propagar suas ideias religiosas. Emerson compreendia a escola como um instrumento destinado a executar à realização da obra de Deus e não incorporar a religião ao seu currículo significava comprometer os fins últimos para os quais instituição fora fundada.

Nesse sentido, McConnell (1988, p. 52, tradução nossa) afirma:

Charles Emerson, ele mesmo, era um participante ativo no movimento do Novo Pensamento e fundou a escola para propagar este ensino cultural. O objetivo do Emerson College of Oratory de acordo com seu fundador e muitos dos que participaram não foi apenas para ensinar oratória, nem era para produzir meros oradores, mas sim, o seu objetivo era ensinar religião - uma filosofia, um modo de vida - e produzir não somente oradores, mas os missionários desta religião metafísica. Para este fim, além de Emerson mesmo, o Emerson College tinha em seu corpo docente alguns dos defensores mais conhecidos e mais articulados do Novo Pensamento.

Foi precisamente nesse ambiente do *Emerson College of Oratory* que Essek Kenyon recebeu as influências do movimento do Novo Pensamento que posteriormente moldaram a sua teologia. Ainda sobre a influência quimbiana, McConnell apud Kenyon faz menção ao relato que este descreveu em sua obra *The Two Kinds of Knowledge* (1942). Nela, encontra-se a expressão “cientista espiritual” que é um exemplo perfeito de sua assimilação da metafísica do Novo Pensamento. A formação de uma “ciência espiritual”, por meio da qual “o reino do espírito” pudesse ser explorado e explorado pela mente humana da mesma forma que as ciências físicas exploram e exploram o mundo físico, era o objetivo principal de Phineas Quimby e Mary Baker Eddy (McConnell, 1988, p. 58, tradução nossa).

Simmons corrobora a perspectiva acima ao afirmar que “Kenyon não foi um metafísico no sentido clássico, mas apropriou o vocabulário e os pressupostos do Novo Pensamento a uma moldura evangélica” (Simmons, 1997, p. 65). Uma das reflexões mais instigantes do evangelista encontra-se em sua obra *The Hidden Man*, na qual ele relata que, ao iniciar o estudo sobre o problema da Psicologia do Novo

Nascimento, percebi que esta não existe, pois o Novo Nascimento não é mental, mas espiritual. A psicologia tem a ver com a mente, e o Novo Nascimento tem a ver com o "homem oculto do coração", ou o espírito do homem (Kenyon, 1981, p. 5, tradução nossa).

Outro ponto interessante na obra citada trata da natureza do homem. O Pastor evangelista escreve que o homem é um ser espiritual. Ele possui um corpo físico no qual habita. Ele tem uma alma composta de suas faculdades de raciocínio (Natureza tricotômica). Seu corpo o capacita a contatar coisas físicas. Suas faculdades de raciocínio contatam coisas mentais. Seu espírito contata coisas espirituais. Antes de receber a Vida Eterna, seu espírito é dominado pela Morte Espiritual ocasionada pela queda do primeiro homem no jardim do Éden. Isso torna impossível para ele entender a Bíblia, que é a **Verdade Revelada**, conforme 1 Coríntios 2.14 “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se entendem espiritualmente” (BÍBLIA, 2022, p. 1996). A parte do homem que é recriada é o seu espírito (Kenyon, 1981, p.11, tradução nossa, grifo nosso). Perceba: o que Quimby interpretou de Verdade ou Sabedoria, Kenyon ressignifica como Verdade Revelada. Nos ensinamentos do mentalismo quimbiano a cura viria de dentro para fora; na doutrina keynoniana ocorre do homem interior (o espírito recriado) para o homem exterior.

Dentro das concepções de Kenyon, o mundo foi criado por Deus proferindo as palavras e chamando à existência tudo o que existiu, conforme o livro de Gênesis, capítulo 1. Sua interpretação para esse evento parte da afirmação de que “Deus é um Deus de fé”, pois tinha fé nas suas palavras, dando origem à criação do nada. Para ele “palavras cheias de fé trouxeram o universo à existência, e palavras cheias de fé governam esse universo hoje” (McConnell apud Kenyon, 1988, p. 151).

Com efeito, percebe-se que a disseminação de ideias como as de Kenyon não ocorre de modo arbitrário ou isolado. Existem grupos de indivíduos com essa necessidade, conforme sustenta Mauss: “Somente necessidades coletivas sentidas por todo um grupo podem forçar todos os indivíduos desse grupo a operar, no mesmo momento, a mesma síntese. A crença de todos, a fé, é o efeito da necessidade de todos, de seus desejos unânimes” (2003, p. 159). Nesse sentido, o êxito e a eficácia

de um fenômeno mágico-religioso estão profundamente enraizados na adesão coletiva.

Dessa forma, pode-se inferir que, no caso de Kenyon, manifesta-se aquilo que Mauss identifica como o “terceiro aspecto da eficácia da magia”: a confiança depositada pela coletividade e as exigências da opinião pública, isto é, a aceitação generalizada por parte do grupo. Quando o grupo crê na efetividade do ato da confissão positiva, essa prática passa a produzir – de acordo com a ciência – resultados concretos no imaginário e na experiência coletiva.

Com o propósito de oferecer uma visão mais abrangente do percurso teórico desenvolvido, apresenta-se, a seguir, um quadro comparativo que evidencia as convergências e divergências entre os pensadores e seus respectivos sistemas doutrinários.

Quadro 4: *Categorias temática e autores*

CATEGORIA TEMÁTICA	EMMANUEL SWEDENBORG (1688–1772)	PHINEAS P. QUIMBY (1802–1866)	FRANZ ANTON MESMER (1734–1815)	E. W. KENYON (1867–1948)
Visão da realidade	O mundo natural é reflexo do mundo espiritual, estruturado por leis de correspondência simbólica.	A realidade externa é moldada pela crença; a doença é fruto de erro mental, não é uma realidade objetiva.	A realidade está saturada por um fluido magnético universal, invisível, que influencia a matéria.	O mundo espiritual é mais real que o físico; a realidade visível é submetida à Palavra de Deus.
Natureza do ser humano	Espírito (centro da vontade), alma (razão) e corpo. O espírito é o verdadeiro ser.	O ser humano é essencialmente consciência mental e espiritual; o corpo reflete seus estados mentais.	Corpo é permeado por magnetismo animal; o desequilíbrio do fluido vital gera doenças.	Espírito, alma e corpo. O espírito recriado no novo nascimento é a sede da identidade.
Origem da doença	Desequilíbrio espiritual e desconexão da ordem divina.	Crenças errôneas, medo e ignorância espiritual produzem doença.	Bloqueio ou desarmonia do fluxo magnético natural no corpo.	Falta de conhecimento espiritual e confissões negativas que contrariam a Palavra de Deus.

Teoria de cura	Restauração da harmonia espiritual por meio da iluminação interior e alinhamento ao divino	Correção do erro mental pela exposição à verdade espiritual interior.	Restauração do equilíbrio do fluido magnético por passes ou manipulação do magnetismo.	Cura pela fé, confissão da Palavra e conhecimento da nova identidade em Cristo.
Cristologia	Cristo é a encarnação da Divindade Suprema e revela a ordem espiritual por meio de correspondências.	Cristo é um princípio de sabedoria curativa interior, não necessariamente uma figura divina única.	Cristo não é foco de seu sistema; a abordagem é naturalista.	Cristo é substituto legal e redentor; sua autoridade e vitória são transferidas ao crente.
Papel da mente	A mente é mediadora entre o mundo espiritual e o mundo natural; influencia ambos pela vontade.	A mente é criadora de realidade; crenças moldam a saúde e o mundo físico	A mente colabora na condução do fluido, mas não é a origem do poder magnético.	A mente deve ser renovada pela Palavra; sua função é submeter-se ao espírito recriado.
Função da linguagem e da palavra	A linguagem da Escritura é simbólica; cada termo tem significado espiritual oculto.	A linguagem expressa a verdade espiritual e desfaz erros quando alinhada à sabedoria interior.	A palavra não possui papel central; os gestos e passes têm função terapêutica.	A confissão da Palavra é fundamental: o que o crente fala ativa ou bloqueia as promessas de Deus.
Escritura e revelação	A Bíblia é lida alegoricamente, por correspondências espirituais.	A Bíblia contém verdade, mas é reinterpretada segundo a experiência espiritual do indivíduo.	A Bíblia não é referência central; seu sistema é pseudocientífico.	Uso literal e normativo da Escritura como base de autoridade e prática confessional.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Swedenborg Fudation (2000), Dresser (1921), Kenyon (1981) e Horowitz (2014).

Ao evidenciar esse arcabouço histórico-teórico acerca do possível surgimento do preceito da confissão positiva – doutrina que se constituiu como base para a teologia da chamada “Palavra da Fé” – é possível delinear, a seguir, uma visão cronológica das raízes dessa “doutrina”.

Quadro 5: *Visão Cronológica das Raízes da Confissão Positiva*

Fonte: a Autora.

O movimento do Novo Pensamento, ao que se pode inferir, constitui-se em uma confluência de múltiplas concepções de religiões e seitas. Por não ser um sistema rígido de crença, não dogmático, ele passou a ser a bandeira sob a qual vários grupos metafísicos marcharam. Dentre os mais representativos, podemos citar: Unity School of Christianity, Divine Science, Church of Religious Science, Home of Truth, Fonte: Church of Truth, Christ Church League, Society of the Healing Christ e Christian Assembly (McConnell, 1988, p. 39).

Essa estrutura não-sistemática permitiu a difusão ampla e a apropriação seletiva de seus princípios por diferentes atores religiosos, especialmente aqueles que buscavam uma hermenêutica mais subjetiva e pragmática das Escrituras Sagradas. Neste cenário, as ideias do Novo Pensamento alcançaram a vida de um homem norte-americano que precisava enxergar as escrituras sagradas com uma nova “revelação”, conforme explanaremos no subitem 2.4 desta tese.

Essa via de transmissão das ideias metafísicas permite entender como determinadas doutrinas se disseminam, não necessariamente por meio de filiações explícitas ou alinhamentos institucionais, mas por processos mais sutis de influência cultural, espiritual e hermenêutica.

2.2.4 Kenneth Erwin Hagin, o expoente da confissão positiva

Diante dessa trajetória, cumpre destacar que o grande líder norte-americano da Confissão Positiva foi o evangelista e pastor batista Kenneth Erwin Hagin, nascido em 20 de agosto de 1917, em McKinney, no estado do Texas, Estados Unidos da América. A ausência de uma biografia oficial de cunho acadêmico sobre sua vida nos leva a recorrer, sobretudo, aos seus próprios relatos, apresentados em livros e pregações, nos quais narra suas epifanias e experiências pessoais.

No livro *“Eu Creio em Visões”*, Hagin relata um pouco da sua história, descrevendo que nasceu com uma deformidade no coração de alta gravidade e uma doença sanguínea incurável. Essas condições o impediram de desfrutar uma infância normal, levando-o à imobilidade e à condição de acamado ainda na adolescência (Hagin, 2013b, p.4-6). A esse respeito, ele explica a luta que travou para alcançar sua cura Divina. Relata que após seu novo nascimento – momento em que o homem aceita a Jesus como Senhor e Salvador da sua vida – iniciou a sua caminhada cristã.

Como um cristão exemplar, começou a ler a bíblia. Em sua jornada de leitura sistemática das Escrituras descobriu o versículo que mudou sua vida. Recebeu uma divina revelação com o versículo bíblico de Marcos 11:24 “Por isso vos digo: Tudo quanto suplicardes e pedirdes, crede que já o recebestes, e assim será para vós” (BÍBLIA, 2022, p. 1776). Passou, depois de vários momentos de dúvida e insegurança, a crer em seu coração e declarar com a sua boca que era curado, conforme descreveremos com detalhe adiante.

Ao mudar a sua forma de pensar, de compreender e de apreender a bíblia, Hagin afirma que em 8 de agosto de 1934, Deus praticamente o ressuscitou, curando-o completamente e levantando-o daquele leito de enfermidade. O seu testemunho de cura divina, tornou-se a base de muitas de suas pregações sobre a força da fé. Essa é a bandeira majestosa do evangelho que ele passou a defender veementemente.

Seu ministério no evangelho de Jesus Cristo se iniciou quando ainda era um jovem pregador batista (Hagin, 2013b, p. 27). Gondim (1993, p. 25) relata seu período como pregador batista entre 1934 e 1937, vindo a tornar-se ministro da igreja Assembleia de Deus, nos EUA, em 1937 (Romeiro, 1998, p. 9). Neste período, teria

exercido o pastorado por 12 anos (1937-1949), conforme aponta McConnell (1988, p. 43).

Gondim (1993, p. 25) afirma que seu constante fascínio pelas manifestações sobrenaturais e sua insistência em pregar a cura divina, afastaram-no das fileiras batistas. No mesmo ano de sua filiação às Assembleias de Deus, fundou o movimento “Palavra da Fé” fortemente influenciado pelos ensinamentos de Kenyon. Tal influência foi exercida com tanta magnitude que pesquisadores da teologia da prosperidade perceberam que os ensinamentos de Hagin são similares aos de Kenyon. Pieratt (1993, pp. 30-31), Mariano (2012, p. 151) e Gondim (1993, pp. 45-46) alegam que possivelmente Hagin plagiou os escritos do mentalista. Romeiro (1993, p. 10), posicionou-se de forma mais cautelosa afirmando que Hagin utilizou as ideias de Kenyon para moldar a Confissão Positiva.

McConnell (1988, p. 21) adota uma postura mais incisiva ao acusar abertamente o referencial do movimento da fé de cometer plágio, devido as afirmações de Ruth Kenyon Houseworth – filha de Kenyon – que foi a responsável de publicar os escritos e pensamentos de seu pai. Aponta ainda o autor que Hagin teve um encontro com essa nova forma de interpretar os registros bíblicos antes de 1950, conforme segue:

Por exemplo, Hagin se lembra de ter lido um livro em 1949 com a seguinte citação: “Parece que Deus é limitado por nossa vida de oração, que Ele não pode fazer nada pela humanidade a menos que alguém Lhe peça. Porque isso acontece, eu não sei”. Esta citação vem do livro de E. W. Kenyon, *Os Dois Tipos de Fé*. McConnell (1988, p. 24) aponta que até mesmo a “revelação” supostamente dada a Hagin em seu leito de morte é descrita por ele com uma citação não documentada e plagiada de *Os Dois Tipos de Fé*.

Hagin, em vida, sempre negara qualquer plágio; porém quando se comparam os ensinamentos e escritos do mentalista aos dele, percebe-se uma similaridade de ideias e, às vezes, a própria literalidade das palavras. Um exemplo particular se observa ao comparar os livros *O Maravilhoso Nome de Jesus* (de Essek Kenyon) e *O Nome de Jesus* (de Kenneth Hagin), o segundo aparenta ser uma cópia do primeiro. McConnell demonstra nas páginas 24-29 várias evidências que de fato, segundo ele, comprovam, em muitos casos, que Hagin copiou palavra por palavra, sem documentação, dos escritos de Kenyon.

No entanto, não é objetivo desta análise debater questões relativas à originalidade ou à autoria – discutir o plágio –; mas sim, dar conhecimento ao leitor de como as ideias centrais do Novo Pensamento chegaram até Hagin e foram interpretadas (através de uma interpretação literal e confessional das escrituras) e amplificadas, no contexto do movimento Palavra da Fé. O quadro, a seguir, apresenta um comparativo da visão doutrinária de Kenyon e Hagin.

Quadro 6: Comparativo das visões doutrinárias de Kenyon e Hagin

Categoria Temática	E. W. Kenyon (1867–1948)	Kenneth Hagin (1917 – 2003)
Visão da realidade	O mundo espiritual é mais real que o físico; a realidade visível é submetida à Palavra de Deus.	A realidade é moldada pela fé expressa; o mundo espiritual tem primazia.
Natureza do ser humano	Tricotomia: espírito, alma e corpo. O espírito recriado no novo nascimento é a sede da identidade.	Tricotomia: espírito, alma e corpo. O espírito recriado pelo novo nascimento.
Origem da doença	Falta de conhecimento espiritual e confissões negativas que contrariam a Palavra de Deus.	Ignorância espiritual e confissão negativa.
Teoria de cura	Cura pela fé, confissão da Palavra e conhecimento da nova identidade em Cristo.	Cura como direito do crente; ativada pela fé e Confissão da Palavra, através do conhecimento da nova identidade em Cristo.
Cristologia	Cristo é substituto legal e redentor; sua autoridade e vitória são transferidas ao crente.	Cristo como modelo de autoridade e redentor pleno.
Papel da mente	A mente deve ser renovada pela Palavra; sua função é submeter-se ao espírito recriado.	A mente deve submeter-se ao espírito recriado e à Palavra.
Função da linguagem e da palavra	A confissão da Palavra é fundamental: o que o crente fala ativa ou bloqueia as promessas de Deus.	A Palavra falada libera fé e poder divino.
Escritura e revelação	Uso literal e normativo das Escrituras como base de autoridade e prática confessional.	A Bíblia como fonte literal de autoridade e manual de confissão.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Dresser (1921), Kenyon (1981) e Hagin (1973, 1981)

Em continuidade ao panorama exposto, no final de 1970, Hagin chegou a fundar o *International Convention of Faith Churches and Ministers*. Doravante, em 1974, fundou uma escola bíblica de caráter interdenominacional denominada Rhema, na cidade de Tulsa, Oklahoma (Mariano, 2012, p. 151).

Destacam-se, na narrativa de Hagin, duas experiências fundamentais, que são chaves, para o seu ministério cristão. A primeira consiste em uma experiência mística, na qual ele afirma ter sido levado ao inferno. A segunda, de natureza revelacional, refere-se à iluminação através das escrituras sagradas, especificamente, a passagem de Marcos 11. 24 que culminou em sua cura.

Em relação a estas experiências, Hagin descreve que teria sido “levado ao inferno”, onde viu e sentiu coisas que o deixariam perplexo, como trevas que o impediam de enxergar até mesmo a sua mão a três centímetros dos olhos, e um calor que se intensificava à medida que ele descia. Ele desceu outras duas vezes "ao inferno" para ali contemplar os seus horrores, sendo assim levado a tomar uma decisão quanto a sua vida espiritual. Depois da terceira "visita ao inferno", ele aceitou a Cristo como seu Salvador (Romeiro, 1998, p. 11).

A segunda experiência – a revelacional – ocorreu em duas etapas: a primeira em janeiro de 1934, quando ele estava em uma ambulância no trajeto para sua nova residência, conforme segue:

Assim que voltamos para a esquina e nos dirigimos para a parte sul, pude observar o velho Palácio da Justiça que ficava no meio da praça. Nunca esquecerei daquele momento enquanto viver. Naquele instante algo me disse: "Bem, você nunca poderia ter visto esses prédios de novo, se não fosse a bondade desse motorista." Então eu lembrei do versículo de Mc 11.24: Portanto vos digo, aquilo que você desejar, quando orar, creia que o recebeu, e o terá, e me recordei do versículo anterior que dizia, ...e terá aquilo que disse. Eu disse: "Sim, eu verei esses prédios e esse Palácio novamente. Eu virei e andarei por essa praça, porque Jesus disse que aquilo que você crê em seu coração e confessa com sua boca vai acontecer" (Hagin, 2013b, pp. 21-22).

A parte segunda da revelação ocorreu na segunda semana de agosto, do mesmo ano, quando ele relata ter entendido o significado real da passagem de Marcos 11:24. Destaca-se seu relato:

Naquela terça-feira eu orei nas primeiras horas da manhã. No horário de costume, minha mãe veio e me ajudou com o banho. Eram mais ou

menos 8h30 quando ela saiu do quarto; eu continuava a orar. Eu já estava lutando com este versículo de Marcos 11:24 por um bom tempo, mas não ficava nada melhor. Neste momento eu vi exatamente o que aquele versículo significava. Até então, ficara esperando até estar realmente curado. Olhava para o meu corpo e testava as batidas do coração para ver se eu já tinha sido curado. Mas percebi que o versículo afirma que é preciso crer quando oramos. O ter vem depois do crer. Eu estava invertendo. Tentava primeiro ter e então crer em segundo lugar. E isto é o que a maioria das pessoas fazem. Já sei, já sei, disse com alegria. Já sei o que eu tenho de fazer, Senhor. Tenho de crer que meu coração está bem enquanto ainda estou deitado aqui nesta cama e enquanto meu coração não está batendo direito. Tenho de crer que minha paralisia já se foi enquanto ainda estou deitado e incapacitado (Hagin, 2013b, pp. 23-24).

Temos o conhecimento de que uma característica comum aos fundadores de uma religião é alegar uma revelação especial do divino em seus sonhos ou visões. É importante sublinhar, que embora Hagin não tenha fundado uma nova religião, como frequentemente ocorre com outros líderes religiosos que afirmam ter recebido revelações divinas, ele alega ter tido um novo entendimento das escrituras sagradas cristã, que o conduziu a um novo estilo de visão e fé. Em razão desses acontecimentos, ele exerceu uma forte influência no pentecostalismo da época, sobretudo no Brasil. Observe que Mariano (2012, p. 154) aponta R. R. Soares como o “principal difusor das obras de Kenneth Hagin” e Romeiro o identifica como o “responsável pela publicação da maioria dos livros de Kenneth Hagin no Brasil” (1998, p. 20).

Cabe observar que o presente trabalho não se propõe a julgar a autenticidade das revelações, sonhos ou visões atribuídas a Hagin. No entanto, é necessário deixarmos o leitor ciente de que, no contexto da ortodoxia cristão protestante, todos os ensinamentos que não têm como base as Escrituras – conforme sua interpretação histórica e gramatical – são comumente classificados como desvios doutrinários ou heresias. Alister McGrath, teólogo britânico, entende que distorções dos dogmas cristãos tradicionais, em determinado contexto histórico, podem afetar a identidade social devido a relevância da religião na autodefinição de grupo (2014, p.231). Por este motivo, não há uma aceitação desses entendimentos propostos por ele entre os protestantes históricos.

Ao estudar o fenômeno em epígrafe, podemos perceber ideias que são geradas nas mentes dos indivíduos e que são norteadoras de como ser, sentir e se comportar

diante das adversidades comuns da vida ou aquelas causadas pela ausência do Estado, por exemplo, falta de políticas públicas. Nesses casos, os líderes religiosos que trouxeram essa herança da confissão positiva são produtos da consciência e da aceitação coletiva e exprimem ainda realidades coletivas. Os fatos, nesse sentido, exprimem a consciência coletiva e configuram-se como fatos sociais, nos termos propostos por Emile Durkheim (1996, p. XVI).

Para ilustrar a consolidação institucional dessa teologia, destaca-se a atuação do Kenneth Hagin Ministries¹¹, um ministério internacionalmente conhecido Rhema. Trata-se de uma instituição de caráter interdenominacional, fundado em 1974, na cidade de Tulsa, por Kenneth E. Hagin, após ter recebido o mandato divino: “Vá e ensine fé ao meu povo”. Seu objetivo é formar líderes capazes de propagar o evangelho com ênfase na fé, na oração e nas verdades curativas da palavra de Deus. De acordo com informações institucionais, o Rhema já formou mais de 50 mil alunos em diversos países. Atualmente, o ministério está sobre o comando de Kenneth Wayne Hagin Jr. (presidente) e Lynette Hagin (gerente geral).

No Brasil, em 1989, foi fundado o primeiro Centro de Treinamento Bíblico, na cidade de Guarulhos-SP, pelos missionários Harold Leroy Wright e Janace Sue Wright graduados na sede do Rhema nos EUA. A instituição brasileira segue integralmente a visão teológica e ministerial do Kenneth Hagin Ministries, operando sob sua chancela e adotando o mesmo modelo pedagógico, com o nome Rhema Brasil. Segue um quadro comparativo da visão ministerial para conhecimento.

Quadro 7: Accomplishing the Vision – Realizando a Visão

Kenneth Hagin Ministries	Ministério Verbo da Vida
Rhema Bible Church	Igreja Verbo da Vida
Rhema Bible Training College	Centro de Treinamento Bíblico Rhema
Rhema Bible Church Weekly	Verbo Play/VerboCast
Faith Library Publications	Rhema Brasil Publicações
Rhema for Today radio program	Verbo FM
Rhema Prison Ministry: Free materials sent to inmates by Partner Services	Rhema Prisional (Treinamento do Rhema no Sistema Prisional)
Rhema Correspondence Bible School	Escola Bíblica Verbo da Vida
Rhema Alumni Association	Associação Alumni

Fonte: a autora

¹¹ As informações foram obtidas na página <https://www.rhema.org/>. Acesso em 11 de abril de 2025. O site é sólido. Não é um repositório temporário, pois esse ministério tem mais de 50 anos.

A trajetória de Kenneth E. Hagin e a difusão dos preceitos teológicos vinculados ao movimento Palavra da Fé exerceram considerável influência sobre amplos segmentos do cristianismo contemporâneo, especialmente no contexto pentecostal e neopentecostal. Seus livros e ensinamentos foram amplamente disseminados no Brasil, notadamente por intermédio de líderes religiosos que adotaram e propagaram os fundamentos doutrinários do referido movimento através de vários pastores.

Destaca-se, dentre eles, o missionário e televangelista, R. R. Soares. Um seguidor exemplar da doutrina do movimento da fé que, entre outros aspectos, publicou diversos livros do Kenneth Hagin, por meio de sua casa editorial – a Graça Editorial. Todavia, observa-se que o modelo marcante não apenas na linguagem de Hagin, mas também, na estrutura organizacional característica do *Kenneth Hagin Ministries*; manifesta-se de maneira mais explícita no Ministério Verbo da Vida que serão explanadas no capítulo subsequente.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DA PESQUISA

Este capítulo apresenta o percurso metodológico trabalhado para alcançar o objetivo geral e os específicos da pesquisa que se divide em duas partes. A primeira aborda sobre a metodologia aplicada, a segunda apresenta a aplicação e análise da pesquisa.

3.1 A pesquisa bibliográfica

A presente tese tem como objetivo geral investigar como a Confissão Positiva atua na consolidação da fé nas Igrejas Evangélicas Verbo da Vida e se tal linguagem religiosa pode ser considerada uma linguagem mítica com efeitos significativos, segundo o pensamento de Roland Barthes exposto na obra *Mitologias*.

No campo da parte bibliográfica foi realizado um apanhado sobre os principais trabalhos científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes. O aporte teórico-metodológico que conduziu tal pesquisa está ancorado na perspectiva fenomenológica e no impacto da Confissão Positiva, abrangendo publicações avulsas, livros, revistas, vídeos, internet, entre outros. Trata-se de um levantamento importante tanto para os estudos baseados em dados originais, colhidos numa pesquisa de campo, quanto para aqueles inteiramente baseados em documentos (Luna, 1999).

Para a revisão literária, baseou-se em materiais produzidos e disponibilizados publicamente pelo próprio Ministério Verbo da Vida, incluindo livros, revistas e arquivos acessíveis em seu site oficial. Ademais, a participação em eventos e seminários direcionados aos seus membros constituiu uma importante fonte complementar de dados. Outro foco da pesquisa concentrou-se na leitura das obras mais vendidas do autor Kenneth Erwin Hagin, realizando uma revisão de sua bibliografia e comparando-a com as narrativas da Bíblia e, primordialmente, com os comentários de autores contemporâneos.

Dessa forma, a combinação dessas diferentes fontes permitiu uma compreensão aprofundada e contextualizada do objeto de estudo, consolidando a fundamentação teórica e empírica desta pesquisa.

3.2 A estratégia metodológica

Compreendendo que para a investigação aprofundada do tema específico – confissão positiva – é imprescindível considerar os relatos dos fiéis inseridos nesse universo religioso e que podem expressar sua forma de pensar, sem sobressaltos, pois trata-se da sua cosmovisão. Cabe destacar, nesse contexto, que me sinto à vontade para escrever sobre a temática em questão; porém, no pensamento de que a espiritualidade leva o ser humano a uma dimensão diferente da carne que o prende, a um nível espiritual que se sobressai ao da dimensão da alma – uma esfera transcendental.

Seja o ser humano concebido como constituído de matéria e alma, ou ainda de matéria, alma e espírito – conforme a tradição filosófica ou teológica com a qual o leitor mais se identifique –, permanece inegável a presença, na constituição do humano, de um elemento que transcende a dimensão física e que o faz procurar entender o sentido da vida.

Considerando as reflexões apresentadas, esta tese está inserida na **abordagem metodológica qualitativa** da pesquisa, utilizando-se para obtenção de dados sobre a realidade que se pretende conhecer, um levantamento através da observação participante e de coleta de dados com um grupo adulto de membros da igreja selecionada, fazendo interlocuções bibliográficas, com delineamento exploratório e explicativo, entendendo que não há como analisar o tema abordado de maneira quantitativa, ou seja, não se pode quantificar em equações estatísticas; pois, o tema está tratando de aspectos subjetivos relacionados a fenômenos sociais e ao comportamento humano que estão ocorrendo em um contexto específico.

No que tange ao exposto, precisamos entender que a abordagem qualitativa transita pelo recolhimento de discursos realizados por pessoas selecionadas, tendo em vista o objetivo e o propósito da pesquisa e, também, a interpretação destes discursos no intuito de assinalar as relações que se produz no grupo em estudo.

No âmbito das entrevistas, será privilegiada a utilização da fonte oral como meio de acesso aos acontecimentos, compreendida aqui como história oral em sentido estrito. Conforme afirmam Mehy e Holanda (2015, p. 19), “o objetivo no uso da entrevista é o de se obter uma compreensão do fato religioso na visão do

respondente”. Para Bauer e Gaskell “o objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (2010, p. 65). Dentro desse contexto, uma condição primordial da entrevista qualitativa é a compreensão dos mundos das vidas dos entrevistados.

A vivência da cosmovisão própria da Confissão Positiva (isto é, da crença religiosa que se firma e se sustenta no discurso e na prática cotidiana dos fiéis) constitui elemento central a ser experienciado e registrado ao longo desta pesquisa.. Inserida no escopo da observação participante, a proposta metodológica contempla o acompanhamento sistemático de cultos públicos e eventos sociais promovidos pelas Igrejas Evangélicas Verbo da Vida, com o objetivo de registrar relatos das homilias e práticas discursivas que expressem os fundamentos teológicos dessa vertente religiosa.

Nesta perspectiva, a coleta de informações significativas para esta pesquisa também utilizou a abordagem do observador participante, considerando a importância do instrumento que evidencia “a forma mais completa de informação sociológica” e leva a “conhecer que tipo de informação escapa quando empregamos outros métodos” (Bauer; Gaskell, 2010, p. 72). Necessário se tornar deixar claro, nesse método, a importância de se mergulhar nas atividades do dia a dia cristão das pessoas as quais estamos tentando entender. Não queremos realizar uma testagem de ideais (através da indução); e sim, o estabelecimento de ideias a partir das observações realizadas (indução). Essa técnica de coleta de dados – entrevista com grupos focais – tem seu objetivo principal estimular os participantes a discutir sobre o assunto de interesse comum, como um debate aberto sobre o tema; levando em consideração os pontos de vista dos outros para a formulação de suas respostas e também podem realizar comentários sobre suas experiências e a dos outros (Bauer; Gaskell, 2010, p. 74).

3.3 Aplicação e análise da pesquisa

Com forte base nas perspectivas lançadas, o nosso campo de estudo, conforme já citamos, foi a instituição religiosa Ministério Verbo da Vida, intitulada por muitos como neopentecostal e seguidora da “Teologia da Prosperidade”, onde

tivemos fácil acesso aos fiéis e liderados após apresentarmos aos representantes religiosos o teor do trabalho.

Ao revelar a oportunidade de mostrar, em modelo de pesquisa acadêmica, as concepções e a doutrina da igreja na visão de um observador participante, explicando-lhes claramente o papel desta, assegurou-lhes o conforto de que o trabalho de tese não tinha a intenção de trazer prejuízos à instituição, e sim, apresentar o pensamento de crença quanto ao evangelho de Jesus Cristo e a sua atuação social que é exercida através da vida de seus membros.

3.3.1 Leitura e reflexão do pensamento de Roland Barthes

Para que a análise dos dados empíricos seja robusta, esta seção dedicará atenção aos referenciais teóricos que subsidiam nossa interpretação. As obras de Roland Barthes sobre o mito e de Leon Festinger sobre a dissonância cognitiva foram selecionadas por sua pertinência para desvelar as nuances da Confissão Positiva. A seguir, aprofundaremos cada uma dessas perspectivas antes de aplicá-las aos discursos coletados.

Para compreender o tema da linguagem da fé, no âmbito da Confissão Positiva, pela ótica de um determinado autor, é preciso acessar seu pensamento. Por isso, antes de apresentar a pesquisa em si, será feita uma revisão da teoria de Roland Barthes (1915–1980), crítico literário, semiólogo e filósofo francês. Suas obras transitam entre a literatura, a linguística, a filosofia e a teoria da comunicação. Neste subitem, proceder-se-á à síntese da teoria do mito elaborada na obra *Mitologias*.

O mito é uma fala. Um sistema de comunicação, é uma mensagem. Ele é um modo de significação, uma forma. Devido a essa fala; tudo pode construir um mito, desde que se possa ser julgado por um discurso (Barthes, 2001, p. 131). Dessa forma, o autor estabelece que o mito não se define pelo objeto, mas pela maneira como se profere, e, neste caso, Barthes infere que “O mito tem limites formais, mas não substanciais” (2001, p. 131).

Neste ponto, ressalva-se o caso específico da Confissão Positiva, cujo objeto é a Bíblia; mas, neste caso, a maneira como a linguagem das Escrituras é transmitida

constrói o mito. Portanto, o que o autor traz é a ideia de que a fala é uma mensagem que pode não ser oral; ela pode se manifestar por meio de palavras escritas, imagens ou por representações: tudo o que se puder servir de suporte a fala mítica, por exemplos, o discurso escrito, uma fotografia, o cinema etc. Nesse sentido, o mito é uma construção social que transforma algo concreto em um símbolo carregado de significados culturais (Barthes, 2001, p. 138).

Dentro de um sistema semiológico e considerando a teoria estruturalista de Saussure que trabalhou um sistema semiológico exemplar – a língua –; Barthes constrói sua semiologia do mito, considerando-a como um sistema semiológico particular cuja sua raiz se encontra num sistema principal já existente. Nesse novo arranjo, ele desenvolve a figura do Signo como um significante de um sistema de segunda ordem. Apresenta três termos distintos e a sua correlação interna: o significante, o significado e o signo; este último entendido como um termo associativo resultante da articulação dos dois primeiros, onde chamou-lhe de significação (2001, p. 135).

O esquema a seguir foi elaborado com o intuito de esclarecer o sistema semiológico proposto por Barthes, no qual o mito se constitui a partir de uma cadeia semiológica preexistente, que serve de base para a formação de um sistema semiológico secundário.

Quadro 8: Elementos do significante mítico

LÍNGUA	SIGNIFICANTE (1)	SIGNIFICADO (1)	
MITO	SIGNO (1) -> SIGNIFICANTE (2)		SIGNIFICADO (2)
	SIGNO (2) -> SIGNIFICAÇÃO -> MITO		

Fonte: Elaboração do Autor

A figura demonstra que no mito existem dois sistemas semiológico: um sistema linguístico, a língua (linguagem objeto) e o próprio mito (metalinguagem) que é uma segunda língua construída a partir da primeira (Barthes, 2001, p. 137). O mito se utiliza do signo da língua como significante de seu sistema.

Dentro deste horizonte, descreve Barthes que o significante do mito é um elemento ambíguo: é sentido e forma ao mesmo tempo. Enquanto sentido carrega consigo um valor próprio que faz parte da história, já está constituída de uma significação. Tornando-se forma; o sentido contido no significante afasta a sua contingência, a história se evapora e permanece apenas a letra (Barthes, 2001, p. 139). Quando o significante do mito é sentido, ele é pleno; mas quando é forma se torna vazio “sem sentido” requerendo uma significação que a preencha. Neste momento ocorre o sistema semiológico do mito.

Propomos um novo esquema que procura representar a simultaneidade sentido e forma constitutiva da própria estrutura do significante mítico.

Quadro 9: Elementos do signo (1) / significante (2)

SIGNO (1) -> SIGNIFICANTE (2)	SENTIDO -> CONTÉM UM SIGNIFICADO, UMA HISTÓRIA (PLENO)
	FORMA -> PERDE O SENTIDO, AFASTA A HISTÓRIA (VAZIO)

Fonte: Elaboração do Autor

A concepção barthesiana da relação entre sentido e forma no significante é elucidada da seguinte maneira:

O ponto capital em tudo isto é que a forma não suprime o sentido, empobrece-o apenas, afasta-o, conservando-o à sua disposição. Cremos que o sentido vai morrer, mas conserva a vida, que vai alimentar a forma do mito. O sentido passa a ser a forma como uma reserva instantânea de história, como uma riqueza submissa, que é possível aproximar e afastar numa espécie de alternância rápida: é necessário que a cada momento a forma possa reencontrar raízes no sentido, e aí se alimentar; e sobretudo, é necessário que ela se possa esconder nele. É este interessante jogo de esconde-esconde entre o sentido e a forma que define o mito (Barthes, 2001, p. 140).

No caso do significado, toda essa contextualização que se derrama da forma é totalmente absorvida pelo conceito. Para o teórico, o conceito é o elemento que restabelece uma cadeia de causas e efeitos, de motivação e de intenções. Através

dele, toda uma nova história é implantada no mito. Conforme relata o autor “A característica fundamental do conceito mítico é a de ser apropriado. O Conceito corresponde a uma função precisa, define-se como uma tendência” (Barthes, 2001, pp. 140-141).

Segundo o pensamento Barthesiano, um significado pode cobrir uma grande extensão de significantes (Barthes, 2001, p. 142). É precisamente esse o caso do conceito mítico que tem à sua disposição uma massa ilimitada de significantes; por exemplo: um livro inteiro pode funcionar como o significante de um só conceito.

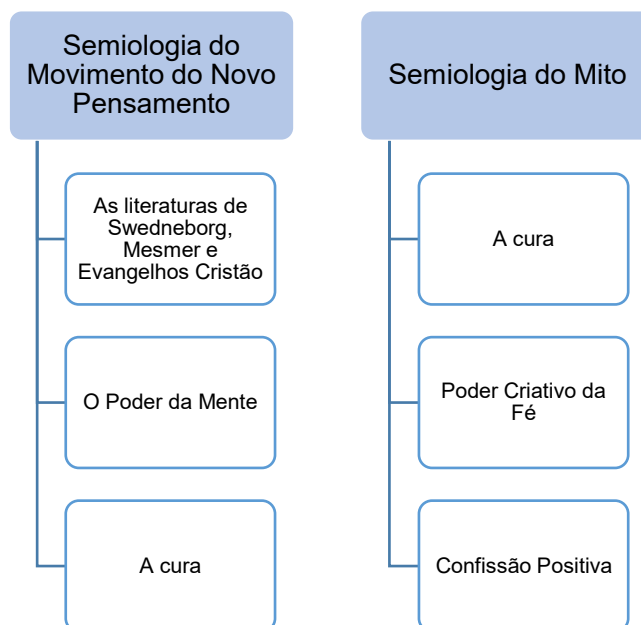
O autor afirma ainda que o inverso também se constitui em uma possibilidade. Uma forma minúscula, uma palavra, por exemplo, poderá servir de significante a um conceito repleto de história. O conceito é um elemento que constitui o mito e, caso se pretenda decifrar mitos, é necessário que possa nomear conceitos.

E quanto a significação? Para o teórico da semiologia do mito, dentro da sua criação sistemática, a significação é o próprio mito, pleno, suficiente e o único a ser efetivamente consumido. Seus modos de constituição advêm de uma correlação do conceito e da forma míticas. A questão é que a relação à qual une o conceito do mito ao seu sentido é essencialmente uma relação de deformação. No mito, o conceito deforma o sentido (Barthes, 2001, 143). Identifica-se uma outra analogia formal que nos permite estabelecer uma inferência ao sistema semiológico de mito e os mecanismos discursivos da confissão positiva. Seu preceito foi concebido por meio de linguagens específicas à retórica do poder da mente, características do Movimento do Novo Pensamento. Nesta trajetória de construção potencialmente configurado como processo mítico – o sentido (a história, o sistema de valores) contido em tal movimento sofreu uma deformação do seu sentido original pelo conceito.

Em continuidade à exposição, temos a significação (o signo) é apresentada como a associação dos termos: o significante, entendido como forma, e o significado, concebido como conceito. O significado é o único termo pleno, suficiente e efetivamente consumido. A significação, nesse contexto, é o próprio mito, pois ele não oculta nada e tem a função de deformar o sentido original sem fazê-lo desaparecer. Essa deformação não é uma espécie de abolição porque o conceito precisa da história pré-existente do sentido. Nos termos empregados pelo autor, “O conceito, estritamente,

deforma, mas não elimina o sentido: existe um termo que significa exatamente esta condição: aliena-o” (Barthes, 2001, p. 144).

Quadro 10: *Semiologias do Movimento Novo Pensamento e semiologias do Mito*



Em síntese, o que o autor concebe é que a significação – o mito – é uma fala definida pela sua intenção, muito mais do que pela sua literalidade. Tal intenção está, de certa forma, petrificada, eternizada, tornada ausente pela literalidade. E quando o mito exerce sua função específica, a de transformar o sentido em forma; para Barthes; sempre ocorre um roubo de linguagem para a formação do signo mítico.

Um exemplo elucidativo pode ser observado em uma das expressões utilizadas por ministros da Palavra: “Tenha fé em sua fé”. Esta formulação encontra respaldo direto na obra de Hagin, intitulada com o mesmo enunciado. A explanação dos ministros ocorre semelhante modo à obra. Explicam que a Bíblia ensina a ter a mente de Cristo (1Co 2.16) e a única forma para que isso aconteça é estudando e crendo na Sua Palavra de todo o coração e, ainda, agir conforme seus ensinamentos. Inferem que Deus criou o mundo pela palavra da fé (Gn 1.1). Ele teve fé na Sua fé.

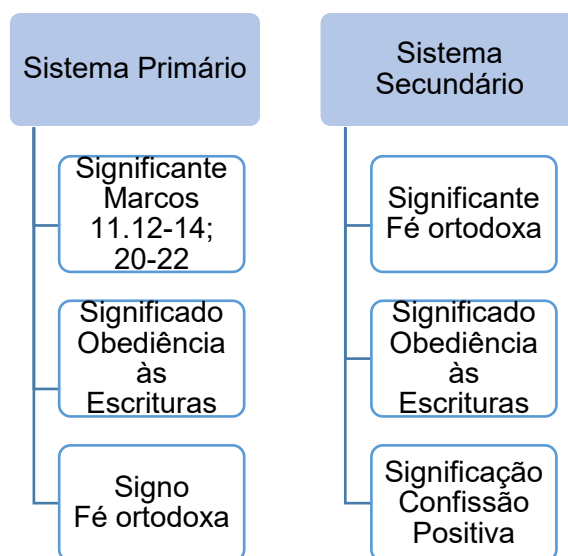
O texto de Marcos 11.12-14 – o episódio da figueira amaldiçoada – demonstra que Jesus tinha fé nas suas próprias palavras. Observe que Jesus disse “Tende fé em Deus”; o significado literal dessa frase é: “Tende a fé de Deus”. Eles seguem

afirmando que Jesus usou a figueira para demonstrar que Ele possuía esse tipo de fé de Deus, e que depois perguntou para seus discípulos: “Vocês têm de ter esse tipo de fé?” (Mc 11.20-22). Concluem o discurso asseverando que Jesus atuava com o tipo de fé de Deus e encorajava seus discípulos a exercitarem essa fé; e que nós como novas criaturas devemos exercitá-la também.

O teólogo Carson comenta que “Jesus usou o murchamento da figueira como um exemplo dos resultados de uma oração com fé”. Jesus também mostra que não podemos orar com fé para qualquer coisa que nos agrada. Nesta passagem, Ele era o “pensar dos pensamentos de Deus” e estava disposto a fazer a vontade do Pai. Esse é o tipo de oração da fé para sempre obter resposta. Orarmos para que seja feita a vontade de Deus, assim como Jesus orou no Getsêmani (Carson, 2009, p. 1181).

Nesse sentido, entende-se que Carson está se referindo a obediência a uma fé conceitual (ortodoxia)¹² e não a fé mística¹³ (uma experiência com o divino); o que nos remete a uma fala mítica dos ministros, conforme diagrama abaixo.

Quadro 11: *Sistemas Primário e Secundário*



Fontes dos dois quadros: a Autora

¹² O termo ortodoxia: “Designa não apenas a preservação fiel de uma tradição teológica, mas também o esforço de manter a continuidade histórica da fé cristã, tal como articulada nos credos e concílios da Igreja” (McGrath, 2017, p. 152).

¹³ A fé mística “constitui uma atitude radical de abertura ao Mistério, que não se deixa reduzir a fórmulas doutrinárias, mas que se deixa experimentar na oração, na contemplação e na entrega confiante ao Absoluto” (Boff, 1999, p. 47).

Em síntese, observa-se que a interpretação dos ministros da Palavra da Fé acerca da “fé na fé”, fundamentada em Hagin e sustentada por passagens bíblicas como 1Co 2.16, Gn 1.1 e Mc 11.12-22, enfatiza a necessidade de apropriação e exercício da fé como princípio ativo do crente; ou seja; uma fé criadora. Entretanto, a análise de Carson desloca a compreensão dessa prática: ao interpretar o episódio da figueira não como um ato arbitrário de poder, mas como sinal pedagógico da oração que se submete à vontade divina. O autor reafirma a dimensão ortodoxa da fé – centrada na obediência à revelação e na conformidade com a mente de Cristo. Dessa forma, o contraste entre a leitura mítica dos ministros e a perspectiva conceitual de Carson evidencia a tensão entre uma fé entendida como experiência mística e uma fé ancorada na ortodoxia, desafiando a reflexão teológica sobre os limites entre experiência subjetiva e normatividade doutrinária.

3.3.2 Dissonância cognitiva, o estado mental do desconforto psicológico.

Entendida como uma das teorias mais influentes da psicologia social, a Dissonância Cognitiva, de Leon Festinger (1919 - 1987), formulada em sua obra *A Theory of Cognitive Dissonance* (1957), propõe que os indivíduos buscam coerência interna entre suas cognições sejam elas crenças, valores, atitudes ou comportamento – e que a incongruência entre essas dimensões gera um estado de tensão psicológica denominado dissonância.

Para se entender a dissonância cognitiva, precisa-se conhecer alguns conceitos centrais que são de fundamental importância: cognição, dissonância e redução da dissonância. Em seu cerne, Festinger define a cognição como qualquer opinião ou convicção sobre o meio ambiente, sobre nós próprios ou nossos comportamentos (1975, p. 3). Tais convicções podem ser consistentes ou inconsistentes. Quando o pensamento e a ação estão em harmonia, têm-se um exemplo de cognição consistente; o contrário, remete-nos ao que chama-se de cognição dissonante – ou seja, há uma contradição entre o que o indivíduo acredita e o que ele faz ou percebe na realidade.

A tensão interior que surge quando há discrepância entre a práxis e a prática constitui um desconforto psicológico que o indivíduo de alguma maneira, pela

motivação, vai procurar reduzir e reestabelecer a consonância. Nesse contexto, o autor (1975, p. 19) conceitua a dissonância cognitiva como “Uma condição antecedente que leva à atividade orientada para redução de dissonância”. Um exemplo elucidativo trazido pelo autor, é a fome. Esta conduz o indivíduo à atividade orientada no sentido de reduzi-la.

A dissonância, nesse sentido, configura-se como um fator motivante em si mesma; conforme observa o autor: “O estado de dissonância é percebido pelo indivíduo como um estado de tensão ou desconforto que motiva uma ação para reduzir a inconsistência” (Festinger, 1957, p. 10). Dessa maneira, as motivações e consequências desejadas podem ser fatores na determinação da dissonância ou consonância de dois elementos. Diante de tal possibilidade, ele estabelece algumas relações relevantes entre dissonância e consonância, conforme se apresenta a seguir.

1. A dissonância pode decorrer de uma inconsistência lógica; ou seja, em bases lógicas, dos processos intelectivos próprios da pessoa (1975, p. 30). A tensão nem sempre surge apenas por um choque entre crenças e observações empíricas; pode também emergir quando, no conjunto de cognições de um indivíduo, existe uma contradição dedutiva ou inferencial.
2. A dissonância pode advir de hábitos culturais, quando a própria cultura define o que é consoante ou não (1975, p. 30). Logo, se o indivíduo age diferente do estabelecido, ocorre a dissonância;
3. A dissonância pode resultar em virtude de uma opinião específica ser algumas vezes incluída, por definição, numa opinião mais geral (1975, p. 30).
4. A dissonância pode ocorrer em virtude da experiência passada (1975, p. 30). Ela não surge apenas de conflitos lógicos imediatos ou de tensões entre crenças gerais e específicas, podendo ser fruto das marcas que as experiências passadas deixam na pessoa.

Ao se apresentar as principais formas de redução da dissonância, não podemos afirmar que elas são processos automáticos e nem mecânicos. Por que?

Existem casos que ao se deparar com a dissonância, o indivíduo poderá mudar os seus conhecimentos sobre o assunto; algo perfeitamente normal de acontecer (Festinger, 1975, p. 22). Neste caso, o processo de redução da dissonância se torna depende de fatores advindos a sua magnitude.

Segundo Festinger, a magnitude da dissonância refere-se à intensidade do desconforto psicológico que uma pessoa sente quando há inconsistência entre suas cognições, atitudes ou comportamentos. Não é qualquer contradição que gera a mesma tensão: a intensidade varia conforme certas condições. Ele cita que: “A força das pressões para reduzir a dissonância é uma função da magnitude da dissonância” (1975, p. 34). Enfatiza ainda que “A redução da dissonância não é igualmente provável de ocorrer em todos os elementos cognitivos implicados. Alguns deles apresentam maior resistência à mudança do que outros, em função de fatores práticos, sociais ou ligados à autoimagem” (1975, p. 22). Tais aspectos indicam que a resistência deve ser compreendida como uma variável moderadora do processo de redução da dissonância, pois a existência do conflito não garante, por si só, que qualquer elemento cognitivo será alterado; é necessário considerar quais elementos apresentam menor resistência relativa.

Trazendo essa ideia de uma forma mais elementar, quanto maior a magnitude, mais a pessoa sentirá a necessidade de ajustar crenças, atitudes ou comportamentos para restaurar a coerência interna. E, nesta seara, ele identifica algumas variáveis que determinam o nível de dissonância, conforme apresentamos, a seguir:

1. Importância ou centralidade da cognição: “Se dois elementos são dissonantes entre si, a magnitude da dissonância será em função da importância dos elementos” (1975, p.32). Por exemplo: Se um médico acredita firmemente em hábitos saudáveis, mas fuma, a dissonância será mais intensa do que para alguém que não valoriza tanto a saúde;
2. Proporção de cognitivos consonantes versus dissonantes: Se há muitas cognições que reforçam o comportamento inconsistente, a dissonância é menor. Se há poucas cognições que justificam o comportamento, a dissonância aumenta (1975, p.33);

3. Justificativa externa versus interna: Se uma pessoa age de forma contraditória sem uma razão externa convincente, a dissonância é maior (1975, p.33). Por exemplo: ser obrigado a defender uma ideia em público com baixa recompensa provoca maior dissonância do que se receber um prêmio alto.
4. Proximidade temporal do comportamento: A dissonância é mais intensa imediatamente após a ação contraditória e tende a diminuir com o tempo, especialmente se houver mecanismos de justificação ou racionalização (1975, p. 33).

Com base no exposto, apresenta-se a seguir um fluxograma que ilustra a compreensão da magnitude da dissonância cognitiva, conforme proposta por Festinger.

Quadro 12: Fluxograma da magnitude da dissonância cognitiva



Fonte: a Autora

Sob essa perspectiva, a redução da dissonância refere-se ao processo pelo qual o indivíduo procura restaurar a coerência quando há conflito entre suas crenças. Festinger (1975, p. 22) mostra, em sua obra, as três principais estratégias utilizadas pelos indivíduos para efetivar tal redução:

1. Mudança de comportamento ou decisão: ajustar ou abandonar ações que geram conflito com as crenças;
2. Mudança de cognição: reformular ou reinterpretar crenças para torná-las compatíveis com o comportamento;
3. Acréscimos de cognições justificativas: adicionar novas crenças ou razões que expliquem o comportamento sem comprometer crenças centrais.

Diante dessas estratégias, torna-se necessário entender que nem todos os elementos cognitivos são igualmente fáceis de alterar. Isto implica diretamente na escolha de qual mudança será realizada, pois a necessidade da redução traz uma resistência. Ele aborda essa questão como Resistência à Redução da Dissonância, demonstrando que esta tem um critério seletivo: a pessoa não altera qualquer elemento de forma aleatória, mas sim aquele que apresentar menor resistência relativa. Explica ainda que, em muitos casos, observamos a mudança de atitude em vez de mudança de comportamento; pois este tende a ser mais resistente (Festinger, 1975, p. 41).

A magnitude da dissonância e a resistência dos elementos dissonantes são fatores condicionantes do resultado. Qual elemento cognitivo será alterado? Atitudes, crenças, percepção de comportamento. A seleção vai depender do custo psicológico e prático de mudar de cada elemento. Nesta situação, o autor faz uma distinção entre os elementos cognitivos ambientais e comportamentais. Os primeiros estão ligados a fatos objetivos externos; os segundos estão associados a ações efetivamente realizadas pelo indivíduo.

A resistência à mudança de elementos cognitivos comportamentais no que concerne a receptividade desses elementos à realidade, Festinger afirma que uma pessoa tem dificuldade de mudar suas ações. Para ele é extremamente difícil alterar cognitivamente um comportamento já executado, pois este “não pode” ser desfeito. Uma opinião pode ser modificada, um julgamento pode ser repensado; mas, quando se trata de um ato já praticado, o indivíduo carrega consigo a realidade de que fez determinada escolha ou tomou determinada decisão. Trata-se de um tipo de elemento resiste à mudança porque não há como “voltar atrás” e apagá-lo da realidade pessoal (Festinger, 1975, p. 43).

No que tange ao assunto, apresenta-se um exemplo elucidativo para uma melhor compreensão do leitor. Imagine alguém que, em um momento de raiva, ofendeu publicamente um colega de trabalho. Mais tarde, percebe que esse ato contradiz sua autoimagem de pessoa justa e respeitosa. Neste ponto, o ato de ter ofendido é um elemento comportamental já registrado que faz surgir uma dissonância entre a autoimagem e a ação. Na impossibilidade de desfazer o ato, o indivíduo tende a buscar formas de reinterpretar ou justificar a ação para reduzir a tensão, minimizando a situação “não foi tão grave assim”, justificando “ele merecia ouvir aquilo” ou ainda reforçando crenças que apoiem a sua atitude “às vezes, é necessário ser implacável para ser respeitado”.

Quanto a questão da resistência à mudança de elementos cognitivos ambientais residentes a receptividade desses elementos à realidade é algo mais difícil; pois a realidade objetiva é um ato cristalizado e tal mudança se torna quase nula. Quando os elementos estão ligados ao ambiente externo – isto é, à realidade objetiva, aos fatos sociais e físicos, que não dependem exclusivamente da vontade do indivíduo, significa que o ambiente está impondo seus limites (Festinger, 1975, p. 44).

Com o intuito de facilitar o entendimento para o leitor, ilustraremos a seguinte situação: se uma pessoa acredita firmemente na assertiva que “meu time nunca perde em casa”, mas presencia o time perder dentro de seu estádio, ela enfrenta a dissonância. Neste ponto, o fato objetivo – a derrota – é um dado do ambiente e não pode ser modificado pelo sujeito. Na impossibilidade de alterar o elemento ambiental, o indivíduo precisa buscar outras estratégias de redução da dissonância, como reinterpretar os fatos, minimizar sua importância ou deslocar a responsabilidade afirmando que “o juiz prejudicou o jogo”, “foi um azar momentâneo”, etc.

A análise de Festinger revela, portanto, que a resistência à redução da dissonância não é uniforme, mas está suscetível de variação segundo o grau de receptividade dos elementos cognitivos frente à realidade. Elementos ambientais resistem pela sua objetividade; elementos comportamentais, pela irreversibilidade temporal. Em ambos os casos, a possibilidade de modificação direta é bloqueada, restando ao indivíduo estratégias indiretas de reinterpretação, deslocamento ou justificação.

No âmbito dessa investigação, evidencia-se que o autor sustenta o pressuposto de que a dissonância não é infinita; ela possui limites de magnitude, os quais são determinados pela relação entre as cognições que entram em conflito. Em outros termos, mesmo na presença de dois elementos dissonantes, o grau de desconforto gerado está intrinsecamente atrelado ao conjunto total das cognições do indivíduo, conforme cita:

Quando existe uma forte dissonância que é menor que a resistência à mudança de qualquer dos elementos envolvidos, essa dissonância talvez ainda possa ser reduzida para o sistema cognitivo total mediante a adição de novos elementos (Festinger, 1975, p. 45).

Observa-se, portanto, a importância relativa das cognições. Nem todas as cognições possuem o mesmo peso psicológico. Algumas se encontram mais profundamente arraigadas na estrutura cognitiva do indivíduo – como os valores morais, as convicções religiosas e as ideologias políticas – e, por conseguinte, exibem maior resistência e impacto mais significativo quando confrontadas. Outras, de natureza periférica, podem ser reajustadas sem esforço significativo. Ele observa ainda que, quando a dissonância envolve cognições centrais, sua magnitude tende a ser maior, justamente pela centralidade dessas ideias na identidade da pessoa.

Outrossim, a proporção entre os elementos consonantes e dissonantes constitui um fator igualmente decisivo. A percepção de um mesmo conflito pode se manifestar de maneira mais intensa ou atenuada, conforme a rede de cognições de suporte que se encontra disponível no sistema do indivíduo. Por exemplo, um indivíduo que cometeu uma ação contrária às suas crenças basilares poderá experimentar uma dissonância de magnitude reduzida caso possua um arcabouço de cognições consonantes que reforcem sua identidade positiva.

Festinger ainda ressalta que a dissonância possui um limite psicológico natural. Este limiar manifesta-se em virtude de o indivíduo nunca experienciar a dissonância em seu estado puro; há sempre um equilíbrio relativo estabelecido entre as cognições que entram em conflito e aquelas que provêm suporte. Consequentemente, embora o desconforto cognitivo possa ser de elevada magnitude, ele encontra um teto que é definido pelo arranjo global do sistema de crenças.

É importante notar que, o autor (1975, pp. 47-48) ressalva a possibilidade de Evitação da Dissonância. Esta representa o comportamento proativo do indivíduo para limitar ou selecionar as informações que ele recebe ou às quais se expõe – exposição seletiva. Se a dissonância é psicologicamente desconfortável e se as pessoas são motivadas a reduzi-la, elas também serão motivadas a evitar situações e informações que possam vir a aumentar a dissonância já existente ou que possam, potencialmente, gerá-la.

O pensamento para essa concepção é a de que as pessoas buscam ativamente a consonância e evitam a dissonância. Tal fato se manifesta em dois comportamentos principais: a busca ativa onde o indivíduo ativamente procura informações e opiniões que sejam consonantes com suas cognições, crenças, atitudes ou ações já existentes. E a evitação ativa em que o indivíduo ativamente evita informações e opiniões que sejam dissonantes (inconsistentes) com suas cognições, crenças, atitudes ou ações.

Em resumo, pode-se apreender que o mecanismo de Evitação da Dissonância detalhado por Festinger é uma manifestação motivacional que leva o indivíduo a construir um ambiente cognitivo protegido, onde a entrada de novos elementos dissonantes é minimizada por meio da seleção ativa da exposição informacional.

3.3.3 Os Entrevistados

Uma das contribuições relevantes para o presente estudo foi obtida por meio de um grupo focal constituído por quatro membros da Igreja Evangélica Verbo da Vida, em Vila Popular – Olinda, cujo a identidade se expressa pelo *slogan* “Igreja, lugar de acolhimento”. O encontro ocorreu nas dependências da própria igreja, localizada na Rua Carmela Dutra, 471; espaço no qual os participantes demonstram sentir-se acolhidos, seguros e à vontade. As participações foram previamente autorizadas; assim como a divulgação das respostas, opiniões e experiências compartilhadas pelos envolvidos; os quais se dispuseram a falar sobre suas compreensões acerca da Confissão Positiva.

Foram entrevistadas quatro pessoas: um homem (25-30 anos, 5 anos de filiação) e três mulheres (duas entre 45-55 anos com mais de 10 anos de filiação; e

uma entre 25-30 anos, filiada há 3 anos). Os participantes possuem diferentes históricos religiosos e tempos de engajamento na IEVV.

Nesta coleta, as perguntas realizadas levaram os entrevistados a um convite para falar longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir. Como pesquisadora, ensejamos esclarecimentos e acréscimos aos pontos importantes com sondagens apropriadas e questionamentos específicos; seguindo as orientações propostas pelos autores Bauer e Gaskell (2010, p. 73).

Em considerando a estrutura do trabalho, o foco da análise decorrente do grupo focal é: 1. Existem membros que ao não alcançar a graça através da confissão positiva ficaram decepcionados ou fragilizados emocionalmente? 2. Qual o papel da Igreja Evangélica Verbo da Vida diante dessa situação?

Cabe ainda ressaltar que, além destas duas perguntas norteadoras, outras informações foram colhidas e que servem para enriquecer a pesquisa; com dados importantes para a apresentação de um maior conjunto de ideias a respeito do preceito da Confissão Positiva e suas influências na vida dos fiéis, enquanto sujeitos inseridos em um contexto social mais amplo.

No que concerne ao grupo focal, foram entrevistadas 04 pessoas (membros), assim identificados: 01 componente do gênero masculino e 03 componentes do gênero feminino. A reunião dos colaboradores respondentes ocorreu em um sábado à tarde, com início às 16:00h e encerramento às 18:30h. Os nomes evidenciados serão utilizados com as iniciais dos nomes próprios para se manter a neutralidade da investigação.

4. OS PILARES DA CONFISSÃO POSITIVA E A IGREJA DA FÉ

Neste capítulo, direcionado especificamente à análise da Confissão Positiva, adotamos como referência central as obras mais difundidas do autor Kenneth Hagin, realizando uma revisão de sua bibliografia e comparando-a com as narrativas da Bíblia (sobretudo o Novo Testamento) e com os comentários de autores contemporâneos.

Inicialmente, torna-se necessário explicitar a concepção adotada neste trabalho acerca dessa doutrina de fé. Compreende-se tal preceito como a prática de declarar passagens bíblicas como garantia de bênçãos já conquistadas por Jesus Cristo, na Cruz do Calvário. Estas promessas estão à disposição do cristão que se mostra fiel – isto é, aquele que se submete à interpretação literal e normativa da Bíblia; conforme proposta pelos proponentes da doutrina.

A Confissão Positiva sustenta que, mediante a fé, o crente é capaz de apropriar-se, no tempo presente, das bênçãos espirituais, físicas e materiais prometidas por Deus, transcendendo a esperança para adentrar o campo da posse efetiva. Ressalte-se que, segundo os seus defensores, essa doutrina não deve ser confundida com a metafísica do pensamento positivo, mas antes, consiste na apropriação integral dos benefícios da salvação – entendida aqui como um "pacote completo" que inclui cura, prosperidade e bem-estar, além da redenção espiritual.

O instrumento utilizado para o exercício da fé é a declaração da palavra revelada, transmitida aos membros das Igrejas Evangélicas Verbo da Vida através, primordialmente, das homilias de seus representantes e dos livros escritos pelo pastor Kenneth Hagin. O discurso que ensina como alcançar os favores do Deus bíblico na terra, remete-nos a duas categorias fundamentais: a linguagem como poder simbólico e a linguagem como Mito.

Com o objetivo de compreender e elucidar os pilares que sustentam esse preceito, bem como de identificar seu papel relevante na vida dos fiéis, recorreremos à teoria do poder simbólico de Pierre Bourdieu. O autor afirma que “[...] as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relação de poder que dependem, na

forma e no conteúdo, de poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pela instituição), envolvidos nessa relação [...]” (Bourdieu, 1930, p. 11).

Um fator importante a se considerar é a tenacidade com que a religião causa influências na vida das pessoas, sejam elas positivas ou negativas. Berger percebe que a religião é uma espécie de guarda-chuva que protege o indivíduo das questões do mundo, fornecendo-lhe uma narrativa coesa sobre a realidade. Essas influências se incorporam à vida de muitos sujeitos de maneira tão marcante que parecem inatas, provocando comportamentos distintos da ordem social dominante.

O sociólogo (1985, p. 32) ressalva que: “uma ordem significativa, ou *nomos*, é imposta às expectativas e sentidos discretos dos indivíduos”. Perceptivelmente desde o vestuário à forma de expressão e aos vocabulários específicos, ou seja, a linguagem apropriada. Ainda segundo ele (1985, p. 19) no que tange a importância da linguagem escreveu: “o homem produz também a linguagem e, sobre esse fundamento e por meio dele, um imponente edifício de símbolos que permeiam todos os aspectos da vida”.

Nesse escopo, a fala dos líderes religiosos – ou agentes de autoridade espiritual – é um dos pilares de suma importância na mediação e compreensão, por parte dos fiéis, para manutenção da confissão positiva. Contemporaneamente identificados como especialistas religiosos (Eller, 2018, p 129.), o poder de influência desses líderes ao levar o fiel ao experiencialismo sobrenatural evidencia o grau de autoridade simbólica que as representações religiosas exercem nesses grupos sociais que as acolhem.

O fato é que os líderes religiosos estão inseridos em um contexto mais amplo, isto é, no seio das instituições religiosas formalmente constituídas. Emile Durkheim pode ser sintetizado na sua clássica obra “*As Formas Elementares da Vida Religiosa*”, publicada originalmente em 1912. Nessa obra, o autor busca analisar e compreender a religião enquanto fenômeno social, isto é, como fato social. Durkheim faz sua dissertação sobre a importância das instituições religiosas – ressalta seu papel estruturante – que denomina como representações religiosas, as quais orientam e normatizam o comportamento dos indivíduos no interior da coletividade. Em seus termos, ele afirma:

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos constituem modos de agir que nascem dentro de grupos constituídos e são destinados a suscitar, conservar e reproduzir tais estados mentais dos próprios grupos. Ora, se as categorias são de origem religiosa, devem compartilhar a natureza comum de todos os fatos religiosos: serem também elas entidades sociais, produtos do pensamento coletivo [...] repleto de elementos sociais (Durkheim, 1996, p.25).

Dentro desse escopo analítico, podemos avançar na compreensão dos meandros da doutrina da fé advinda de uma nova interpretação dos textos sagrados – especificamente a Bíblia – à luz da hermenêutica proposta e implantada por Kenneth Hagin, conhecida por muitos, no meio cristão evangélico, como “A Palavra Revelada”.

Não obstante, encontramos essa concepção intrinsecamente vinculada a uma epistemologia espiritual que valoriza a experiência subjetiva como critério de verdade, em consonância com uma tradição hermenêutica fortemente influenciada pelo pentecostalismo. Segundo a perspectiva teológica apresentada por Paulo Barone, no interior desse campo teológico: “a Palavra não é apenas lida ou interpretada, mas vivida como uma realidade espiritual tangível que se atualiza na vida do fiel” (Barone, 2010, p. 87).

Nesse modelo, a leitura do texto bíblico não se limita à interpretação gramatical literal, mas se estende à aplicação prática, com ênfase na vivência do sobrenatural.

4.1 Os pilares e o funcionamento da Confissão Positiva

Neste subitem, adentramos na arena conceitual da fé bíblica, algo completamente diferente da chamada **fé natural**, para os fiéis das Igrejas Evangélicas Verbo da Vida; cuja matriz teológica está diretamente ancorada na sistematização de Kenneth Hagin, nada fácil para o entendimento tradicional humano, denominada **fé do coração**. Para entendermos: enquanto o pensamento positivo diria “Vou acreditar que conseguirei o emprego”, a Confissão Positiva afirmaria “Eu já tenho o emprego, porque Deus prometeu prosperidade, e eu declaro isso com fé”.

Para introduzir adequadamente esse conceito, entende-se prudente iniciar a explanação sobre o que para Hagin não é fé bíblica. A chamada fé natural, ou humana, é aquela que se origina através dos cinco sentidos do corpo; os quais nos fazem acreditar naquilo que vemos, sentimos, ouvimos etc. Esse tipo de fé está condicionado

à evidências empíricas: só acredita naquilo que pode ser comprovado pela experiência sensível. É a fé que se baseia na lógica causal e previsível – como plantar arroz e colher arroz, ou admitir, sem margem de erro, que dois mais dois resultam em quatro. A fé natural opera dentro dos limites do raciocínio lógico e das certezas estabelecidas pela racionalidade moderna (RHEMA BRASIL PUBLICAÇÕES, 2019, p. 10).

E a fé do coração, o que significa isso? De acordo com o Rhema Brasil: “A fé do coração é a fé que Deus repartiu a cada um dos que se tornou filhos de Deus pelo novo nascimento; essa é a que chamamos de ‘Fé do Tipo de Deus’”. (RHEMA BRASIL PUBLICAÇÕES, 2019, p. 10).

A fé bíblica, também chamada de fé do coração ou fé do tipo de Deus, caracteriza-se por transcender as limitações da lógica e dos sentidos. Ela crê independentemente do que os olhos veem e os ouvidos escutam. Segundo Hagin cria, é uma fé sobrenatural que crê com o coração a despeito do que dizem os sentidos físicos naturais. Ele cita ainda: “A fé do tipo de Deus é a fé segundo a qual o homem crê no seu coração e fala com a sua boca aquilo que crê no coração – e assim acontece” (Hagin, s.d., p. 91).

A referida doutrina encontra sustentação bíblica na carta aos Romanos, onde Paulo afirma: “Porque com o coração se crê para a justiça e com a boca se confessa para a salvação” (Rm 10.10, BÍBLIA, 2022, p. 1982). O foco desse tipo de fé reside na palavra original grega *καρδία* (*kardía*), transliterada como “coração”, mas cujo sentido ultrapassa o mero órgão físico ou a sede das emoções.

No contexto bíblico, *kardía* representa o centro do ser, a totalidade da pessoa interior – intelecto, vontade e espírito. É precisamente esse nível de interioridade profunda que Hagin reivindica como *locus* da verdadeira fé bíblica. Seguem os quadros, com as transliterações da passagem de Rm 10:10, conforme o léxico grego do Novo Testamento:

Quadro 13: Romanos 10:10 parte 1

γάρ	καρδία	πιστεύω	εἰς	δικαιοσύνη	δέ
Porque, pois, visto que, então.	Coração, denota o centro de toda	Pensar que é verdade,	Em, até, para, dentro,	Doutrina que trata do modo	e

	a vida física e espiritual, a alma ou a mente como fonte e lugar de pensamentos, paixões, desejos, apetites, afeições, propósitos e esforços.	estar persuadido de, acreditar, depositar confiança em; de algo que se crê; acreditar, ter confiança.	em direção a, entre.	pelo qual o homem pode alcançar um estado aprovado por Deus.	
--	---	---	----------------------	--	--

Fonte: Tradução Interlinear, Scholz (2004)

Quadro 14: Romanos 10:10 parte 2

στόμα	ὁμολογέω	εἰς	σωτηρία
Boca, como parte do corpo: de seres humanos, de animais, de peixe, etc; visto que os pensamentos da alma de alguém encontram expressão verbal pela sua boca, o “coração” ou “alma” e a boca eram diferenciados.	Dizer a mesma coisa que outro, i.e., concordar com, consentir; conceder, não rejeitar, prometer; não negar, confessar, declarar, confessar, i.e., admitir ou declarar-se culpado de uma acusação.	Em, até, para, dentro, em direção a, entre.	Livramento, preservação, segurança, salvação; livramento da moléstia de inimigos; num sentido ético, aquilo que confere às almas segurança ou salvação; da salvação messiânica; salvação como a posse atual de todos os cristãos verdadeiros.

Fonte: Tradução Interlinear, Scholz (2004)

No que concerne a temática em apreço, o Hagin cita que em seu entendimento: “Fé é agarrar as irrealidades da esperança e trazê-las à dimensão da realidade” (s.d., p. 11). Tal definição é particularmente relevante para a compreensão da teologia da fé intrínseca no Movimento da Palavra da Fé, especialmente na interpretação atribuída a passagem de Hebreus 11:1. Essa concepção interpretativa confere aos cristãos evangélicos um título de propriedade, ou seja, a posse antecipada da bênção; um tipo de fundamento jurídico-espiritual da fé cristã.

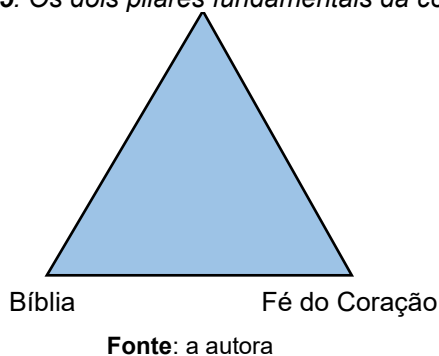
Champilin (2002, p. 616) em seu comentário ao livro de Hebreus trata dos tipos de fé: a fé objetiva, a fé como virtude e a fé subjetiva. Dentro desse esboço, a fé objetiva diz respeito ao objeto, ou seja, aquilo em que se crê – o sistema de princípios

religiosos, no caso do cristianismo. Afirmar que muitas virtudes ou qualidades espirituais podem ser desenvolvidas na vida cristã; uma delas é a fé. Nesse contexto, a fé subjetiva é a que nos interessa; pois o autor a apresenta como sendo o exercício da fé. Contrário ao afirmado por Hagin, Champilin não entende a fé como uma posse antecipada; mas que “o exercício da fé, por parte do homem espiritual, a crença ativada, a dependência a Cristo, em que o indivíduo deixa a sua alma aos cuidados do Senhor” (2002, p. 616).

Entretanto, para Hagin, **a fé é certeza, convicção, AGORA, prova e não tentativa**. Ela possui, não almeja! Então quando o cristão passa a crer, ele começa a ter uma posse antecipada, conferindo ao crente um “título de propriedade” daquilo que apenas se esperava. Por essa razão, encontra-se com frequência a expressão “tome posse da bênção” nos discursos pastorais das Igrejas Evangélicas Verbo da Vida, cuja retórica se alinha integralmente à doutrina proposta por ele.

Nesta senda, infere-se, das análises bibliográficas e das observações empíricas, que os dois pilares fundamentais da Confissão Positiva são: **a palavra** (entendida como Escritura Sagrada) **e a fé bíblica**, tal como entendida por Hagin.

Quadro 15: Os dois pilares fundamentais da confissão positiva



No evangelho segundo Mateus 17:20, encontra-se a seguinte declaração de Jesus: “Por causa da fraqueza da vossa fé, pois em verdade vos digo: se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: 'transporta-te daqui para lá', e ele se transportará, e nada vos será impossível” (BÍBLIA, 2022, p. 1735). A perícopes evidencia, de maneira contundente, dois elementos centrais da doutrina da Confissão Positiva: a potência da fé ativa e a força criadora da palavra falada. A articulação entre fé e linguagem, conforme delineada por Kenneth Hagin, encontra respaldo em

diversas passagens do Novo Testamento, como por exemplo, Romanos 4:17, em que se declara: “Como está escrito: ‘Eu o constituí pai de muitas nações’. Ele é nosso pai aos olhos de Deus, em quem creu, o Deus que dá vida aos mortos e chama à existência coisas que não existem, como se existissem” (BÍBLIA, 2022, p.1972).

A construção teológica aqui proposta é clara: o ato de crer está intrinsecamente ligado ao ato de declarar. A partir dessa lógica, compreende-se que a própria criação do mundo, conforme o relato do Gênesis, não se deu por processos naturais, mas exclusivamente pela Palavra Divina. Deus criou o mundo por meio da Sua Palavra, pois chamou à existência tudo que existia sem haver nenhuma evidência desta realidade, ou seja, chamou como se já fossem. E então o Seu poder entrou em manifestação. Façamos constar aqui essa afirmação do livro de Gênesis 1:4-7:

Deus disse: “Faça-se a luz!”. E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz dia, e às trevas noite. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia. “Deus disse: “Faça-se um firmamento entre as águas, e separe ele umas das outras”. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento daquelas que estavam por cima. (BÍBLIA, 2022, p. 33).

No livro *Autoridade do Crente*, Hagin ensina que o cristão compartilha dessa mesma autoridade criadora cedida por Deus. Quanto ao poder criador da palavra, Romeiro (1995, p. 91) entende que se faz uma confusão entre a fé bíblica e a técnica espiritual reduzindo a fé cristã a uma técnica vocal ou espiritual. Criar realidades por meio da palavra falada enfraquece a soberania divina, pois enquadra o sujeito crente como um copartícipe divino (Mariano, 1999, p. 115). Em *Quimby*, o poder da mente, na crença da verdade, traz à existência a cura do indivíduo. No viés reformado, MacArthur (1992, p117) classifica a concepção da palavra da fé como uma “heresia moderna” que leva a uma idolatria da linguagem e a promoção de um evangelho antropocêntrico. Campos (2002, p. 205) afirma que a palavra humana não possui, por si só, a capacidade de gerar realidades espirituais ou materiais, uma vez que o poder criador está restrito à ação exclusiva de Deus: “A Palavra de Deus cria; a palavra do homem apenas testemunha. Confundir os dois é uma das grandes falácias da teologia moderna”.

Ainda que haja objeções dirigidas à doutrina em questão, o quadro a seguir evidencia ênfases bíblicas que sustentam a relevância da fé ativa e confiante como

fundamento teológico para a concepção cristã da Confissão Positiva, conforme se demonstra a seguir:

Quadro 16: *A ênfases bíblicas da relevância da fé ativa e confiante*

Texto Bíblico	Poder da fé
Mateus 9:29	Então tocou-lhes os olhos e disse: “Seja feito segundo a vossa fé”.
Marcos 9:23	Jesus diz: “Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê”.
Lucas 8:50	[...] “Não temas, crê somente, e ela será salva”.
João 11: 26	E todo aquele que vive e crê em mim jamais morrerá para sempre.
Romanos 1:17	O justo viverá pela fé.
Romanos 10:17	A fé vem pelo ouvir a palavra de Deus.
2 Coríntios 5:7	Porque vivemos pela fé, e não pelo que vemos.
Hebreus 2:8	Somos salvos mediante a fé.
Hebreus 11:6	Mas sem fé é impossível agradar a Deus.
1 João 5:4	Porque tudo o que nasceu de Deus vence o mundo. E a vitória que vence o mundo é esta: a nossa fé.

Fonte: a autora

No interior da presente contextualização, evidencia-se que a teoria da confissão positiva se estrutura sobre dois elementos simbólicos fundamentais, conforme citamos: um livro considerado “Sagrado” e um sentimento intangível – a denominada “fé bíblica” –, compondo um sistema de crença. Esses símbolos são importantes? A resposta, neste caso, é afirmativa. É imprescindível tratar, neste ponto, do simbolismo. Eller (2018, p. 97) ao se debruçar sobre os fundamentos da antropologia do simbolismo, afirma que:

Os símbolos, na estrutura mais simples, são coisas – objetos, imagens, sons, ações, gestos, ditos e praticamente qualquer outro meio de expressão – que “significam” algo ou “têm algum sentido”. O sentido é aquilo que o símbolo “representa”, o fenômeno do qual ele é uma representação ou um substituto.

Diante disso, mesmo sendo intangível, não é possível vislumbrar a fé bíblica não sendo um símbolo. A fé, neste contexto, é mais que um sentimento ou uma disposição espiritual; é meio, é ponte, é linguagem entre o humano e o divino; porque é o veículo para um conceito e significa algo para o seu usuário. Através dela, o fiel opera a confissão positiva com vistas à obtenção de bênçãos – de qualquer ordem.

O conceito de Bourdieu sobre o símbolo ajuda a ampliar a compreensão de sua função no coletivo religioso. Para ele, os símbolos são os instrumentos por excelência

da integração social; enquanto instrumento de conhecimento e de comunicação. Eles possibilitam a constituição de um consenso coletivo quanto ao sentido de mundo social contribuindo para a reprodução da ordem social. Desse modo, a interação lógica se revela condição necessária à consolidação da integração moral (1989, p. 10).

Ainda nesse raciocínio, o autor aprofunda o debate ao introduzir o conceito de Poder Simbólico definido como: “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (1989, p. 7). E complementa: “[...] É um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*”¹⁴ (1989, p. 9).

O ponto seguinte reside na origem dessa fé. De onde ela se origina? Esse é um tipo de fé quem vem do Deus dos cristãos, conforme falamos. E todo aquele que nasceu de Deus (aceitou a Jesus Cristo como o Senhor e Salvador da sua vida) recebeu a chamada “medida de fé”, que Ele mesmo repartiu com cada um. A Epístola aos Romanos esclarece esse aspecto ao afirmar: “Porque pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não tenha de si mesmo mais alto conceito do que convém; mas que pense de si sobriamente, conforme **a medida da fé** que Deus repartiu a cada um” (Rm 12:3, BÍBLIA, 2022, p. 1987, grifo nosso).

Para os cristãos, a fé é o meio tanto de ofertar algo a Deus quanto de d'Ele receber, além de ser o único meio possível de agradá-lo, conforme registrado em Hebreus 11:6. É fundamental evidenciar que essa “medida de fé” é distribuída de forma igualitária para os nascidos em Cristo. De acordo com o entendimento doutrinário dessas igrejas, Deus não seria injusto em dar uma fé grande a uns e uma fé pequena a outros, porque Ele não faz acepção de pessoas (Rm 2.11, BÍBLIA, 2022, p. 1968). Ou seja, a medida da fé ao nascer de novo é a mesma para todos do novo nascimento.

Hagin ensina ainda que a fé do coração, essencialmente espiritual, vem através do ouvir ou receber a palavra de Deus. Ela não é autogerada e, sim, adquirida. Ele

¹⁴ De acordo com o Dicionário de Filosofia, *gnoseológica* é o adjetivo derivado do substantivo *gnoseologia* entendida como a “teoria do conhecimento que tem por objetivo buscar a origem, a natureza, o valor e os limites da faculdade de conhecer” (Japiassú; Marcondes, 2008, p.178).

faz referência à epístola aos Romanos: “Consequentemente, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10.17, BÍBLIA, 2022, p. 1984). Diz ainda que a expressão “palavra de Cristo” a que o versículo se refere vem do grego *ῥῆμα* (*rhema*), que significa “palavra falada” ou “uma declaração”. Isso nos revela que a fé, mais do que um conceito, é movimento: ela vem, ela fala, ela declara.

Segue, para efeito de esclarecimento, o quadro interlinear da transliteração do texto grego para o português:

Quadro 17: Romanos 10:17 - ἄρα πίστις ἐκ ἀκοῇ δέ ἀκοή διὰ ῥῆμα θεός.

ἄρα	πίστις	ἐκ	ἀκοή	δέ	ἀκοή	διὰ	ῥῆμα	Θεός
E, assim	fé	Vem pela	pregação	e	Prega- ção	pela	palavra	Cristo

Fonte: Tradução Interlinear, Scholz (2004).

Ao consultarmos o Novo Testamento Interlinear: Grego-Português, do autor Vilson Scholz (2004, p.597), confirma-se a inferência teológica proposta pelo pastor. A partir dessa compreensão, e mediante as interpretações que, segundo ele, foram-lhe reveladas por Deus, consolidou-se o que atualmente se denomina como Rhema: a “Palavra falada” ou, em termos ainda mais precisos, a “Palavra confessada”, com base na fé bíblica. Essa concepção é estipulada como “verdade central: A confissão é a maneira de a fé expressar-se. A confissão da fé cria a realidade” (Hagin, s.d., p. 50).

Com efeito, para que essa realidade espiritual se manifeste concretamente, existem cinco partes fundamentais que compõe o ato da confissão da fé. Tais dimensões serão descritas, na íntegra, conforme apresentadas por Hagin, a fim de preservar a integridade do seu pensamento teológico:

Nossa confissão deve centralizar-se em derredor de cinco coisas: (1) Aquilo que Deus, em Cristo Jesus, tem realizado em nosso favor no Seu plano de redenção. (2) Aquilo que Deus, mediante a Palavra e o Espírito Santo, tem operado em nós no Novo Nascimento e na plenitude do Espírito Santo. (3) Aquilo que somos para Deus Pai, em Cristo Jesus. (4) Aquilo que Jesus está fazendo por nós, agora, à destra do Pai, onde Ele vive para sempre, fazendo intercessão por nós. (5) Aquilo que Deus pode fazer através de nós, ou aquilo que a Sua Palavra pode fazer através dos nossos lábios (Hagin, s.d., p. 50).

Com o fito de instruir e conduzir o leitor à compreensão mais profunda dos fundamentos espirituais da confissão positiva, solicita-se, neste ponto da reflexão, uma atenção especial à **quinta parte da confissão de fé**, conforme delineada.

Destaca-se, sobretudo, a expressão: “... ou aquilo que a Sua Palavra pode fazer através de nossos lábios”. O autor (s.d., p. 53) adverte, de modo enfático e didático, para o fato de que não há fé sem confissão. A confissão aumenta a fé.

Cumprе enfatizar que a confissão deve ser realizada de forma correta. Neste aspecto, Hagin (s.d., p. 59) estabelece outra verdade central: “A confissão dos nossos lábios dará a Deus ou a Satanás o domínio sobre nós”. Essa afirmação não é apenas uma advertência retórica; trata-se de um princípio espiritual que rege a realidade vivida pelos cristãos, segundo a perspectiva da fé confessional.

No presente caso, o entendimento é de que se abrimos nossos lábios para proferir palavras de derrota, de fracasso ou de maldição estaremos entregando a satanás o domínio das nossas vidas e coisas ruins passarão a acontecer. Está é a confissão errada. A confissão correta deve ser alinhada com a Bíblia, confessar aquilo que a Palavra de Deus – as Escrituras – diz a nosso respeito. Kenyon já pregava essa concepção quando sustentava que uma confissão “certa” ou “errada” é o fator determinante na harmonia de alguém com essas leis espirituais universais. A confissão é o catalisador que evoca suas bênçãos ou suas maldições. Uma pessoa possuirá apenas na medida em que tiver fé para confessar as leis espirituais que governam o universo: “Cedo ou tarde, nos tornamos aquilo que confessamos” (1998, pp. 53-55).

Existe embasamento bíblico para esse pressuposto teológico confessional? Um dos textos frequentemente utilizado por Hagin para fundamentar essa concepção, encontra-se em Romanos 8.37 “Mas em tudo isto somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou” (BÍBLIA, 2022, p. 1981). Ou seja, somos mais que vencedores contra a doença, contra a pobreza, contra as aflições da vida cotidiana.

O comentarista Champilim (2002, p. 733) explica que as palavras “...mas que vencedores” podem ser melhor compreendidas na seguinte consideração: “Mediante o amor de Cristo é que o homem interior pode obter o triunfo. A alma pode sentir-se

triunfante, ainda que o corpo seja maltratado ou mesmo morto. Pode haver vitória espiritual em meio a várias formas de sofrimento físico”.

Firme na sua teoria, Hagin propõe aquilo que denomina como sendo **a fórmula para a fé**; uma síntese espiritual e prática que orienta a vida cristã confessional. Segue-a na íntegra:

Primeiro: Obtenha a promessa da Palavra de Deus no tocante àquilo que você está procurando; segundo, creia na palavra de Deus; terceiro, recuse-se a considerar as contraditórias, ou aquilo que seus sentimentos físicos possam lhe dizer a respeito; e, quarto, louve a Deus pela resposta (s.d.; p. 33).

Deve-se enfatizar *in loco* a teoria da Construção Social da Realidade concebida por Berger, onde descreve que o ser humano, na sua interação com a natureza, cria coisas. Essas, uma vez produzidas, tornam-se objetos e acabam por retornar ao sujeito como se fossem uma segunda natureza ou como se pertencesse a sua própria essência. Nesse processo, o ser humano interioriza o mundo. Não basta que ele esteja ao seu redor, como paisagem exterior. É necessário que ele seja concebido e reconhecido na consciência do indivíduo. Essa idealização, contudo, não é individual, mas socialmente construída. Tudo aquilo que existe só se torna real no momento em que é exteriorizado (Berger, 1985, p. 16).

Dessa feita, é possível compreender que a ideia da Confissão Positiva foi, em algum momento crucial da trajetória de Hagin, especificamente durante a sua experiência de “cura divina”, interiorizada; concebida na sua mente (através do objeto, a bíblia) e, no momento oportuno, foi exteriorizada para um determinado grupo social que a acolheu, não apenas como um ensinamento; mas como uma nova revelação baseada nas escrituras sagradas. Esta, a posteriori, consolidou-se como instituição religiosa: Rhema Bible Church, nos E.U.A e, em território brasileiro, a Igreja Evangélica Verbo da Vida.

4.2 A instituição religiosa Igreja Evangélica Verbo da Vida

4.2.1 O surgimento da Igreja Evangélica Verbo da Vida no Brasil

“Instituir”. “Dar começo a”, “estabelecer”, “criar”: Instituição, o ato ou efeito de instituir. A coisa instituída. Associação ou organização de caráter social, religioso, filantrópico etc (Ferreira, 2017, p. 430-431). De acordo com Berger (2017, p. 77), uma instituição é um programa de comportamento que, quando adequadamente interiorizada, faz o indivíduo agir espontaneamente e sem muita ou nenhuma reflexão no setor relevante da vida social.

A igreja, enquanto instituição religiosa, emerge como espaço sagrado onde os sujeitos encontram formas de expressar sua religiosidade; a maneira com a qual se relacionam com o transcendente. Eles fazem suas escolhas quanto a que linha de “doutrina” seguirão e necessitam de uma instituição que lhes apregoe aquela; que continue dando vida as ideias ou revelações em que acreditam.

As instituições religiosas regulam o comportamento da prática religiosa de seus adeptos até que este comportamento ser torne habitual, ou seja, socialmente dado como certo (Berger, 2017, p. 78). Elas se apoiam em regras e doutrinas, como plano de fundo, para manter a união dos seus membros. Para estes, a estrutura institucional, denominada Igreja, é uma espécie de família em que o cristão nasce religiosamente e se desenvolve na fé. É o centro de sua vida cristã pública e o ambiente no qual seus membros são acolhidos, exortados e inspirados por meio da palavra de Deus. É, também, um lugar onde suas doutrinas se tronam plausíveis e ganham legitimadas.

Não há como não retomar, para essa explanação, a noção de plausibilidade de Berger: quanto mais firme a estrutura de plausibilidade, mas firme o mundo “baseado” nela (1985, p.60). No seu campo teórico (1985, p. 59) “...todas as tradições religiosas, independentemente de suas diversas ‘eclesiologias’ ou ausências das mesmas, exigem comunidades específicas para que se mantenha a sua plausibilidade”. Essa ideia nos permite refletir sobre o modo como as instituições religiosas consolidam seus postulados sobre determinada crença, por desempenharem o papel de manter a religião “viva”.

Nessa perspectiva, a ideia do sagrado é profundamente interiorizada no homem religioso. Para sociólogo (1985, p. 39) “embora o seja apreendido como distinto do homem, relaciona-se com ele de um modo em que não o fazem os outros fenômenos não-humanos, especificamente, os fenômenos de natureza não-sagrados”. As instituições, por sua vez, estruturam a atividade humana; que estão sempre mudando à medida que mudam as exigências desta e que estão sempre ameaçadas não só pelos estragos do tempo, como também pelos conflitos e discrepâncias entre os grupos cujas atividades elas pretendem regular (Berger, 1985, p. 43; p. 49). Em resumo, o sagrado precisa de corpo e a instituição cumpre esse papel: dar um corpo social ao transcendente.

Nesse cenário, emerge a Igreja Evangélica Verbo da Vida como um exemplo concreto de uma comunidade que se organizou socialmente em torno da doutrina da Confissão Positiva. A sua existência não é apenas institucional. Ela representa a encarnação de uma crença partilhada, a reafirmação cotidiana de um universo simbólico que necessita de constante reforço coletivo para não se dissolver. Surge, assim, a indagação que orienta o próximo passo da reflexão: como nasceu essa igreja?

A origem da Igreja Evangélica Verbo da Vida não se dá nos grandes centros teológicos ou entre líderes renomados, mas com um homem comum, de vida simples. Harold Leroy Wright (1945–2013), norte-americano, caminhoneiro de profissão, cresceu exposto à mensagem do Evangelho – era filho de mãe metodista e foi criado sob os valores cristãos, ainda que, na infância, tenha enfrentado o abandono paterno. Foi o seu avô materno, um homem temente a Deus, que lhe transmitiu os primeiros referenciais espirituais. Apesar desse contexto, Harold não se converteu de imediato.

Foi apenas em 9 de outubro de 1972, aos vinte e sete anos, que se tornou um cristão confesso. A sua vida, desde o início de sua conversão foi dedicada a Deus e a obedecer ao Seu chamado. Seu primeiro ministério para o Senhor foi ainda em sua cidade, Cullman, interior do Alabama, onde foi pastor em uma igreja próxima à sua residência.

A instituição Igreja Evangélica Verbo da Vida, tem origem em um chamado específico de Deus direcionado a **Harold Leroy Wright** – conhecido como “Bud” – e

sua esposa **Janace Sue Wright** – “Jan” – os dois norte-americanos. Ao ter a oportunidade, por meio de seu tio paterno Hoty Brow, de ouvir algumas fitas k-7 com mensagens do Reverendo Kenneth Hagin, Bud Wright conheceu mais da Palavra de Deus, e, em suas orações, recebeu a direção do Senhor: “Vá para Tulsa estudar no Rhema por dois anos. Depois, vá para o Brasil e leve a Minha Palavra para libertar o Meu Povo” (Borba, 2021, p. 69).

Nos relatos reunidos por Perilo Borba (2021, p. 51), é possível perceber que Bud e Jan, recém-casados, tiveram como prioridade o chamado divino. O foco, logo após o casamento, foi a mudança para Tulsa, Oklahoma, onde funcionara o **Rhema Bible Training Center (RBTC)** fundado por Hagin. Foi nesse ambiente formativo, imerso na doutrina da fé confessional, que o casal estudou; entre os anos de 1981 e 1983. Posteriormente a conclusão do curso, relataram com clareza: “preparamo-nos para a nossa primeira viagem ao Brasil”.

Para essa nova etapa, Bud contatou o único brasileiro que conhecia, um evangelista itinerante chamado David Pires, que havia ministrado, em 1977, em uma das igrejas em que Bud foi pastor no Alabama. Foi por meio dessa conexão que o casal chegou chegaram ao Brasil, no dia 22 de agosto de 1983, e serviram por sete meses no ministério de socorros de uma obra missionária denominada “Missão Ágape”, situada em Campo Mourão – PR, liderada por uma família norte-americana; através dos contatos realizados por David Pires.

Em um novo direcionamento espiritual, o casal se sentiu impelido a seguir para São Paulo, mais especificamente para Guarulhos, onde conheceram a irmã em Cristo – Regina Olberg – uma figura-chave para a concretização do plano de divino para suas vidas.

Segundo o relato presente na obra *“Biografia Bud Wright”* o ministério teve início de forma simples, porém marcante; com reuniões cristãs, na residência de Regina Olberg, onde a Palavra de Deus era ministrada. Ela, não apenas abriu as portas do seu lar, mas também serviu como intérprete e principal ponto de contato cultural e linguístico dos missionários com a comunidade local.

Inicialmente, doze pessoas da família de Regina frequentavam as reuniões; porém, à medida que eles eram convidados para pregar em igrejas e eventos da

capital paulista, os testemunhos de **cura e milagres** passaram a circular, e o grupo começou a crescer de forma rápida e espontânea. De doze, passaram a cem. E o crescimento não cessou. Diante da necessidade de uma estrutura formal, constitui-se uma diretoria e alugou-se um espaço físico. Desse modo, em 15 de setembro de 1985, foi oficialmente fundada a **Primeira Igreja Verbo da Vida**, no município de Guarulhos – SP (Borba, 2021, pp. 88-91).

4.2.2 O nascimento da Igreja Verbo da Vida no Nordeste

Em seus momentos de oração, no início do ano de 1988, Bud sentia, em seu coração, uma direção insistente: “Nordeste, nordeste, nordeste”. Não fazia ideia onde se localizava o Nordeste e procurou esclarecimentos com um dos membros de sua igreja. Este membro, o Djalma, para sua surpresa era de origem nordestina e o explicou ser o aquele lugar uma das cinco regiões do Brasil e, segundo ele, a mais pobre do país. Bud respondeu: “Eu preciso ir para o Nordeste para saber o que o Senhor quer comigo lá” (Borba, 2021, p. 105).

A chegada do casal Bud e Jan ao Nordeste Brasileiro ocorreu em setembro de 1988, marcando um novo capítulo. A viagem até o destino final foi feita por terra, passando por diversas capitais litorâneas até chegar em Campina Grande, na Paraíba. A narrativa, conforme publicada na *homepage*¹⁵ oficial do Ministério Verbo da Vida, revela a forma como o casal compreendia espiritualmente a missão que lhes havia sido confiada:

Situada na área central nordestina, Campina Grande era, na visão de fé do casal, como um eixo no centro de uma roda, com raios que saem por todas as direções. Nesse tempo, eles entenderam que a cidade seria a base para alcançarem, com a Palavra de Deus, todas as capitais do Nordeste. Afinal, o objetivo de Deus em trazê-los ao Brasil era que trouxessem conhecimento bíblico revelado aos brasileiros e os treinassem espiritualmente para que pudessem continuar a missão por todo o país e até em outras nações. No primeiro dia de outubro de 1990, o casal viajou em uma Kombi, de São Paulo para Campina Grande. Fixaram residência e estabeleceram contatos. Com pouco tempo, o Pastor Bud ministrou a Palavra, várias vezes, na casa de

¹⁵ *Homepage* Ministério Verbo da Vida. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/#>. Acesso em: 27 de abr. de 2023.

um homem de negócios bem-sucedido, que havia se convertido há pouco tempo (MINISTÉRIO VERBO DA VIDA, 2023).

Em sua residência, fixada em Campina Grande, o casal iniciou suas atividades ministeriais com outro grupo de doze pessoas. No intervalo de apenas três meses, esse número chegou a setenta e cinco. Aquele ambiente tornou-se fértil não apenas para a expansão numérica, mas também para o surgimento de laços interpessoais significativos e duradouros. Durante os cultos realizados nesse período, Bud e Jan conheceram um grupo de jovens que rapidamente se tornaram verdadeiros filhos aos pais, foram eles: Os casais, na época ainda namorados, Guto e Suellen Emery, Gilson e Sylvia Lima, além da mãe e da irmã de Sylvia: Laodicéia e Sâmia Rocha. Em especial, é importante sublinhar a figura de Guto Emery que se tornou, após o falecimento de Bud, o presidente do ministério; conforme será apresentado em momento oportuno (Borba, 2021, p. 109).

Em 17 de janeiro de 1992, oficialmente registrada em cartório, iniciaram a **Igreja Evangélica Verbo da Vida** de Campina Grande, com cerca de trinta e cinco membros, tendo como presidentes da instituição Bud e Jan Wright. Poucos dias após a abertura da igreja, no mesmo prédio, um galpão alugado no centro da cidade, iniciaram o CTBVV – Centro de Treinamento Bíblico Verbo da Vida (MINISTÉRIO VERBO DA VIDA, 2023). Essa escola de formação cristã veio a desempenhar um papel estratégico no avanço da doutrina da fé na região, pois oferecia ensino sistemático da Palavra de Deus à luz da Confissão Positiva, capacitando ministros para atuação em diferentes localidades do país.

Convém ressaltar que o conhecimento da palavra da fé, no Nordeste, após a abertura da igreja de Campina Grande e a **unção apostólica reconhecida** sobre a vida de Bud resultou em um crescimento ainda maior do seu ministério. Com alguns ministros já formados em seu centro de treinamento, as portas foram abertas para outras cidades; iniciando-se em Paulista/PE, região metropolitana do Recife. Nos meses seguintes, pontos de pregação da Palavra da fé foram estabelecidos em capitais como Aracaju/SE, Fortaleza/CE e em outras cidades da Paraíba, como Solânea (Borba, 2021, p. 141).

O que se configurava, naquele momento, era mais do que uma expansão geográfica: tratava-se da consolidação de uma visão ministerial que integrava ensino

bíblico, prática da fé e estratégia missionária, tornando o Ministério Verbo da Vida uma força emergente no cenário evangélico brasileiro.

4.2.3 O Ministério Verbo da Vida

O ministério de Bud Wright evidenciava uma insistência reiterada na unidade e na preservação da sã doutrina, conforme se depreende de seus ensinamentos: ministrava com ênfase sobre a unidade entre os irmãos e era notoriamente avesso a contendas. Com o propósito de manter as igrejas em linha com as Escrituras Sagradas sob uma mesma diretriz doutrinária, identificou a necessidade de criar uma estrutura ministerial capaz de supervisionar e garantir a unidade de propósito entre as instituições. Em suas palavras: “No Verbo da Vida, todos devem falar a mesma coisa. Nós temos uma visão e há uma unção sobre ela. Não é só ter o nome, mas ter a visão e segui-la por onde for” (Borba, 2021, p. 137).

Em 1998, através de um estatuto, o Ministério Verbo da Vida¹⁶ foi fundado. Essa organização passou a coordenar as igrejas, no Brasil e exterior. Neste mesmo ano, ele recebeu o convite do Rhema para filiar os Centros de Treinamentos Bíblicos Verbo da Vida – que ensinava sobre fé através dos livros de Hagin – ao Kenneth Hagin Ministres, em Tulsa-OK, Estados Unidos; passando a chamar-se Rhema Brasil (Borba, 2021, p. 60).

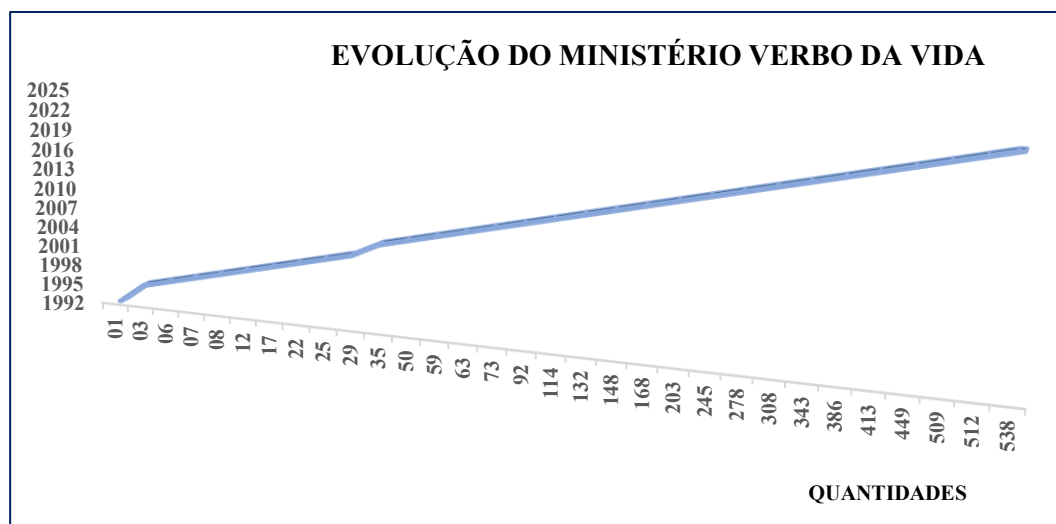
Atualmente, o Ministério conta com mais de 450 igrejas no Brasil e cerca de 63 no exterior. Quanto aos Centros de Treinamentos Bíblicos RHEMA BRASIL, constam, conforme informações da página oficial, cerca de 150 unidades, sendo 12 apenas no estado de Pernambuco, dessas 4 estão na capital Recife, especificamente nos bairros de Campo Grande, Casa Amarela, Cordeiro e Ibura. E onde ainda não há igrejas oficialmente registradas, há ministros graduados pelo Rhema Brasil trabalhando no propósito de estabelecer, no mínimo, uma igreja em cada estado brasileiro, em consonância com a visão do apóstolo Bud. Muitos missionários, também discipulados por ele, atuam em outras nações (MINISTÉRIO VERBO DA VIDA, 2023)¹⁷.

¹⁶ Homepage Ministério Verbo da Vida. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/#>. Acesso: 11 de abril de 2025.

¹⁷ Homepage Ministério Verbo da Vida. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/#>. Acesso: 11 de abril de 2025.

A seguir, apresenta-se um gráfico que sintetiza a trajetória evolutiva do Ministério Verbo da Vida ao longo de seus 35 anos de existência.

Quadro 18: *Evolução do Ministério Verbo da Vida*



Fonte: © Copyright 2023 - Ministério Verbo da Vida

No Estado de Pernambuco, considerando a Região Metropolitana do Recife e interior do estado há 21 (vinte e uma) Igrejas, 20 (vinte) Congregações e 29 (vinte e nove) pontos de pregação. Na cidade de Olinda/PE, campo de estudo desta pesquisa, há 04 (quatro) igrejas registradas.

4.2.4 A legitimação da Doutrina

Conhecer a doutrina é completamente diferente de crer na doutrina. Com efeito, para crer é preciso conhecer. E nesse processo de efetivar a legitimação da doutrina sobre a confissão positiva, a instituição da presente tese, utiliza-se de linguagens próprias, ritos, símbolos e práticas extraídas majoritariamente da literatura de Kenneth Hagin. Destaca-se, contudo, a formalização do Ministério Verbo da Vida, que, ao estabelecer sua missão, visão e valores, reforçou as bases da Confissão Positiva:

- Missão: “Levar a Palavra da Fé para libertar o Meu povo”;
- Visão: “Alcançar o Brasil e as nações com a Palavra da fé e o amor”;
- Valores: “Vida de fé, unidade e amor, integridade, alegria e paz, firmeza doutrinária, fervor de espírito, coração para servir, edificação de pessoas, excelência e vida abundante.

Para além da estrutura eclesial, o Ministério expandiu sua atuação com diversas instituições voltadas à formação, publicação e missão de solidificar a palavra revelada, modelando-se ao formato do Kenneth Hagin Ministries. Além da própria igreja, existem outras instituições com o objetivo de propagar a mensagem do evangelho e solidificar a revelação da palavra da fé, assim como o faz o Kenneth Hagin Ministries.

Apresenta-se, a seguir, um quadro expositivo com as principais instituições vinculadas ao Ministério Verbo da Vida, evidenciando seus objetivos e áreas de atuação.

Quadro 19: Principais instituições vinculadas ao Ministério Verbo da Vida

Ministério Verbo da Vida	Objetivos/Atuação
Igreja Evangélica Verbo da Vida	Levar a palavra da fé para libertar meu povo.
Associação Ministerial Verbo da Vida	Reúne mais de 2.000 ministros do Evangelho Pleno como associados.
Associação Alumni	Reúne graduados do Centro de Treinamento Bíblico Rhema que estão por todo o país e da Escola Verbo da Vida em outras nações. Atualmente são cerca de 2.500 associados.
Centro de Treinamento Bíblico Rhema	Seminário bíblico com mais de 120 unidades no país que leva a palavra da fé para todo o Brasil e o mundo.
Escola de Ministros Rhema	Extensão do Rhema voltado para o preparo de ministros do Evangelho.
Escola de Missões Rhema	Extensão do Rhema, cuja função é capacitar missionários para atuarem na igreja local e na missão transcultural.
Escola Bíblica Verbo da Vida	A instituição está em funcionamento desde de 2019, mas a partir de 2020 passou a atuar no formato híbrido (on-line e presencial). O propósito é capacitar homens e mulheres para propagarem, de maneira eficiente, o Evangelho pregado por nosso Senhor Jesus Cristo, contido na Bíblia Sagrada.
Escola Ministerial Verbo da Vida	A instituição tem a finalidade de preparar e treinar ministros e líderes para se tornarem hábeis na Palavra de Deus e no serviço Cristão. Atualmente, está com dois polos: Leiria (Portugal) e Orlando (Estados Unidos).

Centro de Cura Rhema	Local de ensino da Palavra de Deus, aconselhamento e oração para pessoas que se encontram com enfermidades físicas. Com a finalidade de ensinar que a vontade do Senhor é manifestar a cura conquistada por Jesus Cristo. Atualmente, a sede funciona em Campina Grande, mas possui mais de 40 unidades no Brasil e no mundo.
Agência de Missões Verbo da Vida	Conta com dezenas de missionários associados, os mesmos são graduados do Rhema. Além de representante dos mesmos no país, a agência presta serviços para o bom andamento das obras realizadas por eles.
Editora Rhema Brasil Publicações	Liderada pelo Ministério Verbo da Vida desde 2011, a instituição investe na propagação da Palavra da Fé no Brasil e nas nações através da produção de livros, e-books e audiobooks, sempre visando a integridade da Palavra de Deus, e dos materiais originais.
VerboShop	Extensão da Editora Rhema Brasil, com centenas de títulos disponíveis, o VerboShop comercializa publicações que auxiliam a propagação do Evangelho e promove a edificação do Corpo de Cristo.

Fonte: © Copyright 2023 - Ministério Verbo da Vida¹⁸

O quadro traz a necessidade de assentar as várias maneiras que a palavra da fé é fomentada na vida dos fiéis da IEVV e na sociedade, como um todo. A legitimação da confissão positiva, com base nas concepções de Hagin, ocorreu através da ordem institucional, Igreja Evangélica Verbo da Vida, que opera ocultando seu caráter de coisa construída e se reveste de um caráter sagrado e atemporal – de coisa revelada.

Nesse caso, é possível traçar um paralelo direto com as teorias do sociólogo Berger. Afirma ele com relação a legitimação de uma doutrina: Que aquilo que foi formado *ex nihilo* surja como a manifestação de alguma coisa que existiu desde o começo dos tempos, ou ao menos, desde o começo desse grupo (as revelações trazidas por Kenneth E. Hagin). Que as pessoas esqueçam que esta ordem (a confissão positiva) foi estabelecida por homens (Kenneth E. Hagin e Harold L. Wright) e continua dependendo de seu consentimento (Jan Wrigth e Apostolo Gutto Emery). Que acreditem que, executando os programas institucionais que lhe foram impostos (ritos religiosos), limitam-se a realizar as mais profundas aspirações do seu ser

¹⁸ Homepage Ministério Verbo da Vida. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/ministerio>. Acesso em: 27 de abr. de 2023.

(submissão a palavra da fé) e a ser, porém, em harmonia com a ordem fundamental do universo (Berger, 1985, p. 46).

Sob essa ótica, constata-se que a doutrina da confissão positiva transmitida por líderes como Kenneth Hagin e Bud Wright, começa a ser percebida não como criação humana, mas como revelação divina. A autoridade dos atuais sucessores, como Guto Emery, encontra sua legitimidade tanto na estrutura quanto na crença de que suas ações e diretrizes respondem a um chamado divino. Conforme o pensamento cristão paulino, tal autoridade é vista como estabelecida pelo próprio Deus (Rm 13.1, BÍBLIA, 2022, p. 1987), o que aprofunda ainda mais a naturalização da doutrina.

Talal Asad, por exemplo, adverte sobre os riscos de universalizar a noção de religião e suas formas de legitimação. Para ele, a religião não é uma essência estável que se manifesta de diferentes formas na sociedade, mas uma categoria historicamente construída, moldada por relações de poder específicas do contexto (Asad, 1993, p. 29).

A crítica de Asad, antropólogo sociocultural, conduz-nos a pensar que, ao analisarmos a institucionalização da confissão positiva no Brasil, não podemos ignorar os contextos históricos, culturais e políticos em que essa doutrina foi recebida e reinterpretada. O que parece uma legitimação natural pode ser, na verdade, o resultado de estratégias discursivas cuidadosamente articuladas e não é apenas uma construção social legitimada, conforme Berger.

Conclui-se, portanto, que compreender a origem, a expansão e a consolidação da confissão positiva, no contexto do Ministério Verbo da Vida, exige uma abordagem que vá além da institucionalização.

5. AS INFLUÊNCIAS DA CONFISSÃO POSITIVA NA VIDA SOCIAL DOS FIÉIS A PARTIR DA HOMILIA DOS LÍDERES E DOS DISCURSOS DOS PARTICIPANTES

Construir o dado pelo ato individual de utilização da linguagem. Fazer ver, fazer crer. Confirmar ou transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, e, portanto, o próprio mundo. O poder simbólico como poder de construir, conforme evidencia (Bourdieu, 1989, p. 14). Construir uma fé. Consolidar atitudes de fé. Desvelar o alcance dos mistérios da fé, através da declaração da palavra.

Ao ler o artigo intitulado “*Religião e sentido de vida: um estudo teórico*”¹⁹ de Mauro Martins AmatuZZi, professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, chamou-me a atenção o conceito de fé apresentado pelo autor. Segundo ele “Fé não é crença, mas como diz Emerson (citado em epígrafe por Fromm)²⁰ a ‘aceitação das afirmações da alma’. O professor acrescenta que “o teórico Fromm lembra como o termo era empregado na Bíblia, com o sentido de ‘firmeza’, designando, portanto, ‘certa qualidade’ da experiência humana, um traço de caráter, e não o conteúdo de uma crença em algo” (AmatuZZi, 1999, p. 188).

Como pesquisadora do tema, corroboro parcialmente com a perspectiva do teórico Erich Fromm, entendendo que fé é a firmeza nas verdades das escrituras sagradas. Contudo, é preciso ir além. Discordamos, respeitosamente, da posição do autor quando afirma quando assenta que a fé não é o conteúdo de uma crença em algo. Tal afirmação, ainda que filosófica e rica em nuances, torna-se problemática quando confrontada com a tradição cristã protestante e, especificamente, a neopentecostal que estrutura a fé como confiança inabalável nas verdades reveladas em um conteúdo composto por sessenta e seis livros canônicos do objeto sagrado, a

¹⁹ AMATUZZI, Mauro Martins. *Religião e sentido da vida: um estudo teórico*. Temas em Psicologia, São Paulo, v. 7, n.2, p. 183-190, out./1999. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v7n2/v7n2a08.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

²⁰ Erich Fromm foi um psicanalista que participou da formação da Escola de Frankfurt com o projeto de unir o materialismo histórico de Marx à psicanálise de Freud. Dentre os conceitos abordados por ele, o da liberdade é um dos fundamentais, ao postular a diferença entre a “liberdade de” e a “liberdade para”, sendo a primeira a liberdade existente na sociedade capitalista, uma pseudo-liberdade, e a segunda seria a realização da liberdade no sentido positivo. Disponível em: https://publikationen.ub.uni-frankfurt.de/opus4/frontdoor/deliver/index/docId/33817/file/10506_38581-1-10-20100705.pdf. Acesso em: 24 jul. 2024.

Bíblia. Sutilmente, porém com firmeza metodológica, afirmamos: fé é, sim, adesão ao conteúdo de uma crença.

Analisar as influências – positivas e, caso haja, negativas – da confissão positiva na vida social dos fiéis, a partir das homilias de seus líderes e das falas dos participantes, numa perspectiva de crença na legitimação das palavras ministradas e daqueles que as pronunciam, é o objetivo central do capítulo. A crença, nesse contexto, não se dirige apenas ao conteúdo das palavras ministradas, mas à autoridade de quem as profere. Crer na palavra é, ao mesmo tempo, crer no ministro da palavra.

5.1 O poder simbólico do discurso não secular

Será que as situações concretas da vida humana podem ser, efetivamente, modificadas pela declaração da palavra da fé? Essa pergunta, que ecoa tanto no campo teológico quanto no filosófico, encontra uma resposta afirmativa nos discursos proferidos nos púlpitos das Igrejas Evangélicas Verbo da Vida. “*Eu sou o que a Bíblia diz que sou, eu posso o que a Bíblia diz que eu posso e eu tenho o que a Bíblia diz que eu tenho*” é um dos bordões destas igrejas para efetivar o poder que há nas escrituras sagradas, por meio da fé. A palavra proferida se torna ação. E o verbo se faz fato.

A fundamentação doutrinária dessa prática apoia-se em passagens bíblicas como Mateus 9:29 que tem por tema “A cura de dois cegos”, onde se lê “[...] Seja-vos feito segundo a vossa fé” (BÍBLIA, 2022, p. 1719). Neste texto, a fé é apresentada não apenas como crença, mas como critério de efetividade da ação divina. Não se trata, portanto, de uma fé genérica, mas de uma fé que fala, que nomeia, que confessa e que **transforma**.

Nos discursos dos pastores, ministros e fiéis, especialmente nos testemunhos de vida cristã; essa fé se manifesta como um verdadeiro axioma: inquestionável e resistente a qualquer forma de dúvida. Não cabe, dentro da cosmovisão dos fiéis dessa tradição, a relativização da fé. Ela é soberana e tão imutável quanto o Deus bíblico. Esse atributo de imutabilidade também se aplica à própria doutrina da fé, que

segundo seus adeptos, transcende tempo e espaço. Crê-se que, porque Deus não muda, sua palavra tampouco muda (Tg 1:17-18; BÍBLIA, 2022, p. 2107).

A imutabilidade da fé, tomada como fundamento absoluto da existência e da verdade, projeta-se nas práticas cotidianas dos fiéis como princípio ordenador do mundo e critério de leitura da realidade. Contudo, para compreender verdadeiramente o alcance dessa fé – enquanto força estruturante de pensamento e ação –, não basta abordá-la desde um ponto de vista externo, como um objeto de análise dissociado de sua vivência. É preciso adentrar o universo simbólico no qual ela se constitui e se reproduz.

Ao trazer a lume a teoria das relações de força e as relações de comunicação, na qual Bourdieu (1989, p. 11) infere que as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre relação de poder; merece constar outro ponto essencial da nossa abordagem a doutrina da fé, que é interpretar o que as pessoas estão pensando do que elas estão fazendo, e, para isso, têm-se que compreender as intenções dos religiosos. Não basta olhar e falar de religião a partir da perspectiva de quem está de fora; é imprescindível buscar compreendê-la com a mente das pessoas que estão dentro, tentando se imaginar no lugar delas; exercitando a suspensão do juízo – a *epoché* (ἐποχή) –, como tentativa de concretizar a busca da essência, da certeza primeira que sustenta o fenômeno religioso. Ver o fenômeno como o próprio homem religioso o vê.

Os líderes e os participantes (aqueles que tem a oportunidade de levar uma palavra de ensino para a igreja, mas não é um líder) mantêm um discurso alinhado no que concerne a palavra da fé (confissão positiva). Existem bases incontestáveis, que trazemos do campo de observação, as quais intitularemos como pilares axiomáticos; porque é desta maneira que os símbolos e os objetos religiosos, para a religião cristã, são considerados. E ao se introduzir os pilares axiomáticos das homilias dos representantes religiosos da Igreja Evangélica Verbo da Vida e das falas dos participantes, penso primordialmente que não podemos fazê-lo sem ressaltar a ideia de religião.

Ainda que existam definições para a palavra **religião**, destaco, neste ponto, algumas formulações clássicas que se revelaram particularmente significativas em

minha trajetória investigativa, por trazerem uma visão interdisciplinar das Ciências da Religião e que enfatizam aspectos distintos do fenômeno. Assim, apresento algumas dessas contribuições teóricas:

Um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, coisas postas à parte e proibidas – crenças e práticas que unem numa única comunidade moral, chamada Igreja, todos aqueles que aderem a elas (Durkheim, 1965, p. 62).

Os sentimentos, atos e experiências de homens individuais em sua solidão, na medida em que se imaginam em relação com algo que consideram divino (James, 1958, p. 34).

Um sistema de símbolos que atuam para criar nos homens disposições de ânimo e motivações vigorosas, difusas e duradouras, formulando concepções de uma ordem geral de existência e revestindo estas concepções com tal aura de factualidade que as disposições de ânimo e motivações parecem singularmente realistas (Geertz, 1973, p. 90).

Um conjunto de rituais, racionalizados pelo mito, que mobiliza forças sobrenaturais com o objetivo de conseguir ou impedir transformações de estado no homem e na natureza (Wallace, 1966, p. 107).

Dentro deste cenário, destaca-se a definição apresentada por William James (1958, p. 34) ao falar sobre os sentimentos, atos e experiências que cristalizam-se, nas crenças religiosas, em grupos e comunidades como igrejas, irmandades, ordens, seitas etc (Crotatto, 2001, P. 19). Tal cristalização precisa ser sedimentada nos corações dos componentes desses grupos através de uma instituição e seus líderes. Convém rememorar a consideração de Berger acerca do caráter das instituições, especialmente quando faz menção a teoria de Arnold Gehlen “uma instituição é um programa de comportamento que, quando adequadamente interiorizado, faz o indivíduo agir espontaneamente e sem muita ou nenhuma reflexão no setor relevante da vida social” (Berger, 2017, p. 77).

Valorizo a definição proposta por Gehlen devido ao uso da expressão **adequadamente interiorizado**, porque difere da configuração petrificada de Bourdieu quando aborda essas relações sociais como uma forma coercitiva. Não entendemos que o processo de **adequabilidade** às doutrinas das igrejas é um processo de violência simbólica, pois o indivíduo **escolhe** participar de uma igreja; não é obrigado, como, por exemplo, ocorre em uma empresa ou escola.

O lugar de fala dos líderes possui uma finalidade importante por fazer parte dos rituais sagrados. Ele está concentrado nos sermões explanados nos cultos religiosos e não podemos desconsiderar sua importância. Eller (2018, p. 121) evidencia os representantes religiosos como “indivíduos diferenciados dos fiéis de um grupo social religiosos por serem, no caso da religião cristã, preparados para assumirem esse papel determinante”. O autor menciona ainda:

Estes indivíduos podem ser líderes e funcionários, mas podem ser muito mais – o ‘canal’ pelo qual os espíritos interagem com o mundo humano ou vice-versa. Eles podem ‘representar’ ou ‘encarnar’ os espíritos na terra como emissários ou porta-vozes, ou podem ser aqueles que, por uma razão ou outra, ‘transpuseram’ a barreira entre as duas dimensões e, por isso, podem interagir com ambas (Eller, 2018, p.121).

Quando os representantes religiosos evidenciam as passagens bíblicas, relativas a força da fé, em suas homilias, a memória dos fiéis é refrescada e o avivamento da fé cristã é ativado. Berger (1985, p. 53) relata bem a importância desses “lembretes” quando descreve que “o ritual religioso tem sido um instrumento decisivo desse processo de ‘rememoração’”. Os homens esquecem. Precisam, por isso, que se lhes refresquem constantemente a memória (1985, p. 19).

No que tange ao rememoração, o ritual religioso de declarar a palavra, enquadra-se em duas necessidades básicas: a leitura da bíblia – as coisas que precisam ser feitas – e a confissão da palavra – as coisas que precisam ser ditas (Berger, 1985, p. 53). É possível notar a importância dessa observância dentro da ação ritualística, uma vez que a palavra da fé vem através do ouvir **repetidamente** os escritos ditos “sagrados”, conforme está escrito em Romanos 10:17.

O líder ou o representante religioso é considerado uma autoridade constituída por Deus. O poder humano, nesse aspecto, torna-se um fenômeno sacramental. Um canal pelo qual as forças divinas são aplicadas à vida dos homens para influenciá-los. Segundo Berger, “o governante fala em nome dos deuses, ou é um deus e obedecer-lhes equivale a estar em relação correta com o mundo dos deuses” (1985, p. 47). E nessa seara, a linguagem religiosa, na utilização dos seus símbolos, tem um alentado papel através do sentido duplo que aqueles o trazem, a sua função própria e a função que o ser humano consegue ver, ou seja, sua própria experiência de que ele significa algo além (Croatto, 2001, p. 85-87). Esse algo além, às vezes, é adquirido em

experiências pessoais ou por meio de uma linguagem específica (simbólica) transmitida por indivíduos revestidos de autoridade para tal, os representantes religiosos.

5.2 A descontextualização do símbolo sagrado

O livro primário de toda religião cristã – que foi reconhecida oficialmente como uma das religiões do Império Romano no século IV – é a Bíblia, considerada como o manual de regra, fé e prática dos cristãos. A etimologia da palavra bíblia deriva do grego *βιβλίον* (*biblíon*) cujo significado é: um volume ou rolo escrito, livro (Mounce, 2013, p. 142). Nela se encontra, segundo a doutrina cristã, os textos sagrados por aquela acreditar na inerrância (não contém erros) e na inspiração divina, por haver sido inspirada pelo Espírito de Deus, ou seja, são escritos de origem divina.

Numerosas civilizações possuem os seus livros sagrados: para ler neles o futuro, ou para obter a proteção de poderes misteriosos; para ouvir a vontade da divindade, ou para se integrar numa história de salvação; para fortalecer a sua ligação ao divino, ou para cumprir um ritual religioso. Tudo que está escrito nesses textos fazem parte das expectativas extraordinárias da humanidade, em sua busca contínua de sentido para a existência (Comte, 1997, p. 9).

Considerando a narrativa, percebe-se a importância dos representantes religiosos. Estes são responsáveis por trazerem a interpretação dos escritos bíblicos a luz do preceito da confissão positiva. A vida profissional destes os separa do comum dos mortais, e é essa separação que confere aos representantes religiosos a autoridade mágica (Mauus, 2003, p. 66). Ocorre que, às vezes, aqueles conduzem suas pregações sem realizar uma interpretação rigorosa dos textos bíblicos resultando em uma descontextualização do símbolo sagrado; um fenômeno recorrente nas práticas religiosas contemporâneas.

Um exemplo contundente dessa descontextualização é a interpretação de Isaías 53:4-5 (“E, no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava... sim, por suas feridas fomos curados”). No contexto da Confissão Positiva, esta passagem é frequentemente utilizada para fundamentar a

garantia de cura física e imediata para todos os crentes, quase como um direito adquirido.

Contudo, uma exegese histórico-crítica mais apurada do texto original e de seu contexto profético, revelaria que a ênfase primária da passagem está na expiação dos pecados e no sofrimento vicário de Jesus, que traz salvação e redenção espiritual, e não necessariamente na ausência de enfermidades físicas como uma promessa incondicional. Essa apropriação seletiva do texto, que ignora seu arcabouço histórico-literário em favor de uma aplicação pragmática e utilitarista, ilustra o processo de descontextualização do símbolo sagrado, moldando-o às necessidades doutrinárias do preceito.

Segundo Mariano (2012, p. 44) prega-se, no contexto do neopentecostalismo, a teologia da prosperidade. Ele a entende como sendo “uma doutrina que, grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo”. Complementarmente, Passos (2005, p. 34) ressalva que para o pentecostal “o texto bíblico tem uma função mais prática que teórica e não uma referência escrita de uma experiência do passado que exige interpretação para ser compreendida e explicada.

A tarefa de expor as Escrituras adequadamente sem retirá-las do seu contexto original e reinterpretá-las à luz de demandas subjetivas ou pragmáticas das comunidades de fé, exige domínio das técnicas exegéticas e a aplicação de uma hermenêutica sólida. O termo “exegese” origina-se do grego ἐξήγησις (exégéses) e do verbo ἐξηγεῖσθαι (exegeomai) cujos significados podem ser atribuídos como: “interpretação”, “tradução” ou, mais literalmente, “levar para fora” os fatos. No âmbito dos estudos bíblicos, a exegese é a explicação interpretativa. A sua tarefa é elucidar o significado de um texto conforme a intenção original de seu autor.

Em complemento ao entendimento da exegese, é fundamental destacar o conceito correlato de hermenêutica, termo também derivado do vocábulo grego ἐρμηνευτική (herméneuō) e ἐρμηνεία (hermèneia), que significam “interpretar”, “explicar”, “interpretação” e “explicação” (Coenen, Brown, 2000, pp. LXIV, LXVI). Enquanto a exegese preocupa-se com a extração do significado original do texto, a hermenêutica oferece os princípios e métodos para sua interpretação contextualizada.

Nesse sentido, Grant R. Osborne esclarece que “A definição tradicional da palavra é ‘ciência que define os princípios ou métodos para a interpretação do significado dado por um autor específico’” (2009, p. 23).

A ausência de métodos exegéticos e hermenêuticos, em nosso entendimento, conduz a uma interpretação bíblica literalista, utilitarista e alegórica que se molda conforme a necessidade do fiel. Asseveramos que é necessária uma integridade hermenêutica, como, por exemplo: reproduzir um texto com fidelidade, coesão de sentido, observar o propósito e o sentido da passagem bíblica selecionada e a aplicação do texto observando a relevância da passagem para a atualidade. Essas constituem algumas das qualidades inerentes de um sermão expositivo: submeter as Escrituras Sagradas a um exame detalhado, com o propósito de evitar interpretações opiniosas e, na medida do possível, neutralizar as distorções do Poder Simbólico.

Pierre Bourdieu entende que “[...] as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relação de poder que dependem, na forma e no conteúdo, de poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pela instituição), envolvidos nessa relação [...]” (1930, p. 11). No que tange a essa explanação, a linguagem religiosa e seus acessórios produzem a consolidação da fé e a operacionalização da confissão positiva. Entretanto, atente-se que, não apenas Bourdieu, abordou a linguagem como um símbolo de poder. A linguagem da fé segundo Tillich é simbólica e tem o poder de suplantar a linguagem não simbólica dada a sua força e profundidade (Tillich, 1996, p. 33). Como símbolo religioso, a linguagem consegue exercer funções fundamentais para a vida religiosa.

Higuet *apud* Ricoeur (2013, p. 462) evidencia que para o símbolo se define como “todas as estruturas de significado nas quais o sentido direto, primeiro e literal designa, por excesso, outro sentido indireto, secundário e figurado incapaz de ser apreendido a não ser por ele”. Participa da realidade que simboliza por um laço ontológico de sentido. É esse laço de sentido que permite a interpretação “para algo além do sentido” (Tillich, 2013, p. 462). O símbolo, neste caso, a linguagem religiosa, participa do conteúdo que ela indica, de maneira a não possuir uma separação entre aquilo que se mostra e aquilo que se quer representar (2009, pp. 98-99). A adequabilidade da teoria de Tillich, para esta tese, no âmbito da experiência religiosa, onde o símbolo aponta para aquilo que representa, remete-nos a uma possível

verdade do símbolo religioso; ele se manifesta quando é capaz de exprimir existencialmente nossa relação com o fundamento último do ser. Eis o mistério da fé!

Na teologia de Tillich a linguagem da fé é uma espécie de “fundamentalismo”. Fundamental para a vida humana, porque aquilo que nos toca de forma incondicional precisa ser expresso por meio de símbolos: “porque apenas a linguagem simbólica pode expressar o incondicional” (1996, p. 30). O incondicional! Não depende de!

O interessante na confissão positiva é a linguagem utilizada para a consolidação da palavra revelada. A questão é que dentro da própria hermenêutica bíblica tem-se o método confessional considerando a Bíblia uma série de declarações de fé, que demanda apego e, como tal, transcende a história. [...] Assumem como viga mestra e radicalmente se opõem às abordagens analíticas ou históricas (Osborne, 2009, p.474). Identificamos, neste nevoeiro de significados e definições, que a confissão positiva poderia ser, de forma simples, intitulada de teologia confessional e não de teologia da prosperidade, uma vez que ela é utilizada não apenas para a esfera da prosperidade, mas também, da cura divina; por exemplo.

Imperioso se torna, nesse momento, encerrar o subitem com o conceito interessantíssimo de fundamentalismo criado pelo filósofo, Julien Freund, que entendo inferir bem sobre a linguagem simbólica da fé: “Quando tudo é tudo, nada mais é definível, nada mais é específico, em suma, o conceito se torna inútil, já que falando de uma coisa, se fala de tudo (Freund, 1987, p.12).

5.3 Revisão da literatura de Kenneth Hagin

Este subitem dedica-se à análise da literatura de Kenneth Hagin. Os livros aqui considerados possuem relevância significativa para o desenvolvimento desta tese. Ressalte-se que a produção literária dele é extensa, em grande parte devido à transformação de diversos sermões em *minibooks*, ou, conforme nosso vocabulário, livretos.

Ao consultar o site *Kenneth Hagin Ministries*, conhecido como Rhema “um ministério mundial baseado na fé, nas orações e nas verdades curativas da Palavra de Deus”; identificou-se um acervo composto por 140 livros dos quais 44 são *minibooks*. Para maior clareza do leitor, apresenta-se, no quadro infra, uma seleção

das obras publicadas que foram consideradas pertinentes ao tema em análise, conforme listado a seguir.

Quadro 19: Seleção das obras publicadas utilizadas

Título Original	Título em português	Ano de publicação
Bible Faith Study Course	Curso de estudo de fé bíblica	1966
Right and Wrong Thinking for Christians	Pensamento certo e errado para os cristãos	1966
What Faith Is	O que é fé?	1966
The Real Faith	A fé real	1970
I Believe in Visions	Eu creio em visões	1972
Growing Up, Spiritually	Crescendo espiritualmente	1976
The Human Spirit	O espírito humano	1974
Why Tongues	Por que falar em línguas	1975
The Key to Scriptural Healing	Chaves bíblicas para cura	1977
You Can Have What You Say!	Você pode ter o que você diz!	1979
Having Faith in Your Faith	Tenha fé na sua fé	1980
In Him	Nele	1980
Laying on of Hands	A imposição de Mãos	1980
How to Keep Your Healing	Como conservar sua cura	1980
The Name of Jesus	O nome de Jesus	1981
Man on three Dimensions	O Homem em três dimensões	1973
Must Christians Suffer?	É necessário que os cristãos sofram?	1982
Keys to Scriptural Healing	Chaves bíblicas para cura	1983
Exceedingly Growing Faith	O extraordinário crescimento da fé	1983
The Believer's Authority	A autoridade do crente	1985
Healing Belongs to Us	A cura nos pertence	1986
Understanding How To Fight The Good Fight of Faith	Compreendendo como combater o bom combate da fé	1987
A Fresh Anointing	Uma nova unção	1989
Mountain-Moving Faith	A fé que move montanhas	1993
Healing Scriptures	Fé nas escrituras	1993
The Triumphant Church	A igreja triunfante	1993
God's Word: A Never-Failing Remedy	A palavra de Deus: um remédio infalível	1996
The Healing Anointing	A unção da cura	1997
God's Word on Divine Healing	A palavra de Deus sobre cura divina	1998
Walking By Faith	Andando por fé	1998
Foundations for Faith	Fundamentos da fé	1998

Fonte: Kenneth Hagin Ministries

Da lista, escolhemos duas literaturas específicas com vistas a fomentar o entendimento das homilias dos líderes das igrejas evangélicas Verbo da Vida e das

falas dos seus participantes. Visa ainda identificar as influências causadas na vida, em sociedade, dos fiéis dessas igrejas. Destacaremos as partes que consideramos primordial para a investigação.

5.3.1 A unção da Cura

A motivação central do livro reside na exposição da visão idealizada por Kenneth Hagin acerca da cura divina. Segundo o autor, não se pode pregar o evangelho sem falar sobre cura. Falar sobre cura é levar as boas novas aos enfermos. Jesus pregou e ensinou, mas também curava enfermos por onde passava. A obra é estruturada em nove capítulos – dos quais não serão explanados todos neste estudo –, onde aborda a unção da cura e a ação divina na quebra do jugo da enfermidade.

Na concepção de Hagin, a unção é um dos meios de operar a cura; porém não o único. No primeiro capítulo, o tema a ser tratado são os aspectos da unção. O modo pelo qual ela se apresenta e os seus pontos de vista. Destaca-se, nesse capítulo, a assertiva do autor de que o propósito da unção é libertar as pessoas, baseando-se no texto de Lucas 4.18-19²¹. Jesus, o ungido de Deus, exerceu seu ministério com unção. Nessa linha, pode-se concluir que Jesus precisou ser ungido, pelo Espírito Santo, antes que pudesse curar e operar milagres porque veio ao mundo como homem e não como Deus. Jesus “deixou de lado Seu poder e Sua glória quando veio à Terra” (Hagin, 2002, p. 14).

Nesse sentido, o homem quando aceita a Jesus recebe o Espírito Santo. Ele passa a habitar dentro do homem. Assim, pela fé, podemos fazer as mesmas obras que Jesus. Este fato, para Hagin, está alicerçado na passagem de João 14.12 “Em verdade, em verdade vos digo: quem crê em mim fará as obras que faço e fará até maiores do que elas, porque vou para o Pai” (BÍBLIA, 2022, p. 1880). Então, o que se precisa é entender como buscar o poder de curar.

O capítulo dois cujo tema é “Recebendo a cura por meio da unção curadora”, versa sobre a maneira como as pessoas podem receber sua cura. Nos evangelhos

²¹ “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (BÍBLIA, 2022, p. 1795)

podemos ver passagens em que as pessoas tocavam nas vestes de Jesus e eram saradas. Hagin diz que “As pessoas que tocavam nas vestes de Jesus eram saradas pela fé que tinham na unção ou no poder que Ele recebera para curar” (2002, p. 40). Afirma ainda: “As pessoas envolvidas foram saradas pela unção curadora, do ministério de Jesus. Esse poder de Deus estava ativo, operando saúde no corpo delas, por meio da fé que possuíam” (2002, p.40).

Em continuidade às explanações acerca do tema, é oportuno abordar a questão da fé, elemento imprescindível para a cura. Por que motivo a mulher do fluxo de sangue, em Marcos 5.34²², foi até Jesus? Porque ouviu falar de Jesus e que Ele tinha unção para curar. As citações bíblicas, relativas a cura divina, indicam que as pessoas ouviam falar de Jesus, que ele era o ungido de Deus e, assim, a natureza da fé brotava nos seus corações. Quando Hagin aborda a importância de termos como: “Ouvir antes da cura”, “Crer na mensagem da Palavra”, “A fé ativa o poder”; podemos inferir que ele está delineando os primeiros passos para obtê-la, conforme sua doutrina.

O capítulo 5 reveste-se de suma importância e, por isso, deve ser abordado com cautela. De título “Recebendo a cura por meio da Palavra ungida”, ele explica, dentro da sua peculiaridade, a diferença entre receber a cura pela fé, adicionada a unção de cura, e receber a cura pela fé na Palavra ungida, através da imposição de mãos; que segundo Hagin é um dos métodos em que a unção da cura é transmitida.

Por meio da descrição de acontecimentos ocorridos ao longo de seu ministério – frequentemente apresentados sob a forma testemunhos pessoais de vida –, o autor faz alusões a episódios de cura; sem a unção da cura está ativa no ambiente. Cita que ela aconteceu somente através da fé do doente e da prática da imposição de mãos, conforme fundamentado nas escrituras sagradas. Ainda nesse capítulo, explana a ideia de que a fé é movida pela Palavra e que não se deve dar vazão aos sentimentos humanos aos quais, muitas vezes, trazem dúvidas ao nosso coração.

No entendimento do autor, a fé e a dúvida não podem coexistir. “Você precisa lutar contra sua própria carne e sentimentos”. Afirma ainda que “Você não pode ter a fé e o medo” (Hagin, 2002, p. 127). “Os sentimentos nada têm a ver com crer na

²² “E Ele disse a ela: ‘Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz e esteja curada desse teu mal’” (BÍBLIA, 2022, p. 1766).

Palavra de Deus. [...] Você perceberá que os sentimentos não estão relacionados à fé na Palavra? **A fé crê, quer você sinta algo ou não**” (2002, p. 131). Cito, de modo pontual, uma reflexão acerca da falta de fé. Considero que a experiência religiosa pode se apresentar diabólica ou desintegradora quando a emoção é pessimista. É preciso cautela, pois, em vez de consolo espiritual, pode-se instaurar um estado de desolação. O filósofo e psicólogo William James (1985) ao tratar do tema observa que “o ‘sentimento religioso’ é uma entidade mental que pode intervir na vida das pessoas religiosas”.

Nesse contexto, observa-se que, na literatura de Kenneth Hagin, a doutrina da Palavra da Fé é muito forte. Ele afirma veementemente que há poder de cura na Palavra ungida. Rememora aos cristãos evangélicos pentecostais e neopentecostais que as narrativas dos evangelhos oferecem exemplos concretos desse princípio. E, assim como Jesus usou a Palavra; você deve também usá-la, conforme menciona:

Os Evangelhos mencionam que, em uma ocasião, Jesus expulsou demônios com Sua palavra (Mt 8.16). Por isso, quando a unção tangível não está presente, prossigo e proclamo a Palavra. O que é isso? A palavra da fé! [...] O texto de Mateus se refere à unção de cura, quando diz curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. Se Deus concedeu a Jesus um poder especial, você também pode ministrar cura sob esta unção. Entretanto é possível alcançar os mesmos resultados, mesmo quando ela não está presente, simplesmente exercitando sua fé na Palavra de Deus: Imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão (Mc 16.18). Está é uma das maneiras pela qual uma pessoa pode ser sarada: apenas agindo pela fé na Palavra (Hagin, 2002, p. 128, grifo nosso).

Quais eram as convicções de Hagin? Ao interpretar as Escrituras, ele sustentava a crença de que existem duas formas pelas quais o cristão pode alcançar a cura divina: 1) através da Unção de Cura acionada pela fé, manifestada no ambiente; 2) através da simples fé na Palavra de Deus. A Unção de Cura é a manifestação do Poder de Deus que é acionada pela fé de quem está almejando a cura. Ela **paira** no ambiente levando-a.

Não havendo essa manifestação divina, o cristão pode ser curado colocando sua fé em ação com base nas escrituras sagradas, declarando-as e ministrando a cura sobre a sua própria vida; semelhantemente como aconteceu com autor. O que precisa ser feito? O cristão deve encontrar a palavra de Deus (versículos chaves) que

necessita para a situação que está enfrentando; então começar a falar e a concordar com a Palavra. Seguem abaixo, exemplos de confissões de cura:

- Eu declaro meu corpo sarado/saudável (Rm 4.17);
- Pelas suas pisaduras eu fui sarado (1 Pe 2.24);
- Ele mesmo tomou as minhas enfermidades e levou as minhas doenças (Mt 8.17);
- Tu és o senhor que me cura (Êx 15.26)
- Tuas palavras são vida para mim e saúde/remédio para toda a minha carne (Pv 4.22).

Esse é o terreno instável e tenebroso da confissão positiva; caso a cura não se concretize, surge inevitavelmente a questão – a quem se atribui a responsabilidade? O autor responde da seguinte maneira:

As pessoas devem ter o bom senso suficiente para saberem que, se não recebem a cura depois de as mãos terem sido impostas nelas por algumas pessoas, especialmente por aquelas que são usadas notavelmente por Deus na cura divina, devem olhar para seu próprio íntimo e ver se alguma coisa dentro delas está fora da vontade de Deus. Devem examinar a si mesmas e começar a mudar e a fazer os ajustes necessários, pois Deus nunca muda. (Hagin, 1994, pp. 166-167).

Constata-se, de forma preocupante, na citação supra, que o próprio Hagin desloca a responsabilidade pela não concretização da cura para o próprio enfermo. Essa inferência, que atribui a falha à fé individual e não à promessa divina ou à ministração, possui implicações éticas e teológicas significativas. No contexto interdenominacional, por exemplo, essa visão pode ser percebida como uma 'heresia' ou um 'erro doutrinário' por tradições que enfatizam a soberania de Deus e a graça incondicional, ou que reconhecem a complexidade da enfermidade e do sofrimento humano sem, necessariamente, culpar o indivíduo. Essa atribuição de culpa ao fiel tem o potencial de gerar dilemas psicológicos, frustração e marginalização para aqueles que, apesar de sua fé, não vivenciam a cura, e ainda são levados a crer que a causa reside em sua própria deficiência espiritual.

O tema “Como receber a sua cura” também está contemplado na obra, no qual Hagin discorre acerca dos procedimentos necessários para que a unção opere eficazmente na vida pessoal do crente. Segundo o ele “Para que ela funcione com eficácia, temos de equilibrar fé e poder” (2002, p. 208), conforme exemplificado no caso da mulher do fluxo de sangue. O poder fluiu das vestes de Jesus em equilíbrio com a fé daquela. Em seguida, o autor cita diversas passagens bíblicas pertinentes para fundamentar seu argumento: destaca, inicialmente, o episódio dos dez leprosos, em Lucas 17.14, no qual Jesus apenas ordena: “Ide e mostrai-vos aos sacerdotes”. Nesse caso, não há menção a qualquer tipo de unção sobrenatural.

Outro exemplo referido é o centurião e seu servo, narrado em Mateus 8:5-13, em que Jesus afirma no verso 13: “[...] ‘Vai! Como creste, assim te seja feito!’. Naquela mesma hora o criado ficou são, sarou”. Hagin rememora que “O centurião agiu de acordo com a palavra de Jesus” (2002, p. 210). Ou seja, a fé na Palavra de Deus opera mesmo quando a unção sobrenatural não se manifesta, porque a Palavra é ungida.

Por fim, o autor menciona o relato do oficial do rei e seu filho, em João 4:50, o qual Jesus declara ao oficial: “Vai, o teu filho vive. E o homem creu na palavra que Jesus lhe disse e foi-se”. Na presença de Jesus, o oficial não teve qualquer evidência de que seu filho fora sarado; só poderia constatar tal fato quando chegasse em casa. Ele creu no que Jesus dissera e seu filho foi curado. (Hagin, 2002, pp. 210-211).

Outro ponto relevante a ser destacado no livro é a importância quanto a ministrar sobre fé. Ele entende que a unção da cura é um dos meios de operar a cura; mas, quando precisamos ministrar a cura na vida de alguém que está à distância, o enfermo terá de crer na Palavra de Deus e receber a cura, mesmo sem a presença da unção de cura tangível (Hagin, 2002, p. 212). Nesse sentido, adverte: “Não limite o poder de Deus perdendo Sua bênção” (Hagin, 2002, p. 212). Em ambos os casos, a fé estará sempre envolvida na disposição humana de crer e receber.

Por fim, Hagin enfatiza que não é preciso que uma unção especial esteja presente para que se manifeste a cura, porque em suas orações o Espírito Santo está presente e o que ativa o poder da unção é a fé.

5.3.2 O nome de Jesus

Clássico dos clássicos de Hagin, publicado em 1917, o livro *O Nome de Jesus* (*The Name of Jesus*, em inglês) tornou-se uma das principais obras do pastor norte-americano; consolidando-se como uma referência central dentro de sua produção teológica. A obra faz alusão ao poder intrínseco que há no nome de Jesus e à maneira como os cristãos devem utilizá-lo de forma ativa e confiante na vida espiritual. No prefácio, admite ter recebido influências teológicas de Essek W. Kenyon através do livro *O Maravilhoso Nome de Jesus* (em inglês, *Wonderful Name of Jesus*) e da Obra *Cristo, Aquele que Cura* (em inglês, *Christ, The Healer*) do evangelista de cura divina Fred Francis Bosworth. Entretanto, não cita a publicação *Jesus, Aquele que cura* (em inglês, *Jesus, The Healer*) também de Kenyon.

No decorrer da obra, Hagin afirma que “Todo o poder e toda autoridade de Jesus estão investidos em Seu Nome” (2014, p. 11). A expressão jurídica procuração (em uma analogia) é utilizada, de forma didática, para legitimidade e autoridade (garantia) delegada ao cristão no uso do Nome de Jesus. A procuração (o direito) foi dada e devemos usá-la. Os versículos de João 16.23-24 “Nesse dia, nada me perguntareis. Em verdade, em verdade, vos digo: o que pedires ao Pai, em meu nome, ele vos dará. Até agora, nada pedistes em meu nome; pede e recebereis para que a vossa alegria seja completa” (BÍBLIA, 2022, p. 1885) constituem a forma que Hagin entende que devemos orar para termos atendidas as nossas petições.

O pai do movimento da fé já tratara dessa concepção no manuscrito que citamos. Ele garante que Jesus, não somente nos dá o uso de Seu Nome, mas também declara que a oração, orada em Seu Nome receberá Sua atenção especial. Discorre ainda que “A medida de Sua capacidade é a medida do valor deste Nome, e tudo que está investido neste Nome nos pertence, pois Jesus nos deu o uso absoluto do Seu Nome” (Kenyon, 1981, p. 7).

Nesse sentido, Hagin rejeita fórmulas condicionais como “Se for da tua vontade Senhor”, pede-se “Em Nome de Jesus” e por quê? De acordo com o autor, todo o poder e toda a autoridade que Jesus tinha quando estava na terra está investido em Seu Nome hoje. Entende que tais expressões enfraquecem a autoridade espiritual

conferida ao crente. Assim, ao orar “em Nome de Jesus”, o fiel estaria reivindicando legitimamente, pela fé, as promessas e bênçãos já asseguradas nas Escrituras.

O pastor norte-americano fundamenta sua argumentação no texto de Filipenses 2.9-11, que afirma que Deus concedeu a Jesus um Nome acima de todo nome. No desenvolvimento dessa perspectiva, o autor recorre aos escritos de Essek W. Kenyon, conforme segue:

A inferência é que havia um Nome conhecido no céu, desconhecido em outros lugares, e esse Nome foi conferido sobre alguém que o mereceria: E Jesus, como o conhecemos - O filho Eterno como é conhecido no Seio do Pai - Foi dado esse Nome, e para esse Nome todo joelho se dobrará nos três mundos – Céu, Terra e Inferno - E toda língua confessar a que Ele é Senhor dos três mundos. Para a glória de Deus o Pai (1981, p. 14).

Após a ressurreição de Jesus Cristo, de acordo com Hagin, o Seu Nome foi autorizado a ser utilizado como autoridade espiritual pela igreja que está em Cristo. Para ele, essa autorização não é simbólica, mas operacional: ela se efetiva na prática da fé cristã, desde que exercida por aqueles que verdadeiramente creem. Com base na perícopes de Marcos 16:17-18²³, o autor defende que Jesus concedeu à Sua Igreja o poder de realizar obras semelhantes – ou até superiores – às que Ele próprio operou durante seu ministério terreno. Dentre essas manifestações estão inclusas ações como expulsar demônios, falar em novas línguas, pegar em serpentes sem sofrer danos e impor as mãos sobre os enfermos e curá-los (Hagin, 2014, pp. 36-37). Entretanto, faz uma ressalva: a autoridade do Nome só funciona para os que creem.

Um outro ponto importante para essa tese, encontra-se no capítulo vinte e um intitulado “Há cura no nome”. Após percorrer temas como “Autoridade no Nome”, “O Nome: propriedade da igreja” e “A fé e o Nome”, ative-me àquele onde discorrerei, no momento. Hagin (2014, p. 144) retrata que o Nome de Jesus é salvação. Para sustentar essa compreensão, o autor recorre à definição exegética presente na *Bíblia de Referências Scofield*²⁴, segundo a qual os termos originais hebraico e grego para

²³ “Estes são os sinais que acompanham aos que tiverem crido: em Meu Nome expulsarão demônios, falarão em novas línguas, pegarão em serpentes, e se beberem algum, veneno mortífero, nada sofrerão; imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados” (BIBLIA, 2022, p. 1785).

²⁴ Bíblia de estudo que inclui anotações, referências cruzadas e notas explicativas ao lado do texto bíblico, fornecendo aos leitores um guia abrangente para entender a Bíblia de uma perspectiva dispensacionalista. Sendo uma das primeiras bíblias de estudos modernas, a *Bíblia de Referência Scofield* tornou-se imensamente popular e influente, moldando a compreensão da profecia bíblica e

“salvação” abrangem os significados de libertação, segurança, preservação, cura e integridade.

Nessa perspectiva ampliada, para aqueles que se converteram ao evangelho de Jesus Cristo, há cura. Há cura na redenção! Os cristãos precisam saber que a cura para o corpo não é um benefício secundário, mas parte integrante do Evangelho. Este não somente tomou sobre si os nossos pecados, como também, nossas enfermidades e carregou as nossas dores (Hagin, 2014, p. 145).

No capítulo vinte e dois “A confissão e o nome”, o pastor desenvolve uma articulação teológica entre o poder do Nome de Jesus e a prática da confissão verbal da fé, conforme segue:

A confissão ocupa um lugar de importância quando se trata do Nome de Jesus. Devemos confessar nossa fé em Cristo como Pessoa, mas também podemos confessá-la por meio do Seu Nome. [...] O problema com o cotidiano dos evangélicos é que não avançam na esfera da confissão. Permanecem no ponto inicial e se mantêm na etapa infantil do desenvolvimento espiritual. O cristianismo pode ser chamado de “nossa confissão” (Hagin, 2014, p.p 161-162).

Ainda, segundo Hagin, o homem confessa para ser salvo. Ao afirmar que “Não há salvação sem confissão. [...] Nossa experiência cristã começa a partir dessa atitude” (2014, p. 162), ele estabelece um vínculo direto entre a declaração verbal de fé e a experiência da regeneração espiritual. Entende que se é preciso fazer a confissão para alcançar a salvação, também, torna-se necessário que o cristão avance na esfera da confissão; proclamando a fé como meio de apropriação das promessas divinas.

De maneira progressiva, sustenta que o cristianismo, em sua natureza mais profunda, é uma confissão. Alude ao leitor a seguinte concepção:

Conservemos firmemente o testemunho e a confissão dos nossos lábios. Permanecemos firmes em dizer quem somos e o que possuímos por estarmos em Cristo. Nossa fé é medida pela nossa confissão. Nunca poderemos reconhecer mais do que aquilo que confessamos. O Nome de Jesus começara a funcionar para nós

quando declararmos o que esse Nome é capaz de efetuar (Hagin, 2014, p. 163).

Discorre ainda que o Nome de Jesus começará a funcionar para os cristãos quando declararem o que esse Nome é capaz de efetuar (Hagin, 2014, p. 163). E, também, alerta que a dúvida, temores e até uma confissão negativa anulam os efeitos da uma oração da fé (Hagin, 2014, p. 164). O cristão precisa ter arraigado em seu coração que: não há salvação sem confissão; não há remissão de pecados sem confissão; não há novo nascimento sem confissão. A experiência cristã genuína começa com a confissão.

A obra “O Nome de Jesus” reúne diversos relatos e testemunhos vivenciados por Hagin ao longo de sua trajetória cristã. De imediato, depreende-se da leitura que a salvação, conforme apresentada por ele, contempla um conjunto completo de benefícios espirituais – o pacote da salvação – e que todo o poder do Nome de Jesus está disponível para que o cristão viva, já neste mundo, as realidades do Reino de Deus. Para tanto, é necessário um posicionamento de fé, manifestado por meio da confissão. O autor adverte quanto ao risco de permitir que a razão humana substitua o caráter sobrenatural do evangelho, pois, nesse caso, sua essência – o Cristianismo – perde a potência, o encanto e a capacidade de produzir milagres. O Nome de Jesus passa a operar efetivamente na vida do crente a partir do momento em que este declarar, com convicção, aquilo que o Nome é capaz de realizar.

5.4 A fé que move montanhas

Convém esclarecer, preliminarmente, que este subitem foi elaborado em uma linguagem acadêmica menos formal, a fim de preservar a proximidade com a forma pela qual os conteúdos foram originalmente transmitidos nas aulas. O presente trecho, refere-se a um estudo de campo conduzido na Igreja Evangélica Verbo da Vida, situada no bairro de Campo Grande, Recife/PE. Feita tal consideração introdutória, apresenta-se, a seguir, um pensamento de Kenyon como ponto de partida para o nosso trabalho.

Ele levou todas. E o que Ele levou não precisamos carregar. O que Ele levou sobre Si mesmo não precisamos sofrer. Chegamos a crer que é tão errado um crente carregar sua enfermidade, tendo Jesus já a levado, como é carregar seus pecados

quando Cristo já os levou (Kenyon, 2012, p. 7). Embora não seja usual iniciar um desenvolvimento temático com uma citação, opta-se, neste caso, por trazer ao leitor uma provocação reflexiva essencial para a compreensão do ponto específico ora tratado nesta tese. É preciso ter em mente, com plena consciência, que falar sobre religião é, inevitavelmente, adentrar no campo do mistério – dimensão esta que, por sua própria natureza, escapa a uma apreensão total e exata, inclusive por parte daqueles que se dedicam ao estudo e à pesquisa acadêmica no campo das Ciências da Religião.

O tema abordado neste subitem (3.4) se fundamenta em uma passagem religiosa do símbolo sagrado, a Bíblia, mais especificamente o evangelho de Mateus 17:20 E, segundo a doutrina propagada por Hagin, a fé é a forma estabelecida por Deus para que o homem lhe obedeça e receba as bênção que Ele ofereceu gratuitamente no evangelho de Jesus Cristo. A fé aciona, ativa o Poder de Deus (Hagin, 2002, p. 91).

Constata-se que o uso da linguagem nas comunidades religiosas se opera em várias dimensões: a palavra oral, a palavra escrita, as imagens, os gestos, os pensamentos interiores em forma de monólogo etc; que nos confrontam com questões sobre o tipo de relação que existe entre a religião e linguagem (Nogueira, 2013, p. 444). Sem hesitação, na condição de observadora participante, afirma-se que a consolidação do preceito da Confissão Positiva se solidifica através da universalização da linguagem que é falada em todas as igrejas do ministério Verbo da Vida e, neste caso em específico, ela é um elemento estruturador da prática religiosa.

O apóstolo Bud sempre enfatizava em suas ministrações da palavra que todas as igrejas Verbo da Vida tinham, necessariamente, que adotar a **unidade** no discurso bíblico, principalmente quanto a palavra da fé; ou seja, falar sempre as mesmas coisas (ideias). Sua base para essa visão não é equivocada. Ele orientava a obediência ao símbolo sagrado, conforme expressa a exortação apostólica registrada em 1 Coríntios 1:10 “[...] sede estritamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar” (BÍBLIA, 2022, p. 1993).

Nesse sentido Berger (1985, p. 55) não incorreu ao erro quando escreveu que as legitimações religiosas nascem da atividade humana e que se cristalizam em

complexos de significados que se tornam parte de uma tradição religiosa. No entendimento da escritora desta tese, a linguagem religiosa, em questão, representa a força da palavra falada, a expressão oral dos mistérios da fé sendo consolidada na mente dos fiéis no intuito de ensiná-los a exercê-la para vivenciar os direitos dos cristãos que estão descritos na bíblia. É importante ressaltar que não se trata de exercer **autoridade** sobre a vontade soberana do Deus bíblico, e sim, exercer **autoridade** em relação ao cumprimento do que está escrito no símbolo sagrado.

Com o propósito de elucidar ao leitor a aplicabilidade do que foi abordado no parágrafo precedente, propõe-se, a seguir, uma análise sobre a operacionalização do discurso da confissão positiva em um dos eventos promovidos pelo Ministério Verbo da Vida, denominado *Centro de Cura Rhema*. Trata-se de uma semana de imersão nos ensinamentos bíblicos concernentes a Cura Divina, cujo eixo central é o conhecimento da palavra da verdade fundamentado no texto de João 8.32: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (BÍBLIA, 2022, p. 1865).

O Centro de Cura Rhema ensina que a vontade do Senhor (o Deus bíblico) é manifestar a cura conquistada por Jesus Cristo e, durante uma semana, os integrantes do centro ouvem ensinamentos da palavra de Deus, recebem aconselhamento pessoal e, na sexta-feira, ocorre uma oração com imposição de mãos²⁵. É pertinente destacar *in loco* que a apresentação da operacionalidade deste centro está sendo apresentada pela autora desta tese – que participou da semana de cura –, como o objetivo **exclusivo** de proporcionar ao leitor uma compreensão mais acurada da prática da confissão positiva. Não serão realizados comentários de cunho crítico ou apologéticos.

Ao longo da semana, cada dia é reservado para o desenvolvimento de um tema específico, cuja programação detalhada encontra-se delineada a seguir:

- Segunda-feira: O amor curador de Deus;
- Terça-feira: Somos curados em Cristo;

²⁵ Para mais informações, consultar o site <https://verbodavida.org.br/centrodecure> e assistir aos testemunhos.

- Quarta-feira: Fé para cura;
- Quinta-feira: Como manter sua cura;
- Sexta-feira: A unção da cura – Imposição de Mãos.

Observando rigorosamente o cronograma, a primeira aula, aborda o tema: “*O amor curador de Deus*”, que se dedica fundamentalmente à exposição do relato da criação do mundo e dos homens; para que os fiéis possam apreender o Plano Original de Deus descrito no livro capítulo 1 do livro de Gênesis. Os ministros responsáveis pelo curso procuram deixar claro que não se encontra, em parte alguma deste capítulo, referência à criação da morte ou das doenças e enfermidades por parte de Deus. Verificou-se, a partir das ministrações analisadas, que a morte, as enfermidades e as doenças não foram criadas por Deus, e, neste caso, não podem ser enquadrados no padrão estabelecido pela bíblia para o que procede d’Ele. Conforme a narrativa de Gênesis, capítulo 1, constata-se que tudo que foi criado por Deus é bom. Ao criar a luz, por exemplo, o texto bíblico afirma: “Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas” (GÊNESIS 1:4, BÍBLIA, 2002, p. 33). Da mesma maneira, ao formar as águas e a terra, está registrado: “Deus chamou ao continente ‘terra’ e a massa das águas ‘mares’, e Deus viu que isso era bom” (GÊNESIS 1:10, BÍBLIA, 2002, p. 34).

Em continuidade à narrativa, quando as plantas, árvores e ervas foram criadas, a avaliação divina permanece a mesma: “A terra produziu verdura, ervas que dão semente segundo sua espécie, árvores que dão, segundo sua espécie, frutos contendo sua semente, e Deus viu que isso era bom” (GÊNESIS 1:12, BÍBLIA, 2002, p. 34). Igualmente, ao criar os animais domésticos, as feras selvagens e os répteis da terra, a apreciação divina se repete: “Deus fez as feras segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis do solo segundo sua espécie, e Deus viu que isso era bom” (GÊNESIS 1:25, BÍBLIA, 2002, p. 34). Por fim, após criar o homem e a mulher, ao contemplar toda a sua criação, o relato culmina na seguinte declaração: “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (GÊNESIS 1:31, BÍBLIA, 2002, p. 35). Qual a conclusão de toda essa explanação? Ensinar que o próprio Deus declarava sobre cada parte da criação: “Isto é bom!”

Nesse contexto, os ministros da palavra inferem que tudo quanto Deus fez era bom, a Sua criação evidenciava a bondade do Criador; e, por este motivo, deve-se

crer que Ele não é o criador das doenças, enfermidades e morte. Deus não as criou e, por isso, a Sua vontade é que nós sejamos curados quando acometidos por doenças e enfermidades.

A temática “*Somos curados em Cristo*”, compõe a segunda aula do curso. A exposição inicial se dedica a explicação religiosa para as doenças e enfermidades acometerem os seres humanos. A fundamentação bíblica para a questão se encontra em Gênesis 3:1-7. O ministro dessa aula argumentou que os cristãos fiéis devem ter uma vida de abundância, livre de dores e enfermidades, conforme delineado em João 3:16: “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna” (BÍBLIA, 2002, p. 1848). Correlaciona ainda com o trecho de João 10.10 “[...] eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância (BÍBLIA, 2002, p. 1868), asseverando que uma vida com doença não é uma vida abundante e afirma: “Deus tem abundância de saúde para você”.

Tal inferência está alicerçada na afirmação verotestamentária de Isaías 53.4-5:

E, no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos **curados** (BÍBLIA, 2002, p. 1341, grifo nosso).

No caso em apreço, identificamos que Hagin sustenta que o plano redentor de Cristo confere ao cristão o direito imediato à cura, uma vez que, em sua compreensão, as enfermidades estavam inclusas no sacrifício vicário de Jesus Cristo. Basta-nos não ignorarmos a passagem “[...] por suas feridas fomos curados”. Conforme enfatiza o ministro da aula, o plano redentivo – a expiação de Cristo – não proporcionou apenas a salvação, mas também, a cura.

A passagem de Hebreus 11:1 fundamenta a introdução do conteúdo programático da terceira aula, intitulada “*Fé para cura*”. Esse versículo, amplamente citado ao longo desta tese, apresenta uma formulação conceitual de fé. A professora desta aula atribui ênfase particular ao termo “*fatos*”²⁶ contido na referida tradução

²⁶ A bíblia na versão revista e atualizada traz a seguinte tradução: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam e a convicção de fatos que não se veem” (BÍBLIA, 2002, p. 1208).

bíblica, como algo que já foi realizado. Algo que não pode ser mudado nem alterado, ou seja, algo que já aconteceu – imutável. Destaca-se a expressão “[...] a convicção de fatos que não se veem”. Infere, neste ponto, que algo, pela fé, já aconteceu e, neste caso, entenda-se que a cura já aconteceu (especificamente, na cruz do calvário) e que só se precisa tomar posse dessa palavra e da sua cura. Uma proposição, sem dúvida, intrigante!

No presente caso, traça ainda que a exposição às Escrituras Sagradas faz com que a inspiração do próprio Deus, com relação ao seu poder, seja infiltrada e firmada nos nossos corações. Bud Wrigth afirmava “Deus deseja ajudar você, mas Ele precisa da sua fé. Precisa que você confie e deseje receber dele a cura” (RHEMA BRASIL, 2018, p. 191). Nesse sentido, constatamos durante o curso que o objetivo maior do Centro de Cura não consiste em realizar a cura dos fiéis, e sim, instruir os cristãos a conquistarem sua própria cura.

Na quarta aula, de tema “*Como manter a sua cura*”, o ministro destaca a citação bíblica de Isaías 53:4. Parece-nos o versículo “Coringa” sobre cura. No introito da ministração, ressalta-se que não é normal aceitar a doença. O cristão pode ficar doente, mas não deve aceitar a doença como parte da sua vida. De acordo com Kenyon “É errado termos doenças e enfermidades em nossos corpos quando Deus impôs essas doenças a Jesus”. Enfatiza que a doença não pertence ao corpo de Cristo; cita que “Não é normal, natural” (McConnell, 1988, p. 139, tradução nossa).

O cristão deve ministrar sobre a sua vida a cura, com base nas escrituras sagradas, afirmando que as palavras nelas contidas são vida. Ora, se Deus é a própria vida, a Sua palavra, consequentemente, contém a vida e, portanto, contém a cura. Pensar em Cura é pensar em fé. Enfatiza-se, nesta aula, que recebemos a cura pela fé que temos na Palavra de Deus. Ela é o remédio sobrenatural que opera por meio da fé do espírito humano; porém, este precisa ser administrado regularmente. Funciona como uma medicação de uso contínuo.

Ao examinarmos o *Manual Centro de Cura*, utilizado pelos ministros do seminário, identificamos um exemplo relevante da aplicação prática do que é denominado “remédio de Deus”. Reproduziremos, na íntegra, o conteúdo a seguir:

(FALANDO EM VOZ ALTA). Eu Te bendigo, Senhor, com toda a minha alma. Eu Te agradeço por TODOS os seus benefícios: perdoastes as minhas iniquidades e TODOS os meus pecados, e sarastes TODAS, TODAS as minhas enfermidades. Eu Te agradeço Pai, porque enviastes a Tua Palavra para curar. A Tua Palavra diz que sarastes todas as minhas enfermidades. Eu Te agradeço Pai, Tua Palavra está penetrada no meu espírito e está trazendo saúde para o meu corpo físico. Eu Te agradeço Pai, porque a cura é um benefício da nossa aliança. Não esquecerei dos Teus benefícios (RHEMA BRASIL, 2018, p. 43).

À luz do que foi apresentado, a orientação é que se deve repetir esse processo de tomar o remédio de Deus até que a cura esteja totalmente completa. Não tome uma dose e desista. Estabeleça o fato bíblico sobre o seu corpo. Siga as instruções e dê tempo para que funcione.

Face ao exposto, faz-se necessário esclarecer que o Dom da Cura pode se manifestar na vida da pessoa que está crendo; contudo, para manter a cura operante (a saúde divina) é imprescindível que a Palavra esteja arraigada no coração, conforme expresso em Provérbios 4:20-22: “Meu filho, sê atento às minhas palavras; dá ouvidos às minhas sentenças; não se afastem dos teus olhos; guarda-as dentro do coração. Pois são **vida** para quem às encontram, e **saúde** para a sua carne” (BÍBLIA, 2002, p. 1029, grifo nosso).

A instrução enfatiza a necessidade de colocar a Palavra de Deus em prática. Uma vida pautada na carne afasta o cristão da esfera protetora de Deus. Se ocorrer a desobediência à Palavra de Deus, acabará atraindo maldição para sua vida. O fiel deve guardar a sua vida para manter a cura. Na situação contextual, cabe registrar a observação da autora desta tese: não existe relato bíblico que nos conceda subsídios para afirmar que exista a perda da cura.

A *unção da cura*, última ministração do curso; iniciou-se com a seguinte instrução: “Precisamos entender o que é fé e que Deus só se manifesta através da Sua palavra”. O versículo de Salmos 107:20 “Enviou a sua palavra para curá-los e da cova arrancar a sua vida” demonstra a importância da palavra para ter acesso a unção da cura. Outra observação interessante, na aula, refere-se à colocação do ministrante ao afirmar que: “O evangelho de Jesus Cristo é uma palavra ungida. É o poder de Deus em ação para operar o milagre naqueles que creem”. Acrescentou ainda que

“Enquanto se está ouvindo o evangelho, expondo-se a ele; ele está operando em você, no seu corpo, fazendo milagres, trazendo cura e saúde”.

Constatou-se que os ensinamentos desta última aula funcionam como uma espécie de concretização, consolidação, petrificação da centralidade das Escrituras Sagradas. Enfatizou-se que Jesus Cristo ensinava e pregava tudo que já estava contido nas Escrituras, segundo as quais, de acordo com a interpretação apresentada, falavam d’Ele próprio. Neste caso, inferiu-se que a leitura e o ensino transmitidos eram compreendidos como a revelação do próprio Cristo por intermédio das Escrituras, conforme declarado na seguinte assertiva: “O que você está ouvindo aqui é o próprio Cristo sendo revelado por meio das Escrituras a você”.

Nessa trilha de ensinamentos, o ministrante realiza o processo de rememoração das “escrituras sagradas” quanto ao seu valor e a respeito de Cristo. Explica que, em Mateus 8:16-17²⁷, Cristo pregava sobre Ele mesmo; uma vez que Isaías 53:4 refere-se ao próprio Jesus. Conclui ele que Cristo ao citar o texto de Isaías pregava sobre Si mesmo, o cordeiro morto desde a fundação do mundo, e, por isso, a bíblia revela o Cristo e o Seu poder ontem, hoje e eternamente. Afirma ainda que a Palavra é Cristo e Cristo é a palavra, sendo, portanto, indivisíveis.

Depreende-se que ao se pregar a Palavra, está-se revelando Cristo – Aquele que cura, o médico dos médicos. Cristo é o agente da cura. E de que maneira essa cura se manifesta? Através da Palavra, pois, sendo Cristo ungido, a Palavra também o é. Sim, afirma o ministrante: Cristo era ungido. Esse fato está evidenciado em Atos dos Apóstolos 10:38 “Como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder, e ele passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele” (BÍBLIA, 2002, p. 1923). É pertinente destacar uma passagem do livro de Hagin, *A palavra de Deus: um remédio infalível*, no qual ele registrou que as palavras de Deus “são repletas de vida, saúde e cura. Elas agem como um medicamento” (Hagin, 2000, p.8).

O encerramento do Centro de Cura acontece com esta última aula, cujo ministrante ressalta que o cristão não pode ter sombra de dúvidas nessa Palavra.

²⁷ Mateus 8.16-17 “Ao entardecer, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele com uma palavra expulsou os espíritos e curou todos os que estavam enfermos; a fim de se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: Tomou nossas enfermidades e carregou as nossas doenças” (BÍBLIA, 2002, p. 1717).

Paulo, apóstolos de Jesus, afirma em 2 Timóteo 1:12: “[...] eu sei em que tenho crido”. Ele finaliza sua exposição enfatizando que é imprescindível que você saiba em quem tem crido; pois somente isso já é suficiente para a sua vida mudar!

Ao término da explanação, todos os participantes e ministrantes uniram as mãos formando uma grande roda; para a realização da oração de fé e da imposição de mãos.

5.5 As possibilidades da influência dos discursos na vida dos fiéis

O despertar para uma fé que transcende os limites da racionalidade humana constitui uma prática recorrente nas igrejas vinculadas ao Ministério Verbo da Vida. A expressão “pisar nas águas” – amplamente utilizada nesse contexto – é um jargão que remete à disposição do cristão em se lançar na jornada de crescimento progressivo e exponencial da fé.

O texto bíblico áureo para o referido ministério é Mateus 14:29: “E Jesus respondeu: ‘Vem’. Descendo do barco Pedro caminhou sobre as águas e foi ao encontro de Jesus” (BÍBLIA, 2002, p. 1730). Os pastores e ministros da Palavra, nas Igrejas Evangélicas Verbo da Vida, interpretam esse episódio como um exemplo claro de um passo de fé. Pedro depositou sua fé em Jesus Cristo, e, da mesma forma, afirma que os fiéis devem construir a própria fé. Entendem que não se tem a presença física de Jesus sobre a terra, atualmente; mas, a Sua Palavra permanece, e é nela que se deve construir a fé. Com os olhos e a mente fixos nas Escrituras e para o seu ensino; dentro de uma abordagem hermenêutica confessional – o fiel pode realizar aquilo que para os olhos humanos parece impossível.

A cura, a prosperidade, as transformações no comportamento humano, a libertação de vícios (sejam eles lícitos ou ilícitos) e a busca do propósito da vida representam exemplos dos principais motivos que levam o ser humano, em sua integralidade, a procurar uma religião e uma evolução na sua espiritualidade. Diante desse contexto, percebemos que os discursos operacionalizados pelos representantes religiosos do campo investigado visam conduzir seus membros, primordialmente, à Salvação mediante o Evangelho de Jesus Cristo. A partir dessa

experiência salvífica, crê-se que as demais coisas almejadas serão acrescentadas em suas vidas, através da Palavra Revelada – este é o objetivo.

No evento anual da Conferência de Mulheres ocorrido em 20 de outubro de 2023, a ministra da palavra ReJeanna Jolliff trouxe uma mensagem intrigante sobre fé, segue a transcrição na íntegra:

Fé é a nossa identidade. Somos chamadas para viver pela fé. A fé é o nosso DNA; somos filhas de um Deus de fé. Nós somos nascidas no mundo, e a Palavra fala que as que nascem no mundo, o podem vencer. E como fazemos isso? Pela fé, é a fé que Ele colocou em mim e em você, que move montanhas. A fé de Deus está pronta em você para ser ativada, para que você possa mover montanhas (VERBO DA VIDA, 2023).

A linguagem da fé ativa, alicerçada nas promessas bíblicas, promove a valorização do poder das palavras, fomenta a autoconfiança espiritual, incentiva a busca por uma vida integralmente abençoada e reforça a identidade cristã – fundamentada na noção de filiação divina. Em contraponto, essa mesma linguagem pode acarretar certos desdobramentos problemáticos como o reducionismo da complexidade do sofrimento humano, a adoção de uma teologia seletiva ancorada em exegeses superficiais – textos retirados de seus contextos –, o risco de mercantilização da fé, o surgimento de frustrações espirituais – as expectativas geradas que não se concretizam –, e, ainda, a substituição da prática da oração por declarações de fé.

Viktor Emil Frankl, neuropsiquiatra austríaco, criador de um método terapêutico denominado *logoterapia*, em sua obra *A presença ignorada de Deus*, apresenta o conceito de inconsciente espiritual, segundo o qual o inconsciente não se compõe apenas de elementos de natureza psíquica, mas também, de elementos espirituais (Frankl, 2007, p. 19). Trata-se, portanto, da inclusão da dimensão espiritual no inconsciente humano. E é precisamente nesse ponto, na junção da alma (psique) e do espírito humano que a fé se manifesta e atua.

Os praticantes da Confissão Positiva coexistem no mundo secular, embora habitem uma realidade paralela construída pela fé. Essa dissociação entre o espaço social objetivo e a realidade vivenciada reflete uma dinâmica simbólica em que o poder performativo da linguagem atua na construção social da realidade. Assim,

independentemente dos eventos que se desenrolam na esfera social, esses indivíduos sustentam a convicção de que, mediante o poder da fé, podem não apenas transformar suas circunstâncias concretas, mas também tornar tangíveis realidades invisíveis aos sentidos humanos, configurando, assim, uma experiência imanente de transcendência e de reinterpretação da existência cotidiana. Independente das circunstâncias da vida, existe um Deus que resolve tudo.

Devido ao fato de os conflitos internos do ser humano pós-moderno estarem em constante ascensão, Henry Nouwen (2001, p. 20) relata que esse indivíduo “perdeu a fé natural nas possibilidades da tecnologia e está pesadamente ciente de que as mesmas forças que lhe permitem criar novos estilos de vida carregam em si o potencial para a autodestruição”. Nesse sentido, a linguagem simbólica da fé, presente no inconsciente humano, pode resultar em consequências positivas e/ou negativas para cada experiência espiritual individual. Note-se que, no contexto neopentecostal, a experiência pessoal é elemento central.

Não há como negar a importância simbólica dos textos bíblicos e sua linguagem. Em sua atemporalidade, eles possuem uma espécie de transcendência que os fazem superar limitações geográficas, históricas, sociológicas, culturais e políticas de sua produção, transpondo-os diretamente para sua realidade atual; conforme citou Guimarães (2008, p. 39). Passos, ao tratar do tema em sua obra *Pentecostalismo: origens e começo* assentou que a experiência religiosa pentecostal ocorre em uma dinâmica atemporal, na qual as narrativas bíblicas se tornam realidade tal como estão descritas nas Escrituras (2005, p. 32).

Em consonância com o que foi abordado, nosso próximo capítulo se concentra na análise de informações colhidas junto a membros da igreja Evangélica Verbo da Vida, no que tange ao sentimento que possuem em relação à Palavra da fé e às influências dessas em suas vidas pessoais e enquanto parte de uma coletividade. Não se trata, *in loco*, de ajuizar valores teológicos ao contexto neopentecostal; mas o objetivo é compreender os efeitos desse pertencimento religioso, buscando apreender, ainda, de que maneira a confissão positiva atua no cotidiano do indivíduo e quais os seus reflexos na sociedade, por meio de seus participantes (fiéis).

6 RESULTADOS DA PESQUISA

A primeira pergunta, cuja resposta será analisada, trata especificamente sobre o ingresso de cada um à Igreja Evangélica Verbo da Vida: Conte-nos como você chegou à denominação Igreja Evangélica Verbo da Vida? Eu nunca tinha ouvido falar das Escrituras

Entre os respondentes, destaca-se, para os propósitos desta análise, a seguinte resposta, transcrita a seguir:

Bem, eu fui a um salão de beleza, o salão de Maria e, chegando lá ela realizou os procedimentos no meu cabelo, mas sempre pregando a Palavra²⁸. E ela falou um pouco do testemunho de vida dela; sobre o que Deus fez na sua vida. Eu estava num momento muito triste no meu relacionamento familiar e Maria me fez um convite para ir à festividade da Igreja Verbo da Vida Vila Popular, a qual frequentava e eu aceitei. Eu fui para a igreja e me sentei no final, na última cadeira. Na hora da pregação, o pastor disse as seguintes palavras que tocou meu coração. Ele falou que “a minha vida não era para estar daquele jeito”. Então eu tomei essas palavras que foram ditas na pregação para mim e quando fizeram o convite para aceitar a Jesus, eu aceitei. Voltei, na verdade, porque eu estava afastada do evangelho de Jesus Cristo (HC, 28 anos, casada, cabelereira).

A segunda indagação, formulada após a etapa inicial de “quebra de gelo” na entrevista em grupo, abordou o seguinte tema: O que se entende sobre a doutrina da palavra da fé?

Boa pergunta. Boa pergunta. Eu já era evangélica quando cheguei na IEVV²⁹. Eu fui criada no evangelho. Minha mãe me levava para a Igreja, uma outra igreja. Eu frequentava; mas eu ainda não tinha a Revelação³⁰ da Palavra. E essa revelação é importante para a mudança da nossa vida. E até o momento de chegar aqui, na Igreja Evangélica Verbo da Vida, ao chegar no Verbo, a primeira coisa que me chamou a atenção foi a recepção e a ministração da palavra revelada. Eu nunca tinha ouvido falar das Escrituras sagradas daquela forma que ouvi, naquela noite, sobre a fé. Para mim, fé era acreditar, era uma coisa superficial que não era o falar crendo que já recebeu aquilo. Para mim, fé era uma esperança que poderia acontecer algo no futuro. Quando eu cheguei no Verbo da Vida, eu entendi que fé você tem agora, naquilo que você pede ao Senhor, naquilo que Deus promete para você, naquilo que você pede a Deus em oração; e que você já tem no momento que você pede, você já tem a posse daquilo

²⁸ Palavra, entenda-se, as escrituras sagradas; a Bíblia.

²⁹ Significado de IEVV, Igreja Evangélica Verbo da Vida.

³⁰ Revelação, dentro deste estudo, trata-se da interpretação das passagens bíblicas por Kenneth Hagin que foi trazida para o Brasil; através do apóstolo Bud; fundador do Ministério Verbo da Vida.

e isso mudou verdadeiramente a minha vida (**JS**, 49 anos, casada, dona de casa).

Observa-se, na fala da participante **JS**, um aspecto particularmente revelador quanto à sua compreensão acerca da fé. Ela aponta que nunca tinha ouvido falar das Escrituras, no que se relaciona a fé, com o enfoque da confissão positiva. Isto porque a linguagem original que ela conhecia, através dessa outra igreja, foi esvaziada do seu sentido histórico, onde o conceito ortodoxo de fé é absorvido por uma nova forma simbólica, na qual toda uma construção histórica de sentidos é reconfigurada. Dessa forma, a linguagem da fé passou a assumir uma significação – um mito – em que fé é algo para agora e não está submetida a providência divina. Distintamente da compreensão de Lutero, o qual sustentava que “A fé é uma confiança viva, **ousada na graça de Deus**, tão segura que o homem entregaria mil vezes a vida por ela” (Lutero, 1995, p. 34, grifo nosso).

No prosseguimento da sua resposta, a componente do grupo explica essa mudança na sua vida:

Mudou, por quê? porque a partir daí eu já comecei a ver as Escrituras Sagradas de uma outra forma, de ler e entender verdadeiramente o que o Espírito de Deus estava falando ali e aí começou a minha carreira de fé e declarações da palavra. Falar o que a palavra diz porque o que ela diz é o que Deus diz. Então, isso mudou e vem mudando gradativamente a minha vida. Eu posso dizer que hoje sou uma outra pessoa totalmente diferente daqui chegou na igreja Verbo da Vida, há dez anos. Então, a palavra da fé para mim é isso, é você ter agora o que Deus diz, é você ser agora o que Deus diz que você é, porque o que está na Palavra é o que Deus diz ao meu respeito. E se Deus diz é o que Deus diz. Então fé é crer que o que Deus diz sobre mim é a minha realidade (**JS**, 49 anos, casada, dona de casa).

A nova visão de fé relatada por JS infere uma nova linguagem – própria da Confissão Positiva – que, nesse meio sociorreligioso, representa uma nova realidade de vida. Ao descrever a transição de uma fé baseada na “esperança futura” para uma “fé agora”, a participante demonstra a operacionalização do mito barthesiano. A linguagem da fé, que antes possuía um “sentido” (a expectativa no porvir), é reconfigurada e “deformada” pelo “conceito” da Confissão Positiva, transformando-se em uma “forma” que expressa uma realidade presente. Conforme Barthes (2001, p. 143), o mito “aliena” o sentido original, e o depoimento de JS ilustra essa reinterpretação, na qual a fé não é apenas uma experiência subjetiva, mas um

fenômeno socialmente construído e transmitido, consolidando uma nova identidade. Na perspectiva da sociologia da religião, Peter Berger já havia interpretado a fé como um produto da construção social, ao declarar que “A fé religiosa não é apenas uma experiência subjetiva, mas uma construção social, mantida e transmitida dentro de uma estrutura simbólica compartilhada” (Berger, 2012, p. 43).

A partir da resposta anteriormente obtida, formulou-se uma terceira indagação, com o propósito de aprofundar a coleta de informações relevantes: Na Igreja Verbo da Vida você aprendeu que tudo já está estabelecido e que é somente começar a declarar, com a sua boca, com fé, que você vai alcançar? Seria esta, de fato, a compreensão adequada do que você está expressando?

Na verdade, é declarar como se eu já tivesse recebido. Porque se eu declarar pensando em receber no futuro não é fé, é uma esperança. Eu falo agora e creio agora que vai se manifestar. Porque antes não era assim na minha vida. Porque eu não exercitava a minha fé. A palavra de Deus fala que ele nos deu uma medida de fé. Em todos que entregaram sua vida ao evangelho de Jesus Cristo foi depositado, em cada um, através do Espírito Santo, uma medida de fé. Eu sempre tive essa medida de fé, mas ela não era exercitada e eu não cria dessa forma. E aí foi quando chegou a mudança da mentalidade, como está escrito lá em Romanos 12:2 “[...] não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”. Eu não tinha essa renovação da minha mente pela palavra, porque eu não tinha essa palavra revelada. E por que eu não tinha essa revelação? Primeiro, porque eu lia a bíblia e não entendia e a partir do momento que eu cheguei no Verbo da Vida e que alguém, com a revelação do que a Palavra de Deus diz, passou a explicar, a falar; eu comecei a renovar a minha mente e entender que antes eu estava fazendo da forma errada. E uma outra coisa que impede muito de você fluir nessa fé é a condenação de você achar que não tem direito, que você não é qualificado (porque errou, porque pecou, porque você fez coisas que desagradou a Deus, porque você não está naquele padrão de receber as coisas de Deus). Então, quando eu falo que a fé é você receber, agora, aquilo que a Bíblia diz; é porque hoje eu penso de outra forma. Que outra forma? A de que não existe mais condenação sobre a minha vida, a condenação do pecado; porque Deus já levou esse pecado, já levou essa condenação. Então hoje eu sou livre! Então, eu creio que eu posso chegar diante de Deus com a minha oração, pedir a ele de acordo com o que está na palavra e, aí, eu saio daquela oração crendo que eu já tenho e esperando somente o processo de se manifestar, na terra, o que foi pedido. Mas, no meu coração, eu sei que Deus já fez (**JS**, 49 anos, casada, dona de casa).

A quarta pergunta versou sobre a perspectiva acadêmica acerca da chamada Palavra da fé, conforme se apresenta a seguir: em uma visão acadêmica, nos trabalhos de pesquisa, a palavra da fé é entendida como confissão positiva. É como

se o fiel utilizasse o poder da mente através do que está assentado nas Escrituras e se alcançasse as petições. Então, vocês já fizeram uso pessoal do declarar da palavra da fé para alcançarem alguma bênção ou repreender algum mal, ou ainda, para ser curado?

O entrevistado **NG** tomou a palavra e respondeu:

Primeiramente, eu acredito que o termo confissão positiva não englobe totalmente o que a gente esteja falando; no sentido de que a palavra revelada é algo que estava encoberto e foi revelado. E isso referente a Palavra de Deus, a Bíblia. A Bíblia tem vários anos e só depois desses muitos anos alguém veio, olhou e viu ali uma revelação que não é só teórica, mas vem para nossa prática (**NG**, 26 anos, solteiro, planejador de navios).

O participante não aceita o termo Confissão Positiva para a doutrina que segue. Afirma que a Palavra Revelada – a linguagem da fé – era algo que estava encoberto; mas que foi desvelado. Na hermenêutica confessional, onde está inserida a confissão positiva, a intenção de confessar a palavra é algo que está petrificada nos corações e nas mentes dos membros. É uma das características do mito, o seu caráter imperativo surgido de um conceito histórico vindo diretamente de uma contingência (Barthes, 2001, p. 145). Ou seja, um acontecimento que tem como fundamento a incerteza de que pode acontecer ou não. Observemos a segunda parte da resposta do participante **NG** onde ele explana uma de suas experiências no declarar da palavra da fé.

Em 2022, eu estava com muito desejo de ir ao nosso encontro de jovens, em Campina Grande/PB, o Jovens Para as Nações (JPN), e eu não tinha os recursos financeiros necessários e, também, as inscrições já haviam sido finalizadas. Mas, como eu estava com muito desejo de ir, mesmo com todo esse cenário contrário, eu comecei a orar e a declarar que eu iria. Mesmo sem ver, eu passei a orar e fui declarando que eu estaria lá. Então eu entrei de férias no trabalho, ou seja, o dinheiro apareceu. Porém tinha uma outra questão, as inscrições já haviam sido encerradas. Mas mesmo assim, no meu coração, eu tinha a certeza da fé. Eu dizia para mim mesmo, eu orei e comecei a agradecer a Deus porque eu está lá. Porque eu já me via lá, pela fé. Aos olhos naturais, nada estava acontecendo. E foi passando o tempo e chegando perto da data do evento. Eu fui para a Igreja, para o nosso culto dos jovens, em um sábado, pouco antes do evento. Quando o culto terminou, eu fui para casa e chegando, em casa, o Espírito Santo me deu uma direção de entrar no youtube e assistir um culto online da Igreja Verbo da Vida de Campina Grande (SEDE) e, no final do culto, no momento dos avisos, o dirigente do culto avisou que a partir das 00:00hs eles iriam abrir as inscrições para o evento do JPN para aqueles que não conseguiram realizar sua inscrição, mas que os interessados fossem rápidos porque seriam

poucas vagas. Pronto! E foi aí que eu esperei, entrei e consegui fazer minha inscrição e fui para o evento. Foi uma bênção de Deus, um marco diferencial para minha vida cristã, pessoal e profissional. (NG, 26 anos, solteiro, planejador de navios).

Na sequência, um segundo participante decidiu compartilhar seu testemunho acerca da experiência vivenciada, conforme relato transcrito abaixo:

Como tenho visto, grandes coisas acontecerem na minha vida, de declaração de fé, da palavra e acontecer. Um exemplo: há uns anos, eu tinha vendido um apartamento em Piedade e queria comprar uma casa. E eu disse a Deus, em oração, como eu queria a casa. Disse Senhor, eu quero que seja na Vila Popular. Eu quero que seja perto da igreja, não quero pegar ônibus para ir para o trabalho. Quero que a escola dos meus meninos seja próxima também para não pegar transporte. Eu quero tudo, Senhor, no meu raio de alcance para que eu não precise estar me deslocando para outros lugares. Eu orei assim, comecei a procurar e não tinha casa nenhuma. Mas eu orei. Disse Senhor eu creio! Eu quero congregar no Verbo da Vida de Vila Popular, estou trabalhando ali perto e eu disse a Deus como eu queria. E, aparentemente, o que eu estava querendo estava impossível de acontecer, porque o valor que eu tinha para comprar essa casa, você não tem noção! Meu Deus! Como eu vou comprar uma casa, aqui, com esse valor? Eu só tenho menos da metade do valor. **Mas, eu recebi a Palavra no curso Rhema que Deus atende o desejo do nosso coração. Que se agente orar crendo; a gente recebe.** E aí, um belo dia, uma pessoa colocou uma placa de venda em uma casa próximo da igreja. Ele botou naquele dia e naquele dia, no mesmo dia, o meu marido passou à noite na frente da casa, viu a placa, pegou o número do telefone e levou para mim. Disse: tem uma casa ali assim, assim, assim, assim. Eu pensei é essa. Falei, agora Senhor só falta o dinheiro, só falta a pessoa aceitar a proposta. Eu liguei, mas sempre vem uma dúvida, porque a dúvida é uma coisa que fica pairando feito um passarinho na nossa cabeça querendo pousar. E aí, depende de você não aceitar e ficar com o que a palavra diz e com o que você falou. E eu fiz a proposta para pessoa. Eu disse, olha, eu gostei da sua casa, é quanto? Ele disse é x e botei a placa hoje para vender. Eu disse: o valor que eu tenho talvez você não vá aceitar a proposta porque eu só tenho metade do que você está propondo. A pessoa respondeu: venha para a gente conversar. Então eu fui no outro dia, à noite; olhei aquela casa e gostei. Fiz a proposta e o proprietário aceitou e ainda parcelou o restante. E hoje eu estou morando nela. Vai fazer três anos que eu estou morando nessa casa do jeito que eu pedi a Deus. Aí, foi uma atitude de fé, verdadeiramente, na palavra, de que se eu falar e manter aquela confissão, porque Deus, Ele, Ele vai fazer. Foi sempre assim? Não foi. Por quê? Porque eu não tinha conhecimento da autoridade que eu tinha em Cristo. Eu não tinha conhecimento da infalível palavra de Deus. Eu **lia a palavra como um livro histórico e a Bíblia não é um livro histórico, ela é um livro de níveis de profundidade** (JS, 49 anos, casada, dona de casa, grifo nosso).

Ressalvamos o que fora afirmado anteriormente; as Escrituras – o significado — cobrindo uma grande extensão de significantes, onde a fé ortodoxa passa a ter uma nova significação; a confissão positiva. Em continuidade a sua fala, a participante reitera o ponto de vista acima:

Quem fica só no livro histórico da Arca de Noé, Sansão e Dalila, Golias e Davi; somente na parte da história perde um sentido mais profundo e é para lá, para essa profundidade que o Espírito Santo está. E é lá aonde está o ouro, digamos assim, é lá aonde está, verdadeiramente, o que você precisa para poder alimentar essa fé que você tem e você vê as coisas acontecendo na sua vida. **Então, decepção das pessoas que declaram e não acontece, no meu entendimento, é uma falta de relacionamento com a palavra**, porque a palavra não é só um livro, ela é vida. É a vida de Deus, ali. O próprio Jesus disse “Minhas palavras são espírito e vida”³¹. A gente não trata a palavra como uma coisa natural, a gente tem que tratar a palavra como algo espiritual mesmo. Nós somos também seres espirituais. Nós somos espírito, temos uma alma e habitamos um corpo. E a palavra de Deus é Espírito. Se eu for me relacionar com a palavra com uma mentalidade carnal, só de natural, nada vai acontecer. Então, **eu vejo que a decepção dela vem daí, porque a pessoa quer tratar a palavra com algo natural e ela não é. Ela é espiritual**. E para ter o entendimento espiritual da palavra precisa também descer àquele nível aonde lá o Espírito Santo vai falar com você (JS, 49 anos, casada, dona de casa, grifo nosso).

As frases destacadas, na fala da participante, revelam-nos que existem membros que se decepcionam com a doutrina da palavra da fé; porém na visão da componente do grupo, o problema dessas pessoas que não alcançam a bênção é ocasionado pela “falta de relacionamento com a palavra”, onde as escrituras devem ser consideradas algo com força espiritual. A participante explica a necessidade da oração e leitura das Escrituras para elevar a sua espiritualidade a ponto de entender o poder que há na palavra e ter fé de que ela funciona.

A fé, no *modus operandi* da confissão positiva, é um fenômeno religioso construído ao longo dos anos. É uma realidade objetiva, um fato construído socialmente, cristalizado e difícil de ser mudado; conforme a concepção de Festinger. Ela é um elemento cognitivo relacionado ao ambiente externo, e, diante disso, o membro da igreja tende a procurar reduzir sua dissonância. A participante JS não

³¹ A entrevistada, nesse momento, fez alusão ao evangelho de João 6:63 “O Espírito dá vida; a carne não produz nada que se aproveite. As palavras que eu disse são espírito e vida”.

pode alterar esse elemento ambiental, então buscou as seguintes estratégias: a justificação e o deslocamento da responsabilidade.

Ao ouvir as palavras de **JS**, a entrevistada **HC** se vê impelida a narrar seu próprio testemunho:

A gente tem vários relatos, vários testemunhos aqui, na Igreja Verbo da Vida Vila Popular, sobre o poder da fé, o poder que há no Nome de Jesus. Nesses três anos que estou aqui, tenho colocado em prática, tenho declarado a Palavra. Então, na minha vida aconteceu e como aconteceu. Quando eu aceitei Jesus e ouvi que Ele tirava agente do império das trevas para o Reino do Seu Amor. E..... Quando eu aprendi a abrir minha mente, né, de que eu tinha Autoridade para fazer as coisas, né! Porque já foi dada a gente, eu comecei a declarar na minha vida as mudanças. Como eu disse, meu relacionamento com meu esposo estava difícil, estava muito turbulento. E eu vivia assim. Mas quando eu conheci o Ministério Verbo da Vida – a Palavra de Fé – minha vida começou a mudar. Eu comecei a declarar dentro da minha casa. E eu dizia a Deus que a palavra dele diz que a paz que excede todo o entendimento estava conosco, né! E eu começava a declarar isso sobre a minha vida e a vida da minha família. E declarava também provisão e as coisas começaram a se moverem né! E até hoje ainda se movem. Inclusive, faz uma semana que eu estava passando por uma dificuldade financeira familiar e quando foi ministrado na igreja que a gente tem que se posicionar para não deixar as coisas acontecendo na nossa vida; eu tomei aquilo para mim e botei em prática. E eu disse a Deus que não aceitava aquela situação que estava acontecendo na minha vida. Eu usei minha autoridade e declarei, né, as palavras da fé na minha casa e o que estava travada (preso) foi solto. (**HC**, 28 anos, casada, cabelereira).

Tem-se explicitamente, no relato de **HC**, outra característica da significação do mito: sua motivação. As analogias da linguagem das Escrituras para que ela se constitua na linguagem da fé, ou seja, na linguagem mítica. Neste sentido, é a própria história que fornece à forma e as suas analogias (Barthes, 2001, pp. 147-148). No contexto narrativo da participante, as histórias seriam os testemunhos de concretização do preceito da confissão positiva que gerou sua motivação em acreditar que o poder criativo da fé funciona.

A quinta pergunta da pesquisa foi formulada de maneira aberta, permitindo que quaisquer um dos quatro participantes se manifestasse. Assim, questionou-se de forma livre: O Kenneth Hagin escreveu em seu livro *Eu creio em visões* sobre a sua cura divina relativa a má formação no seu coração. Porém, a morte dele foi devido ao

problema da má formação que ele tinha no coração ao qual ele alegou que havia sido curado. Qual a opinião de vocês com relação a essa situação?

Eu li vários livros do Kenneth Hagin e li sobre o seu testemunho de cura e acredito que foi quando ele tinha uns 16 anos e que os médicos já teriam informado a família que o Kenneth não passaria parece-me que dos 20 anos de idade. Então, ele teve acesso as Escrituras Sagradas e quando ele encontrou esse versículo de Marcos 11:23, ele disse que começou a crê com o coração e a declarar que estava curado. Os médicos deram poucos anos de vida para ele, mas com quantos anos ele morreu? Morreu com 83 anos. Para quem não chegaria aos 20 anos, ele viveu mais 63 anos, uma vida completa (**NG**, 26 anos, solteiro, planejador de navios).

Eu entendo que a morte dele não alterou o resultado. Mesmo que ele tenha morrido, ele viveu até uma idade acima das expectativas dos médicos. O resultado foi ele levar essa palavra da fé para várias pessoas. E nós aqui somos resultado da vida dele (**MD**, 61 anos, casada, dona de casa).

Diante das respostas, evidencia-se um ponto de suma importância para a pesquisa: a manifestação da resistência à redução da dissonância cognitiva, conforme teorizado por Leon Festinger (1975, p. 39). O custo psicológico inerente à aceitação de uma falha em um sistema de crenças tão central – o que poderia implicar o abandono da fé – é extremamente elevado para os membros. Essa alta magnitude da dissonância impulsiona os indivíduos a ajustar suas crenças para restaurar a coerência interna. As estratégias observadas foram a reinterpretação da crença na cura de Hagin e a minimização da importância da causa de sua morte, transpondo o foco para uma obra maior realizada por Deus em sua vida – a adição de novos elementos cognitivos. O fato de Hagin ter vivido 63 anos além da expectativa médica inicial funciona como um poderoso mecanismo para atenuar a magnitude dessa dissonância, e o prolongamento da vida é percebido como uma validação da promessa divina, diminuindo a tensão entre a fé professada e a realidade empírica.

A sexta pergunta foi igualmente conduzida de modo aberto, sem restrição quanto à escolha do respondente, a seguir: Vocês não entendem ser incoerente a cura de Hagin? Se ele foi curado da má formação no coração, ele deveria ter falecido por outra doença, por outra causa, afinal, da questão concernente ao coração ele já estava curado? Seguiu-se um momento marcado pelo silêncio, acompanhando-se olhares e expressões faciais de reflexão profunda.

Subsequente aquele momento de quietude, dois dos participantes responderam de maneira evasiva, evidenciando insuficiência de conhecimento para fundamentar suas justificativas diante da indagação formulada.

Entenda! Nossa fé está baseada na bíblia. Se eu não creio na bíblia, eu não tenho fundamento. Vamos para um exemplo na bíblia, o exemplo de Lázaro. Nós não sabemos o motivo que levou Lázaro a falecer, só que ele estava doente. Inclusive as irmãs de Lázaro enviaram mensageiros até Jesus que tardou em chegar à casa dele. Mas Jesus vai até Lázaro e o ressuscita. Lázaro ressurgiu da morte. A gente não sabe o sintoma que levou Lázaro a morrer, mas a gente crê que ele ressuscitou através do Poder de Jesus Cristo. Mas, passaram-se os anos, Lázaro voltou a morrer? Sim. Mas nós não sabemos se foi pela mesma doença que ele teve. Enfim, é assim que nós cremos (**NG**, 26 anos, solteiro, planejador de navios).

Bem! A própria bíblia diz que nem tudo foi revelado a nós e tentar dar uma resposta de algo que Deus não revelou na sua palavra; aí tem coisa que chega no nosso limite como seres humanos, a gente não vai saber de tudo. Eu penso que a Cura dele, naquele momento de fé, em que ele usou a palavra (as escrituras sagradas) como um instrumento de cura para a vida dele onde ele foi verdadeiramente restaurado; a partir desse momento, ele passou a viver o propósito de Deus na vida dele. Mas eu entendo o seguinte: não importa tanto a forma como ele morreu porque a própria bíblia diz que a morte ainda não foi vencida. Ele morreu com essa doença, mas poderia ter sido qualquer outra. Mas o que importa, verdadeiramente, é que ele viveu o propósito de Deus e fez tudo aquilo que o Senhor estabeleceu para a vida dele. Então, a forma da partida não importa, pois, todo mundo vai morrer um dia e não tem como fugir disso. Mas, no meu entendimento; eu penso é que como ele se foi, não importa, importa como ele foi curado, né? Desenganado pelo médico e, através da palavra, ele recebeu a cura de Deus (**JS**, 49 anos, casada, dona de casa).

Os participantes que responderam à pergunta não tiveram argumentos para explicar a suposta cura de Hagin. Foram evasivos nas palavras e exaltaram a Bíblia como a verdadeira fonte da fé, pois a tensão interior gerou um elevado desconforto psicológico devido à inconsistência lógica entre a crença e a realidade empírica. Não houve espaço para defender que o problema estava na “falta de fé do Hagin” ou falta “de relacionamento com a palavra”, afinal, ele é o expoente base da doutrina da confissão positiva para o Ministério Verbo da Vida.

Como restaurar a coerência nesse conflito? Os dois respondentes utilizaram novamente a estratégia da adição de novos elementos cognitivos: a crença na Bíblia como a base da fé, o exemplo da morte e ressurreição de Lázaro e a afirmação bíblica

de que nem tudo nos foi revelado por Deus³². Eles minimizam a relevância da contradição entre “cura” e “morte por problema cardíaco”, deslocando o foco para a longevidade de vida, a realização do propósito divino e o caráter inevitável da morte.

Nessa conjuntura, entende-se que os fiéis cumprem um ritualismo de fé. A teoria de confessar a palavra para obter a cura, por exemplo, mesmo exercida com fé, vai depender da Vontade Soberana de Deus em realizar ou não. Entretanto, eles continuam crendo no poder da declaração da palavra; pois entendem que precisam confiar em Deus e confessar a provisão de Cristo em cada necessidade e problema da vida, independentemente do resultado.

Uma outra pergunta foi formulada de maneira aberta, dirigida aos membros do grupo que julgasse possuir condições adequadas para respondê-la. Você conhece algum membro participante da Igreja Verbo da Vida que tenha relatado para vocês que, em alguma situação da vida, fez uso da palavra da fé e não aconteceu?

Deixa eu entender. Alguém que é do Ministério Verbo da Vida, que é daqui da igreja, que testemunhou que fez uso da palavra da fé e não aconteceu? Então, ela não fez uso da palavra da fé. Porque a palavra da fé, verdadeiramente, a palavra revelada, ela funciona. Ela **talvez tenha tido algum tipo de dúvida. Ela falou só por falar**, mas ela verdadeiramente não creu, porque quando você crê, com o coração, e confessa com a boca e age a altura do que você confessou, acontece. Então, algo não está alinhado? Eu conheço pessoas que já falaram para mim “irmã, eu já declarei tanto sobre a minha cura, já declarei tanto sobre tal coisa que eu estou querendo, mas não aconteceu ainda”. Mas, muitas vezes, as coisas que não aconteceram ainda é porque ainda não é o propósito de Deus para a vida daquela pessoa. Tem muitas situações, tem o exemplo da pessoa está com incredulidade, não está crendo devido algumas circunstâncias. **Existe também a vontade perfeita de Deus para a vida daquela pessoa**, porque talvez ela esteja pedindo algo que não seja o momento de ela receber aquilo ainda. Ela não está recebendo porque é o cuidado de Deus para a vida dela. Então cada caso é um caso, precisa ser analisado em particular, mas essa pessoa que um dia falou para mim: isso que não aconteceu. Mas, por eu conhecer um pouco da pessoa, eu percebi que existia ali um pouco de incredulidade e superficialidade na palavra, porque a fé vem pelo ouvir e vem pelo ouvir a palavra de Deus. Sendo que se você somente crê como uma esperança, como eu falei antes, não vai acontecer, porque a fé e a palavra elas andam juntas. A fé e a palavra andam juntas. E para acontecer é, como eu falei, tem que crer com o coração, né? Confessar com a boca e entender que aquilo que você está declarando e falando é a verdade. Se essas coisas não estiverem alinhadas, não vai acontecer. Mas, não

³² “As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus, mas as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que observemos todas as palavras da lei” (Dt 29.29 - BÍBLIA).

vai acontecer não é porque a palavra de Deus está errada. Alguma coisa não está em linha com a palavra de Deus na vida da pessoa, porque a palavra de Deus, é a palavra de Deus. Ela funciona (**JS**, 49 anos, casada, dona de casa, grifo nosso).

Podemos verificar uma gama de repetições sobre a declaração da palavra acompanhadas das tentativas de justificar a eficácia da confissão positiva, bem como de instruções relativas à correta realização desse ato, conforme detalhado ao longo desta tese. Interessante notar que Stuart Hall (1932-2014) ao falar sobre a identidade cultural na pós-modernidade esclarece uma estratégia discursiva definida por Hobsbawn & Ranger de invenção da tradição como “um conjunto de práticas, ... de natureza ritual ou simbólica que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado” (Hall, 2015, p. 32). Não podemos ignorar que todo rito é uma espécie de linguagem. E que ele traduz para o indivíduo praticante uma ideia (Mauss, 2003, p. 97).

No contexto da ausência realização da graça, foi livremente apresentada a seguinte pergunta: Vocês chegaram a ter conhecimento de algum membro da Igreja Evangélica Verbo da Vida que tenha se mostrado triste, desanimado ou decepcionado com a Palavra da Fé por ter declarado e não ter acontecido? Instalou-se um outro momento de profundo silêncio entre os entrevistados, marcado por expressões faciais pensativas e semblantes carregados de dúvidas – entre olhares; receios de respostas, sugerindo a possível consciência de algum conhecimento velado. Por fim, uma das participantes decidiu pronunciar-se:

Deixa ver se eu entendi. A igreja é um local aberto onde várias pessoas vêm e, também, essas pessoas têm vários níveis diferentes de entendimento da palavra de Deus. Tem aquelas que correram mais a carreira da fé e outras estão começando. Então, aqui, a nossa igreja está sempre ministrando a palavra para trazer a luz e o entendimento para essas pessoas, entendeu? A questão de pessoas tristes! Elas vêm triste por vários motivos, né? Eu não posso dizer que é porque ele está declarando algo e não está acontecendo e aquilo está trazendo um tipo de decepção. Se for isso, eu não estou me lembrando se essa situação já aconteceu, mas normalmente, as pessoas procuram os irmãos que estão na posição de liderança para conversar ou pedir ajuda em oração e, na verdade, quem revela tudo é o Espírito Santo que está dentro de nós. Eu creio assim, o Espírito Santo é quem dá as instruções para cada pessoa; porém, ela precisa desejar. Eu posso lhe dizer que eu estou num nível de fé um pouco maior do que quando cheguei aqui, porque eu desejei isso, eu desejei me

aprofundar e, muitas vezes, as coisas não estão acontecendo na vida das pessoas porque não se aprofundam. Pensa que a Igreja, a Palavra e Deus é um tipo de troca. É só você receber, você pedir e receber e receber e receber. Na verdade, você tem que se doar também. E o doar é exatamente você querer se aprofundar, porque o Espírito Santo está em nós para nos ensinar todas as coisas. **A decepção pode vir? Pode. Por quê? Porque tudo está na pessoa.** Deus já deixou tudo feito por nós. A palavra está aí para nos ensinar tudo. Então, se eu não quiser, se eu não desejar, eu não vou ter. Decepção vai acontecer e tristeza vai acontecer porque a pessoa não está no centro³³ da vontade de Deus e está dentro do centro da vontade de Deus é o querer nosso, porque Deus não nos força a nada. Então, a questão da decepção, como você falou, eu acredito que existem pessoas que ficam decepcionadas com muitas coisas, não só por questão de declarar e não acontecer, e, muitas vezes, até saem da igreja por outras questões. Mas isso é uma individualidade de cada um, é a sua busca (**JS**, 49 anos, casada, dona de casa).

A não concretização das bênçãos, para alguns fiéis, é justificada pela respondente **JS** como resultado da insuficiência de fé ou da carência de um relacionamento pessoal com Deus. Em sua compreensão, torna-se imprescindível discernir previamente a vontade divina para a própria vida; de modo que a declaração da palavra da fé seja realizada de forma adequada. Observa-se então uma inconsistência na fala de JS, através das seguintes sentenças:

1. [...] Eu recebi a Palavra no curso Rhema que **Deus atende o desejo do nosso coração**. Que se agente orar crendo; a gente recebe;
2. [...] Então, decepção das pessoas que declaram e não acontece, no meu entendimento, é uma falta de relacionamento com a palavra;
3. [...] Eu vejo que a decepção dela vem daí, porque a pessoa quer tratar a palavra com algo natural e ela não é. Ela é espiritual;
4. [...] Ela talvez tenha tido algum tipo de dúvida. Ela falou só por falar, mas ela verdadeiramente não creu

³³ Centro da vontade de Deus – em linha com a palavra. Vivendo as Escrituras Sagradas da forma correta.

5. [...] Existe também **a vontade perfeita de Deus para a vida daquela pessoa**, porque talvez ela esteja pedindo algo que não seja o momento de ela receber aquilo ainda.

Ao compararmos as sentenças (1) e (5) corroboramos nitidamente a inconsistência no discurso. Deus não atende o desejo do coração do cristão firmado nas Escrituras, Ele realiza a Sua Vontade na vida dele. Jeremias 29.11 afirma “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais (BÍBLIA, 2007, p. 734). “O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos” (Pv 16.9, BÍBLIA, 2007, p. 620). Diante dessa situação, pode-se apreender que confessar com fé o que se deseja e crer com o coração não é uma garantia para receber a bênção. Ao contrário, é simplesmente uma possibilidade.

Ocorre que a quantidade de membros no Ministério, principalmente ministros e líderes de ministério, afirmando que recebe ao declarar é tão grande que aqueles que não alcançam a dádiva ficam presos na fé de que vai chegar o seu momento e continuam declarando. Alguns pedidos são alcançados, outros não; mas a crença que sustenta toda a instituição é tão forte (Deus, fé e confissão) que mantém os membros participando das igrejas. Eles declaram a fé criadora, mas, ao final, aceitam a vontade soberana de Deus e não compreendem esse conflito de ideias.

Ao participar de um evento, em 2024, promovido pela Igreja Verbo da Vida Vila Popular, denominado Culto de Mulheres com o tema “Mulheres Guerreiras”; a ministra da Palavra citou uma frase intrigante. Declarou ela: “Deus não faz acepção de pessoas (Rm 2.11), mas Deus faz acepção de fé” com a intenção de aludir as fiéis ao seguinte fato “Se você está declarando e não está acontecendo, a sua fé está sendo insuficiente”. Novamente, repousa sobre o fiel a responsabilidade da não concretização da bênção.

Ainda, dentro dessa discussão, precisamos evidenciar o discurso de Pedro em casa de Cornélio (At 10.34) cujo enfoque teológico trata da imparcialidade de Deus. Ele não tem favoritos e a Sua graça alcança livremente judeus e gentios (Davidson, 1997, p. 1899). Em Romanos 2.11, o tema é idêntico “A imparcialidade de Deus” no que se refere ao Seu juízo. O propósito de Paulo é eliminar qualquer distinção entre

judeus e gentios em conta do julgamento final de Deus (Carson, 2009, p. 1366). Não encontramos comentaristas bíblicos que corroborem a inferência de aceitação de fé. Têm-se, aqui, mais um exemplo de linguagem mítica.

O que entendemos da explanação acima, é que para os fiéis, os ministros/pastores (representantes religiosos), conforme já vimos, são representantes de Deus na terra e seus ensinamentos são incontestáveis. Dessa maneira, o fiel aceita sua parcela de responsabilidade quanto ao não alcance da dádiva.

Nesse contexto, uma de nossas integrantes do grupo, sentiu-se movida a compartilhar sua experiência de vida; com o propósito de evidenciar que, em Deus, não há espaço para decepções. Em suas palavras marcantes – as quais não se pode omitir ou resumir – a entrevistada nos conta:

Eu vou falar de mim, o que aconteceu comigo; porque você falou em decepção. Eu tinha um filho que ele – e eu posso dizer isso porque eu sou a mãe – traficava drogas. E eu orei muito para que esse menino se convertesse, aceitasse Jesus Cristo. Eu tinha fé, eu queria, eu desejava. E, às vezes, trazia ele para o culto e ele ficava cochilando lá atrás. E nada da conversão dele. O Pastor Rosilon orava, eu orava, a igreja orava e nada conseguia alcançá-lo. O que aconteceu? Esse menino levou 5 tiros. E quando uma pessoa chegou lá em casa e disse assim; tia derrubaram Gabriel agora mesmo. A minha palavra foi: Senhor, tu És o meu Deus, aconteça o que acontecer é em você que eu confio. Eu creio nas tuas promessas. Tinha um povo do governo do Estado na minha casa porque eu trabalhava com customização, essas coisinhas de bordado; então, me levaram lá para o centro e meu filho estava lá arquejando. E eles colocaram meu filho em uma ambulância e a gente já foi para a restauração. Quando chegamos lá, tinha uma sala pronta, operaram meu filho e o médico disse: Vá. Acompanhe seu filho, vá vê-lo. E eu fui. E lá estava ele, entubado. Não foi bala na cabeça dele, foi no corpo. E eu disse: Gabriel, meu filho! Ele fez um movimento me olhando, aí eu disse, olha, escuto só. Arrependa-se de tudo que você fez de ruim. Confesse Jesus como seu Senhor e Salvador e ele vai salvar você. Seu filho eu vou criar como meu. Agora veja! Uma mãe para chegar para seu filho e dizer isso é preciso ter fé. É preciso crer naquele que enviou seu próprio filho ao mundo em favor do meu filho. Meu filho derramou umas lágrimas assimmm... e ficou aceitanndo e dali ele dormiu; porque acho que colocaram algum remédio nele e eu saí. Com 09 (nove) dias, meu filho faleceu. Aí você me pergunta: MD, e aí? Eu creio que ele foi alcançado pela palavra porque expliquei a ele e vivia conversando em casa, a gente trocava ideias e tudo. Eu não me decepcionei com meu Senhor! Eu não deixei de perseverar, não deixei de buscar firmeza em Deus. Na minha força, eu busquei a palavra porque é ela que tem me firmado, é que tem me estabelecido, é que tem me dado forças e que me consolou. O Santo Espírito me consolou. Em 9 dias meu filho faleceu e eu o enterrei; mas eu estava calma, tranquila, porque eu tinha convicção, como tenho até

hoje, de que meu filho alcançou misericórdia (**MD**, 61 anos, casada, dona de casa).

Após um momento de silêncio para reflexão de um relato tão emocionante de fé em Deus; perguntou-se aos participantes: Pode acontecer de se declarar a palavra da fé – em um nível de fé até maior do que já se tinha – e não acontecer aquilo que você queria, mas o que Deus já estabeleceu. Ou seja, a Vontade Soberana de Deus³⁴? Uma das componentes respondeu da seguinte maneira:

Tem um ponto aí. Porque essa colocação dá entender que, muitas vezes, tudo o que acontece é a soberana vontade de Deus; mas existe a vontade da pessoa também. No caso do que aconteceu com o filho da nossa irmã, não era a vontade perfeita de Deus, não era aquele fim para ele. **A vontade de Deus era uma vontade boa, perfeita e agradável.** A vontade da mãe, como mãe, também era a melhor. Era a de ele está na presença de Deus. Mas existiu aí no meio, **o livre arbítrio**, da parte dele. A escolha dele, entendeu? Então ele enveredou por um caminho que foi o caminho da escolha dele. O que aconteceu foi uma colheita de algo que ele plantou. Está entendendo? Então existe a questão do você declarar, você está alinhado com a palavra de Deus e você está esperando em Deus, no Espírito Santo. A vontade de Deus é a direção de Deus para sua vida. Porque, um exemplo meu, tem coisas que eu estou esperando a direção de Deus. Eu tenho orado, mas eu estou esperando uma posição de Deus em relação a isso; se é para eu fazer ou se é para eu não fazer, porque nem sempre tudo o que você quer é a vontade perfeita de Deus. Então, para isso é que temos o Espírito Santo que vai equilibrar isso aí, porque ele sabe, lá na frente, o que vai acontecer. Cada caso é um caso. Aí, a minha colocação é: a declaração da palavra, em linha com a vontade de Deus, sempre vai acontecer. Sempre vai acontecer a soberana vontade de Deus em linha com o meu querer e a direção do Espírito Santo. Sempre vai dar os frutos, sempre vai ter um final feliz. Agora, se eu escolher ir por outro caminho que Deus já sinalizou que não é para seguir, não vai ser a Soberana Vontade de Deus; porque Ele já sinalizou o contrário, aí vai ser a minha vontade, a minha escolha (**JS**, 49 anos, casada, dona de casa, grifo nosso).

A respondente faz referência a um tema da teologia sistemática geralmente abordado no tópico da Antropologia Teológica, o livre arbítrio. **JS** faz menção a escolha do indivíduo com relação ao curso natural da sua vida, afirmando que Deus não interfere nas escolhas dos seres humanos. Quanto ao tema em questão, o Doutor em Teologia, Heber Campos, afirma que segundo a tradição reformada, o livre-arbítrio

³⁴ Do ponto de vista teológico, entende-se por soberania de Deus a autoridade e o poder supremo que Deus exerce sobre toda a criação. Esse atributo significa que Deus possui o direito inquestionável e o domínio absoluto sobre todas as coisas. Para um aprofundamento acerca do assunto, indicamos o autor Heber Carlos de Campos e a sua obra *O Ser de Deus: Sua Existência e Seus Atributos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

deve ser compreendido como: “a capacidade de o ser humano deliberar, decidir e escolher aquilo que deseja, mas sempre condicionado pela sua própria natureza moral e espiritual” (Campos, 2017, p. 456). Para ele, o homem possui uma liberdade natural que o possibilita a realizar escolhas cotidianas; como por exemplo, escolher uma profissão. Porém, no âmbito espiritual, encontra-se escravizado ao pecado e, portanto, incapaz de escolher a Deus ou o bem supremo sem a ação regeneradora da graça divina (Campos, 2017, p. 458).

O participante **NH** igualmente contribui com uma questão que lhe causou incômodo durante a entrevista, expondo seu pensamento conforme transcrição a seguir:

Eu estou percebendo que está se falando muito a questão da Palavra como confissão positiva. Só um adendo, para a gente não se entender nessa questão da confissão positiva, essa palavra falada. Agente tem que saber que há também o aspecto da questão da Cura. Vamos dizer assim, a gente tem um versículo que diz em Isaías 53.4³⁵ – verdadeiramente ele carregou sobre si as nossas dores e levou sobre si as nossas enfermidades. Então, no aspecto de cura, **a gente não pede a Deus, por exemplo, se eu estiver orando por Marcela, para que ele a cure. Eu oro declarando a cura já na vida de Marcela;** porque Jesus, verdadeiramente, já carregou sobre si as nossas enfermidades. Essa é a palavra, essa é a confissão que a gente tem, essa é a confissão positiva. Isso não quer dizer que qualquer coisa que eu diga, por exemplo, eu quero voar aqui, agora; eu estou declarando que vou voar aqui agora, estou confessando que eu vou voar e eu não voei. E agora, Deus! Não é isso. Até porque Jesus, muito bem disse: se as minhas palavras estiverem em vós e eu estiver em vós e vocês estiverem em mim, tudo o que vocês pedirem vai acontecer. Não é de qualquer maneira que eu declaro, há um fundamento para isso. (**NH**, 26 anos, solteiro, planejador de navios, grifo nosso).

A resposta do participante **NH**, reforça a abordagem que realizamos no capítulo 4, deste trabalho, onde afirmamos que a linguagem da fé ativa, alicerçada nas promessas bíblicas, promove a valorização do poder das palavras e fomenta a autoconfiança espiritual dos fiéis. Percebemos também que ele entende a confissão positiva como o poder da mente, num aspecto vago, que se pode conseguir qualquer coisa. Para **NH**, o declarar a palavra da fé é algo completamente diferente da confissão positiva.

³⁵ Isaías 53:4 “E, no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava” (BÍBLIA DE JERUSALÉM).

Uma segunda observação sobre a questão da cura posta pelo participante está na questão da expiação de Cristo. **NH** tem a visão de que o sacrifício vicário de Cristo foi um ato que promoveu tanto a justificação do pecador quanto a cura das doenças. Essa concepção foi defendida por Kenyon (McConnell, 1988, p. 191, tradução nossa) e propagada por Hagin. Entretanto, a teologia reformada discorda dessa ressignificação da expiação. Grudem afirma que a morte de Cristo foi um sacrifício vicário, substitutivo, em que ele sofreu pelos nossos pecados e cumpriu a justiça divina (1999, p. 579). A essência da expiação é substitutiva e não curativa.

Por fim, sem espaço de tempo para mais perguntas, o nosso encontro foi formalmente encerrado; deixando como impressão final a percepção de que, tanto na cosmovisão institucional do Ministério Verbo da Vida quanto na compreensão compartilhada por seus membros, há uma clara convergência de valores, crenças e práticas relacionadas ao tema em questão. Tal convergência se evidenciou ao longo das falas, nas quais a Confissão Positiva foi reiteradamente apresentada como elemento central da experiência de fé.

Essa teologia de que a Bíblia é a verdade, e ela deve ser tirada do papel para a prática no dia a dia, torna-se um estilo de vida sociorreligioso, pois ele é vivido, por seus fiéis, em todas as esferas do seu cotidiano, independentemente do local que frequentam. Também revelou a profundidade com que os participantes se identificam com os pressupostos teológicos e práticos de sua tradição religiosa, consolidando, assim, a relevância dos dados obtidos para esta pesquisa.

7 CONCLUSÃO

A evidência da Confissão Positiva nas Igrejas Evangélicas Verbo da Vida, a operacionalização dos discursos de seus agentes religiosos e a influência/impacto causado na vida dos fiéis traçou o objeto de investigação desta tese, que teve como objetivo geral investigar sua atuação na consolidação da fé, nestas igrejas, e, ainda, examinar se a linguagem religiosa utilizada pode ser entendida como uma linguagem mítica.

A confissão positiva, enquanto movimento religioso-teológico, transcende a simples esfera da prática devocional, pode, sim, ser compreendida como uma forma de linguagem mítica, dotada de coerência interna e estruturas de plausibilidade. Ao longo do percurso investigativo, evidenciou-se que essa tradição não pode ser reduzida a uma leitura meramente sociológica ou psicológica, uma vez que sua dinâmica discursiva possui raízes profundas em matrizes metafísicas oriundas do Novo Pensamento, reinterpretadas por pastores como Essek William Kenyon e Kenneth Erwin Hagin. Nesse sentido, a análise fenomenológica e hermenêutica empreendida confirmou a hipótese inicial de que a Confissão Positiva se constitui como um mito religioso no sentido barthesiano, isto é, uma linguagem que dá forma à experiência do sagrado e opera simbolicamente na vida dos fiéis.

Ao demonstrar a influência do Novo Pensamento – especialmente por meio de Phineas Quimby – e a sua reinterpretação por Essek Kenyon, cuja trajetória entre espiritualismo metafísico e tradição cristã constituiu a base do preceito estudado; atestou-se que Kenneth Hagin expandiu significativamente esse arcabouço, vinculando-o às Escrituras e sistematizando a confissão positiva como uma prática normativa da fé; que foi devidamente alcançada, conforme pretendíamos no primeiro objetivo específico.

O segundo objetivo específico foi alcançado ao se percorrer fenomenologicamente como a Confissão Positiva chegou ao Brasil por intermédio da fundação da primeira Igreja Evangélica Verbo da Vida, no sudeste do País, tendo como pilares: a Bíblia e a Fé do coração; ou seja, a fé do tipo de Deus que possui um poder criador. Os dados empíricos, especialmente da observação participante em

cultos e no Seminário de Cura, confirmaram como esses elementos são vivenciados e transmitidos na prática religiosa comunitária.

Ao se analisar os impactos sociais na vida dos fiéis, como resultado do último objetivo específico, atestou-se que a Confissão Positiva opera como uma estratégia simbólica de construção identitária e de fortalecimento da fé. Um exemplo marcante dessa construção são as produções artísticas – louvores criados por fiéis do próprio Ministério – com raízes de declarações de vitória atualizando em formas culturais a fé do grupo; conforme segue:

Somos um povo escolhido por Deus chamados para excelência, eu tenho tudo da vida de Deus; pois hoje eu sei quem sou (2x). Eu sou quem Deus diz que eu sou, n'Ele seu estou, nada me faltou, pois eu sei quem sou (2x). Eu ando em milagres, eu ando em poder! Tenho o favor do céu, hoje eu sei quem sou (2x). Ohh, oh, oh, oh ... oh, oh, oh; hoje eu sei quem sou (2x). Eu sou santo, eu sou justiça de Deus. Eu sou rico, eu sou a imagem do Pai. Eu ando em milagres, eu ando em poder! Tenho o favor do céu, hoje eu sei quem sou (2x). (IGREJA EVANGÉLICA VERBO DA VIDA. *Eu sou quem Deus diz que eu sou* [Letra da música])

O exemplo demonstra que o processo contínuo e dinâmico pelo qual um grupo constrói e dá sentido à sua própria identidade tem sua formação através da interação de fatores pessoais (experiências de vida, memórias, valores, crenças e escolhas) e sociorreligiosos como cultura, família, comunidade, religião sem si, em uma estrutura relacional.

Uma constatação relevante deste trabalho foi a confirmação da hipótese inicial de que a Confissão Positiva opera como uma linguagem mítica. Segundo Barthes, o mito não é apenas uma narrativa, mas uma forma de significação; neste caso, a palavra da fé se converte em dispositivo que atualiza a presença do sagrado no cotidiano. Do ponto de vista fenomenológico, a análise mostrou que a confissão verbalizada não é simples expressão de fé, mas um ato criador que, para os fiéis, traz à existência aquilo que se declara. Trata-se, portanto, de um mito vivo (Eliade, 1992, p. 3), capaz de organizar a experiência religiosa em torno da “esperança” de cura, prosperidade e salvação.

Ao longo do desenvolvimento deste estudo, delinearam-se questões objetivas que serviram de alicerce para a investigação. As principais constatações, por sua vez, serão abordadas a seguir.

O preceito da confissão positiva se manifesta nas Igrejas Evangélicas Verbo da Vida, através dos tradicionais ritualismos da religião cristã evangélica, dos símbolos e da linguagem específica do movimento da fé transmitida pelos seus representantes, às vezes, declaradas como ato profético. Os fiéis e frequentadores dessa denominação religiosa realmente creem no Poder Criativo da Fé, exercendo “A coragem de entrar no mistério e não a certeza de compreender tudo (Alves, 1998, p. 45) em “Uma relação de confiança e compromisso com o mistério que o transcende” (Susin, 2003, p. 82); como um ato de fé semelhantemente ao do apóstolo Pedro (Mt 14.28-31, 2007, p. 932).

No que concerne a não realização das bênçãos esperadas, de acordo com os relatos de respondentes da pesquisa, possivelmente está atrelada à falta de fé, a insuficiência da fé, a impedimentos espirituais e, em última instância, a Soberania de Deus e esta é a menos reconhecida. Entretanto, percebe-se que os testemunhos de vida de outros fiéis que fazem parte dessa comunidade, asseverando que receberam da parte de Deus: cura, libertação, provisão, resolução de problemas não solucionáveis etc.; fazem com que aqueles que não receberam a sua bênção, perseverem, mediante o aumento da sua fé em Cristo através das Escrituras. Nesse contexto, percebe-se que o discurso “mítico” da Confissão Positiva gerou uma certa cola de convicção, uma estrutura plausível para a vida e a realidade que preserva a sua coesão.

Verificou-se também que nas respostas relativas a narrativa de cura de Kenneth Hagin, reinterpretadas pelos membros entrevistados, ilustra de modo exemplar os mecanismos descritos por Leon Festinger. A cura declarada em conflito com a causa da morte gera uma dissonância inevitável cuja magnitude é elevada, dado o caráter fundacional da crença. Sua redução ocorre, muitas vezes, por meio da adição de novas interpretações demonstrando que a resistência à redução da dissonância é visível na proteção da crença central. Também evidenciamos uma evitação da dissonância exercida pela ênfase seletiva em elementos que reforçam a fé. Tudo isso ilustra a prática de como a dissonância cognitiva é gerida em contextos religiosos, confirmando a aplicabilidade da teoria de Festinger ao campo da experiência de fé.

No que concerne ao suporte oferecido pela instituição religiosa em foco àqueles que não alcançam a bênção esperada, as respostas da participante JS, embora ressaltem a busca por aconselhamento e fortalecimento da fé junto aos líderes, indicam uma lacuna crucial. Não foi explicitamente mencionado ou disponibilizado apoio psicológico especializado, o que sugere uma possível falha das instituições do Ministério Verbo da Vida na promoção de um cuidado integral. A pesquisa apontou, neste sentido, para os riscos de marginalização das experiências de 'fracasso', onde a não concretização das promessas pode gerar frustração, culpa e, em casos mais graves, sofrimento psíquico.

Torna-se imperativo, portanto, que as instituições religiosas considerem a integração de um suporte que transcenda a dimensão estritamente espiritual, incluindo a conscientização sobre saúde mental e, quando necessário, a facilitação do acesso a profissionais de psicologia. Essa abordagem integrada, que pode envolver a formação pastoral em aconselhamento psicológico, é essencial para garantir o bem-estar biopsicossocial e espiritual dos fiéis, reconhecendo a complexidade das necessidades humanas e a importância de um acolhimento abrangente.

Nesses casos, identificou-se a necessidade de suporte pastoral e comunitário; porém, não foi citado o apoio psicológico especializado. A esse respeito, a pesquisa apontou uma possível falha, das instituições que compõem o Ministério Verbo da Vida, em relação aos riscos de marginalização de experiências fracassadas.

Se ocorre casos de não realização das bênçãos, por que estes fiéis permanecem? É nitidamente perceptível que permanecem, pelos seguintes motivos: primeiro porque visualizaram algum tipo de mudança na sua vida ou de seus familiares, como por exemplo, um marido que abandonou o álcool ou um filho que deixou a dependência química; segundo porque estão firmes na fé de que a sua “hora” vai chegar e irá alcançar a sua bênção.

Existe a possibilidade de um terceiro motivo? Sim. No caso dessa observadora participante e membro, as Igrejas Evangélicas Verbo da Vida são realmente acolhedoras e você se sente parte de uma família cristã. Embora se encontre falhas no processo do suporte psicológico, não presenciamos, em nenhum momento, as

igrejas citadas condenando algum membro que procure auxílio de um profissional especializado da psicologia para tratamento; entretanto, a ênfase é mantida em declarar, com fé, a cura sobre a sua vida. No movimento da fé, todos os tipos de doenças e enfermidades podem ser curados pela fé em ação, através da confissão positiva; inclusive, as doenças da alma.

Em decorrência destes resultados, pode-se inferir, do ponto de vista teológico, que a pesquisa contribuiu ao evidenciar a tensão entre a tradição bíblica e a reinterpretação operada pelo movimento da fé. A hermenêutica literalista e utilitarista reforça a eficácia da palavra falada, mas também se distancia da exegese histórico-crítica. Assim, a tese oferece instrumentos para uma análise crítica da Confissão Positiva, sem reduzir sua legitimidade religiosa, mas reconhecendo seus efeitos sociais, espirituais e possivelmente psicológicos.

No campo das Ciências da Religião, a contribuição principal consiste em propor uma leitura interdisciplinar que une **fenomenologia, sociologia e teologia**, mostrando como a Confissão Positiva atua como mito estruturante de identidades coletivas. A pesquisa também reforça a necessidade de considerar o fiel em sua integralidade – corpo, alma, espírito e relações sociais –, aspecto que aproxima o fenômeno religioso das discussões contemporâneas sobre saúde integral e bem-estar.

Não obstante, a literatura acadêmica contemple estudos sobre a relação entre práticas religiosas, símbolos e narrativas míticas, a aplicação específica do conceito de mito, sob a perspectiva teórica de Roland Barthes, à Confissão Positiva, especialmente considerando sua função como um sistema de signos e símbolos, ainda não é uma abordagem consolidada. Ao integrar a semiologia, a mitologia e as práticas religiosas, este estudo proporciona uma abordagem singular para analisar como sistemas simbólicos atuam na edificação de sentidos e identidades coletivas.

À semelhança de qualquer investigação, a presente pesquisa apresenta limitações inerentes ao seu escopo e metodologia. Entre elas, reconhece-se que o recorte específico nas Igrejas Evangélicas Verbo da Vida em Olinda-PE, embora se tenha realizado um estudo de caso na Igreja Evangélica Verbo da Vida em Recife-PE, não permite generalizar os achados para todo o universo neopentecostal. Além disso,

a abordagem qualitativa, ainda que profunda, não contempla análises quantitativas que poderiam ampliar a compreensão do impacto social da Confissão Positiva em termos estatísticos.

Considerando as limitações expostas, como perspectivas futuras sugere-se: (1) ampliar a investigação para outras denominações neopentecostais que adotam a Confissão Positiva; (2) desenvolver estudos comparativos entre comunidades que aplicam e que rejeitam esse preceito; e (3) aprofundar a análise psicológica dos efeitos da não realização das bênçãos confessadas, sobretudo em termos de saúde mental, ampliando a contribuição para a prática pastoral.

Nesta tese, minha posição como pesquisadora e cristã protestante é que o cuidado integral com os fiéis deve ser o maior ato de fé e amor que um pastor pode ter. A Poimênica trata-se de uma dimensão pastoral voltada para o cuidado integral das pessoas. Este ministério de cuidado tem como objetivo não somente orientar, reconciliar; mas também, curar as pessoas em situações concretas da vida. Segundo Libanio (2002, p. 119), a poimênica configura-se como a realização prática do cuidado pastoral, por meio da qual a comunidade cristã acompanha, escuta e oferece orientação a seus membros diante das diversas situações existenciais que vivenciam.

O ato de fé – a cura pela via alternativa da religião – não deve desconsiderar outras formas de cura. Deus age nos processos naturais e por meio deles. Não se limita a agir diretamente para cumprir seus objetivos na vida do cristão. Trata-se, também, de uma ação divina quando “pela aplicação de conhecimentos e práticas medicinais, o médico é bem-sucedido, conseguindo restaurar a saúde do paciente. A medicina faz parte da revelação geral de Deus, e o trabalho do médico é um canal de atividade divina” (ERICKSON, 1997, p. 102).

Por fim, a presente tese conclui que a Confissão Positiva, como fenômeno religioso contemporâneo, constitui um campo de pesquisa relevante e fundamental. A análise realizada, ao integrar fé, linguagem e mito, elucida como o movimento reorganiza a experiência religiosa e contribui para a constituição da identidade comunitária. Diante disso, o estudo reafirma que o sagrado, em vez de se extinguir nas sociedades modernas, encontra meios de se renovar. A palavra da fé, nesse

contexto, transcende a mera expressão de crença: ela é o lugar onde o divino é confessado, esperado e vivido.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. São Paulo: Editora FGV, 2004.

ÁLVARES, Roberto García; DÍAZ, Edgar Cabanas; NARCIANDI, José Carlos Loredó. La cura mental de Phineas P. Quimby y el origen de la psicoterapia moderna. **Revista de História de La Psicología**, volume 36, número 1. 2015. pp. 135-154. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/273326605_La_cura_mental_de_Phineas_P_Quimby_y_el_origen_de_la_psicoterapia_moderna. Acesso em: 08 jan. 2025.

ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar**. São Paulo: Papirus, 1998.

AMATUZZI, Mauro Martins. Religião e sentido da vida: um estudo teórico. **Temas em Psicologia**, São Paulo, v. 7, n.2, p. 183-190, out./1999. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v7n2/v7n2a08.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.

ASAD, Talal. **Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993.

ASSAMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Deus em nós: o reinado que acontece no amor solidário aos pobres**. São Paulo: Paulus, 2010.

BARONE, Paulo. **Hermenêutica carismática: fundamentos e implicações da interpretação bíblica no movimento da fé**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

BARTH, Karl. **A Proclamação do Evangelho**. São Paulo: Editora Novo Século, 2003.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BESSA, Daniela Borja. **Literatura de autoajuda cristã: em busca da felicidade ainda na terra e não só para o céu**. Doutorado em Ciências da Religião. PUC-SP, 2008.

Bíblia de Jerusalém. Antigo e Novo Testamento. Trad. Vários autores. École Biblique de Jérusalem. São Paulo: Paulus, 2022.

Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional. Trad. Comissão da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

Bíblia Sagrada. Revista e Atualizada no Brasil. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

Bíblia Sagrada. Tradução Ecumênica. Paris: Les Éditions du Cer et Société Biblique Françisc, 1988.

BOAS, Alex Villas. **Introdução à epistemologia do fenômeno religiosos**: interface entre ciências da religião e teologia. Curitiba: Intersaberes, 2020.

BOOF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BORBA, Perilo. **Biografia Bud Wrigth**. Campina Grande: Rhema Brasil Publicações, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Coleção Memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bernard Brasil S.A, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRITO, Renata Apgaua. **A dádiva Universal Reflexões em um debate ficcional**. Disponível em: file:///C:/Users/Casa/Downloads/silo.tips_renata-apgaua-a-dadiva-universal-reflexoes-em-um-debate-ficcional-orientadora-lea-freitas-perez.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Trad. Gordon Chown. São Paulo, Vida Nova, 2000.

CALLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1998.

CARSON, D.A. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CAMPOS, Heber Carlos de. **O Ser de Deus**: Sua Existência e Seus Atributos. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

CAMPOS, Heber Carlos de. **Teologia Sistemática**: O Homem e o Pecado. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado**: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

CASSIRER, Ernst. **An Essay on Man**: An Introduction to a Philosophy of Human Culture. New York: Doubleday & Company, 1954.

CÉSAR, Elben M. Lenz César. **História da evangelização do Brasil**: dos jesuítas aos neopentecostais. Minas Gerais: Ultimato, 2000.

CHAMPLIM, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 3.

COLEMAN, Simon. **The Globalisation of Charismatic Christianity**: Spreading the Gospel of Prosperity. Cambridge: Cambridge University Press, 2000

COMTE, Fernand. **Os livros sagrados**. Lisboa: Pergaminho, 1997

CSORDAS, Thomas J. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Trad. Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Vozes, 2001.

CROATTO, José Severino. **Hermenêutica bíblica**: para uma teoria da leitura como produção de significado. São Paulo: Paulinas, 1986.

- DAVIDSON, F. **O novo comentário da bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- DRESSER, Horatio Willis. **A History of The New Thought Movement**. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1920.
- DRESSER, Horatio Willis. **The Quimby manuscripts**. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1921.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972. PDF.
- ELLER, Jack David. **Introdução à antropologia da religião**. Trad. Gentil Avelino Tilton. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio**: O dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.
- FESTINGER, Leon. **Teoria da dissonância cognitiva**. Trad. Eduardo Almeida e Zahar Editores. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.
- FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: Um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2013.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREUND, Julien. Uma outra maneira de abordar as ciências sociais. **Análise Social**. v. 23, n. 95, Lisboa, 1º Sem. 1987, p.7-13. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41010608>. Acesso em: 01 ago. 2024.
- GEERTZ, Clifford. **The Interpretation of Cultures**. New York: Basic Books, 1973.
- GONDIM, Elnora. Kant e Sewdenborg: Mundo intelegível e sensível. **Revista Seara Filosófica**, Número 21, Inverno/2020, pp. 17-31. Disponível em: [file:///C:/Users/Casa/Downloads/19797-Texto%20do%20artigo-72955-2-10-20210408%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Casa/Downloads/19797-Texto%20do%20artigo-72955-2-10-20210408%20(1).pdf). Acesso em: 17 mai. 2023.
- GONZÁLEZ, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão**: Volume 1. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- GRUDEM, Vayne. **Teologia sistemática ao alcance de todos**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 1999.
- GUIMARÃES, Robson Franco. **Os últimos dias**: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_guimaraes.pdf. Acesso em: 27 set. 2024.

HAGIN, Kenneth Erwin. **A unção da cura**. Trad. José Ribeiro. Rio de Janeiro: Graça Editorial: 2002.

HAGIN, Kenneth Erwin. **Novos limiares da fé**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, s.d.

HAGIN, Kenneth Erwin. **O homem em três dimensões**. Trad. Gordon Chown. Rhema Bible Church, 1973.

HAGIN, Kenneth Erwin. **O nome de Jesus**. Trad. Gordon Chown. Rio de Janeiro: Graça, 2014.

HAGIN, Kenneth Erwin. **A palavra de Deus: Um remédio infalível**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2000.

HAGIN, Kenneth Erwin. **A unção da cura**. Trad. Josué Ribeiro. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002.

HAGIN, Kenneth Erwin. **Amor: o caminho para a vitória**. Rio de Janeiro: Graça, 1994.

HAGIN, Kenneth Erwin. **A autoridade do crente**. Tusla: Faith Library Publications, 1981.

HAGIN, Kenneth Erwin. **O que é a fé**. Trad. Maria Lucia Godde Corte. Campina Grande: Rhema Brasil Publicações, 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALLER, John S. **Novo Pensamento**. 2017. Disponível em: <https://wrlrels.org/pt/2017/12/31/new-thought/>. Acesso: 18 mai. 2023.

HALLER, John S. Swedenborg, **Mesmer e a conexão mente/corpo: as raízes da medicina complementar**. West Chester, PA: Fundação Swedenborg, 2012.

HANEGRAFF, Hank. **Cristianismo em crise**. São Paulo: CPAD, 1993.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HIGUET, Etienne A. Hermenêutica da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Org.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Loyola, 2010.

HOROWITZ, Mitch. **One simple idea: how positive thinking reshaped modern life**. New York: Crown Publishing Group, 2014.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

IGREJA VERBO DA VIDA. **Manual Centro de Cura**. Campina Grande: Rhema Brasil Publicações, 2018.

JAMES, William. **A vontade de crer**. São Paulo: Loyola, 2001.

JAMES, William. **The Varieties of Religious Experience**: A Study in Human Nature. New York: New American Library, 1958.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JOHNSON, Paul. **Psicologia da religião**. São Paulo: ASTE, 1964

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação**. Obras coligidas. v. VI. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KENYON, Essek William. **Jesus àquele que cura**. Campina Grande: Rhema Brasil Publicações, 2012.

KENYON, Essek William. **O maravilhoso nome de Jesus**: o livro que tem mudado a vida de oração de multidões. Kenyon Gospel Publishers, 1981.

KENYON, Essek William. **Os dois tipos de fé**: o segredo da fé revelado. Trad. Clayton Bezzan. Kenyon's Gospel Publishers Society, 1981.

KENYON, Essek William. **The hidden man**: an unveiling of the subconscious mind. Lynnwood: Kenyon's Gospel Publishing Society, 1981.

LIBANIO, João Batista. **Teologia da pastoral**. São Paulo: Loyola, 2004.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1999.

LUTERO, Martinho. **A Liberdade Cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MARIZ, Cecília L. **Coprodução de sentido**: religião e classes populares. Petrópolis: Vozes, 1994.

MATOS, Alderi Souza de. Raízes históricas da teologia da prosperidade. Edição 313. **Revista Ultimato**, 2008.

MAUSS, Marcelo. **Sociologia e antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Porto Alegre: Artemed, 2004.

MACARTHUR, John. **Carismáticos: os erros do movimento da fé**. São Paulo: Editora Fiel, 1992.

McCONNELL, D.R. **A different gospel**: a historical and biblical analysis of the modern faith. Peabody: Hendrickson, 1988.

MCGRATH, Alister. **Heresia**: uma história em defesa da verdade. Trad. José Carlos Siqueira. São Paulo: Hagnos, 2014.

MCGRATH, Alister. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**: Uma Introdução à Teologia Cristã. São Paulo: Paulus, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2015.

MESTERS, Carlos. **Comentário Bíblico Latino-Americano**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MEYER, Donald. **The positive thinkers**: a study of the american quest for health, wealth and personal power from Mary Eddy Baker to Norman Vincent Peale. New York: Doubleday Company, 1965.

MEYER, Donald. **The positive thinkers**: religion as pop psychology from Mary Baker Eddy to Oral Roberts. New York: Pantheon E Books, 1965.

MINISTÉRIO VERBO DA VIDA. **Ministério verbo da vida**, s.d. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/>. Acesso em: 11 abr. 2025.

MINISTÉRIO VERBO DA VIDA. **Ministério verbo da vida**, s.d. Disponível em: <https://verbodavida.org.br/>. Acesso em 11 abr. 2025.

MORAIS, Cristiano Ramos de. **Franz Anton Mesmer (1734-1815)**: o mesmerismo e sua avaliação pelas comissões reais na França do século XVIII. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2022.

MOSLEY, Glenn. **New thought, ancient wisdom**: the history and future of the new thought movement. Philadelphia: Templeton Foundation Press, 2006.

MOUNCE, William D. **Léxico analítico do Novo Testamento Grego**. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2013.

NOUWEN. Henry J. M. **O sofrimento que cura**. São Paulo: Paulinas, 2001.

OLIVEIRA, Karen Guedes; AQUÍNO, Thiago Antonio Avellar de. **A logoterapia no contexto da psicologia da religião**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283875875_A_LOGOTERAPIA_NO_CONTEXTO_DA_PSICOLOGIA_DA_RELIGIAO_-_DOI_105752P1983-24782014v9n16p225. Acesso em: 22 nov. 2021.

ORO, Ari Pedro. **Religiões e eleições no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1996

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. Trad. Daniel de Oliveira, Robson N. Malkomes e Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PANNENBERG, Wolfhart. **Filosofia e teologia**; tensões e convergências de uma busca comum. São Paulo: Paulinas, 2008.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais**: origens e começo. São Paulo: Paulinas, 2005.

PAULA, Robson Wander de. **Teologia da prosperidade**: adaptação da religião à lógica da sociedade de consumo. Dissertação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, 2013.

PIERATT, Allan B. **O evangelho da prosperidade**: análise e resposta. Trad. Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

QUIMBY, Phineas Parkhurst. **The Quimby Manuscripts**. Edited by Horatio W. Dresser. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1921.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria L. de O; OLIVEIRA, Márcia G. de. **Um toque clássico: Marx, Durkheim e Weber**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

QUITÉRIO, Moyses N. L. Uma releitura da teologia da prosperidade: contribuições sociais positivas de um ensino teológico. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/43858>. Acesso em: 11 nov. 2021.

RODRIGUES, Cátia Cilene L.; GOMES, A. M. de A. Teorias Clássicas da Psicologia da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013. p. 333-344.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes: o evangelho segundo Keneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em crise: decadência doutrinária na igreja brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

RUBIO, Alfonso Garcia. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SANTA SÉ. **Pontifícia Comissão Bíblica**. A interpretação da Bíblia na Igreja. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html. Acesso em: 28 nov. 2021.

SIMÕES, Ulisses Horta. **Encontro, G-12 e Igreja em Células: uma avaliação crítica**. Belo Horizonte: Autor, 2000.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Ciência da religião aplicada à teologia. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013. p. 649-661.

SCHOLZ, Vilson. **Novo Testamento Interlinear: Grego-Português**. Sociedade Bíblica do Brasil: São Paulo, 2004

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia Sistemática**. Trad. Augusto Victoriano. São Paulo: Hagnos, 2003.

SUNG, Jung Mo. **Experiência de Deus: ilusão ou realidade?** São Paulo: FTD S.A., 1991.

SUNG, Jung Mo. **Sementes da esperança: a fé em um mundo em crise**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SUSIN, Luiz Carlos. **Para uma Teologia da Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2003.

TEIXEIRA, Faustino. Ciência da religião e teologia. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013. p. 175-182.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editora, 2009.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TRACY, David. **A imaginação analógica**, a Teologia cristã e a cultura do pluralismo. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

VALLE, Espíndula. A psicologia da religião. In: USARSKI, F. (Org.). **O espectro disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

VALLE, Espíndula. Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, M. (Org.). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

VASCONCELOS, Sérgio Sezino Douets. Cultura urbana: Religião “à la carte”? Um diálogo com J. B. Metz. Disponível em: <http://www.unicap.br/revistas/teologia/edicoes/teologia2003.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2021.

VIDA e obra de Emanuel Swedenborg. [s.d.]. Disponível em: <http://www.swedenborg.com.br>. Acesso em: 27 set. 2024.

VIDA e obra de Emanuel Swedenborg. [s.d.]. Disponível em: <http://www.swedenborg.com.br>. Acesso em: 06 jan. 2025.

VINE, W. E; UNGER, Merril F; JUNIOR, William White. **Dicionário Vine**. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD; 2002.

WALLACE, Anthony F. C. **Religion: An Anthropological View**. Nova York: Random House, 1966.

XAVIER, Érico Tadeu. **Teologia da prosperidade**: história, análise e implicações. 2009. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/202/203>. Acesso em: 11 nov. 2021.

Zweig, Stefan. **La curación por el espíritu**: Mesmer, Mary Baker-Eddy, Freud. Barcelona: Acantilado, 1976.